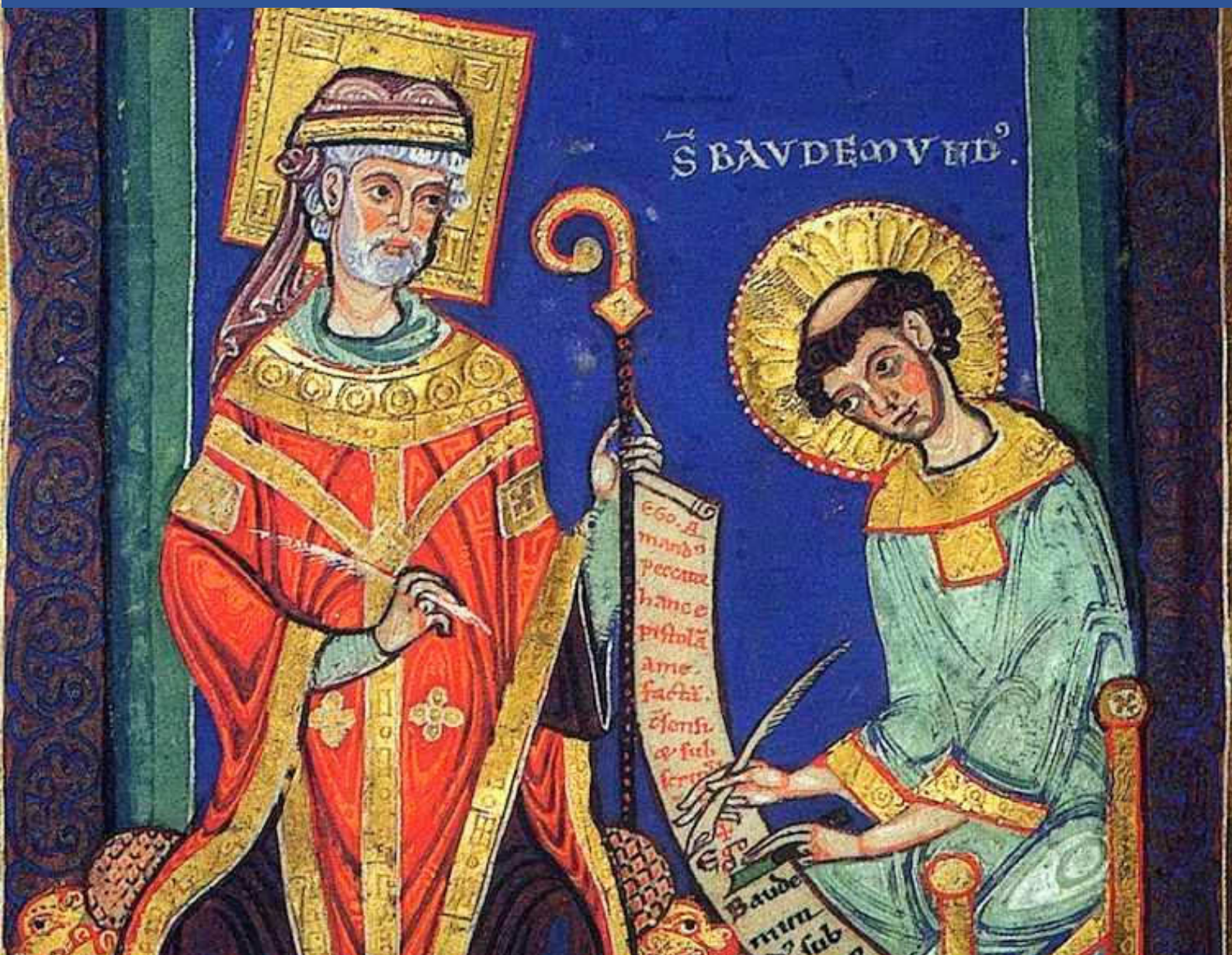


Universidade Federal do Rio de Janeiro
Instituto de História
Programa de Estudos Medievais



XI Semana de Estudos Medievais

03 a 05 de novembro de 2015

Caderno de Resumos

**XI SEMANA DE ESTUDOS MEDIEVAIS
03 a 05 de novembro de 2015
PROGRAMA DE ESTUDOS MEDIEVAIS
INSTITUTO DE HISTÓRIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

CADERNO DE RESUMOS

Coordenação Geral

Prof.^a Dr.^a Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva
Prof.^a Dr.^a Carolina Coelho Fortes
Prof.^a Dr.^a Leila Rodrigues da Silva
Prof. Dr. Paulo Duarte Silva

Comissão Organizadora

Bárbara Vieira dos Santos
Izabela Morgado Silva
Juliana Prata da Costa
Juliana Salgado Raffaelli

Comissão de Apoio

Gabrielly Soares Santos
Icaro Rossignoli
Jonathas Ribeiro dos S. C. de Oliveira
Marcelo Roberto da Silva
Maria Júlia Dutra Rabelo
Renan Costa da Silva

Monitores

Andréa Reis Ferreira Torres
Beatriz Pinheiro da Silva Barroso
Bruno Leonardo Frazão da Silva
Bruno Uchoa Borgongino
Diogo Rodrigues dos Santos
Flora Gusmão Martins
Gabriel Braz de Oliveira
Guilherme Marinho Nunes
Laís Luz de Carvalho
Luan Ribeiro de Araujo
Luander do Valle Barros
Luciana Souza
Mariane Godoy da Costa Leal Ferreira
Nathália Serenado da Silva
Thaiana Gomes Vieira
Thalles Braga R. Lins da Silva

Imagem da Capa

Santo Amando ditando a um escriba santo. Vida e milagres de Santo Amando, século XIII.
Biblioteca Municipal de Valenciennes, 1280.

Projeto Gráfico da Capa

Juliana Salgado Raffaelli

Edição do Caderno de Resumos

Bárbara Vieira dos Santos

Izabela Morgado Silva

Juliana Prata da Costa

Juliana Salgado Raffaelli

Realização:



www.pem.historia.ufrj.br
Contato: pem@historia.ufrj.br

APRESENTAÇÃO

As “Semanas de Estudos Medievais” iniciaram-se em 1991, mas desde 2001 são promovidas, a cada dois anos, pelo Programa de Estudos Medievais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Este ano, realizamos a XI Semana de Estudos Medievais, e, como nas edições anteriores, buscamos, sobretudo, divulgar a produção acadêmica de alunos em nível de Graduação e Pós-graduação de todo o país.

Durante o evento a produção discente e dos recém-egressos é apresentada em sessões de comunicações, coordenadas por docentes mais experientes que, em sua grande maioria, atuam no ensino superior e possuem larga trajetória na área dos estudos medievais. Assim, alunos de diferentes instituições de ensino, que concluíram seus cursos a partir de 2013 ou ainda estão cursando e com formação em diversas áreas - História, Filosofia, Letras e afins -, podem dialogar e aprimorar seus conhecimentos.

Nesta edição, além de discentes e docentes da UFRJ, receberemos pesquisadores provenientes da UERJ, UFPA, UFF, UFF-PUCG, UFPR, UNESA, UFRGS, UEG, UFRRJ, PUC-RJ, UEL, UNIRIO, USP, UFJF, UNESP e do Centro de Ensino Norberto de Sá.

Mantendo o nosso compromisso com o diálogo interdisciplinar e com a extensão acadêmica, teremos a oportunidade de apreciar, na abertura oficial do evento, a apresentação do Grupo Música Antiga da UFF, cuja pesquisa da música medieval tem encantado os estudiosos há anos.

Com o intuito de divulgar a produção dos medievalistas brasileiros, foram organizadas duas mesas redondas, com a participação de professores convidados, que apresentarão conclusões parciais de suas investigações, e o lançamento de livros que apresentam conclusões de pesquisas desenvolvidas no campo dos estudos medievais no Brasil.

Queremos, portanto, com a realização da XI Semana de Estudos Medievais, reafirmar o empenho do Programa de Estudos Medievais da UFRJ no sentido de estimular reflexões acadêmicas sobre o medievo no Brasil, propiciar um ambiente de troca intelectual entre pesquisadores em formação e especialistas e contribuir para a consolidação do medievalismo em nosso país.

Rio de Janeiro, 02 de novembro de 2015
Coordenação do Programa de Estudos Medievais

PROGRAMAÇÃO COMPLETA
XI SEMANA DE ESTUDOS MEDIEVAIS
03 a 05 de novembro de 2015

QUADRO BÁSICO DAS ATIVIDADES

Dias/ Horários	Terça-feira, 03.11.2015	Quarta-feira, 04.11.2015	Quinta-feira, 05.11.2015
13h às 14h30	Mesas de Comunicações	Mesas de Comunicações	Mesas de Comunicações
14h40 às 16h10	Mesas de Comunicações	Mesas de Comunicações	Mesas de Comunicações
16h20h às 17h50	Mesas de Comunicações	Mesas de Comunicações	Mesas de Comunicações
18h às 18h50	Lançamento de livros		
18h30 às 20h		Mesa-Redonda: Reflexões sobre a documentação medieval	Mesa-Redonda: Relações de poder na Península Ibérica medieval
19h às 20h30	Abertura: Saudação aos participantes Apresentação: MÚSICA ANTIGA DA UFF - A Música no tempo dos Jesuítas		

PROGRAMAÇÃO DETALHADA

ABERTURA OFICIAL

Dia: 03 de novembro de 2015

Horário: 19h

Local: Sala 106 – Largo de São Francisco, 1 – Centro – IH

Atividades:

- Saudação aos participantes
- Apresentação: MÚSICA ANTIGA DA UFF - A Música no tempo dos Jesuítas
Integrantes: Leandro Mendes, Lenora Pinto Mendes, Mario Orlando, Márcio Paes Selles, Virgínia Van der Linden. Convidada: Sônia Leal Wegenast

LANÇAMENTO DE LIVROS

Dia: 03 de novembro de 2015

Horário: 18h às 18h50

Local: Sala 113 – Largo de São Francisco, 1 – Centro – IH

Livros:

- BASTOS, Mário; DAFLON, Eduardo; FRIZZO, Fábio; KNUST, Jose; MELO, Gabriel; PACHÁ, Paulo (Editores). *O Pré-capitalismo em Perspectiva. Estudos em Homenagem ao Prof. Ciro F. S. Cardoso*. Rio de Janeiro: Ítaca, 2015.

- FREITAS, Edmar Checon de. *Gregório de Tours e a sociedade cristã na Gália dos séculos V e VI*. Niterói: Editora da UFF, 2014.
- SOUZA, Neila Matias de. *Em Nome de Deus: Cavalaria, Igreja, Pecado e Salvação no Ocidente Medieval (séc. XIII)*. São Luís: FAPEMA, 2015.
- TEIXEIRA, Igor Salomão. *A Legenda áurea de Jacope de Varazze*. Temas, problemas, perspectivas. São Leopoldo: Oikos, 2015.

MESAS-REDONDAS

Dia: 04 de novembro de 2015

Horário: 18h30 às 20h

Local: Sala 106 – Largo de São Francisco, 1 – Centro – IH

Título da Mesa-Redonda: Reflexões sobre a documentação medieval

- Prof^ª Dr^ª Marcella Lopes Guimarães (UFPR)
Notícias ibéricas no Livro III de Jean Froissart (1337-1405): notas sobre a circulação da informação na Baixa Idade Média
- Prof. Dr. Igor Salomão Teixeira (UFRGS)
A Legenda Áurea: novos temas, novos problemas?

Dia: 05 de novembro de 2015

Horário: 18h30 às 20h

Local: Sala 106 – Largo de São Francisco, 1 – Centro – IH

Título da Mesa-Redonda: Relações de poder na Península Ibérica medieval

- Prof^ª Dr^ª Renata Rodrigues Vereza (UFF)
Espaço, poder e propriedade: a monarquia castelhana baixo medieval e os grupos beneficiários das doações reais
- Prof^ª Dr^ª Miriam Cabral Coser (UNIRIO)
Terras e Justiça: a abrangência da atuação das rainhas na Baixa Idade Média portuguesa

MESAS DE COMUNICAÇÕES

**Terça-feira, 03.11.2015
13h às 14h30**

MESA 1: DEBATES TEÓRICOS EM HISTÓRIA MEDIEVAL

Coord: Alex da Silveira de Oliveira

1. A Idade Média encontra Bourdieu: pensando teoricamente a presença do martírio e da heresia na Legenda Áurea

João Guilherme Lisboa Rangel

2. Uma visão gramsciana das intervenções missionárias de Gregório I (590-604) na Gália

João Paulo Charrone

3. Como Marx pode ajudar os medievalistas?

Thiago Pereira da Silva Magela

4. Um olhar *Queer* sobre a Primeira Idade Média: uma proposta de análise do dispositivo de sexualidade Agostiniano em perspectiva foucaultiana

Wendell dos Reis Veloso

MESA 2: SEXUALIDADE E FEMININO NA IDADE MÉDIA

Coord: Ana Paula Lopes Pereira

1. A mulher diabólica em “O Jardim Perfumado” do xeique Al-Nafzāwī (século XV)

Celia Daniele Moreira de Souza

2. Os exemplos negativos e o modelo de vida cristã na *Vita Sanctae Brigittae* (século VII)

Clarissa Mattana

3. Misoginia medieval: a construção da justificação da subserviência feminina a partir de Eva e do pecado original

João Davi Avelar Pires

4. A representação da sexualidade e do feminino na literatura medieval: um estudo acerca da questão de gênero e dos papéis sexuais na Idade Média

Leticia Souza da Costa

MESA 3: CONTROLE SOCIAL E NORMATIZAÇÃO NA IDADE MÉDIA

Coord: Rosiane Graça Rigas Martins

1. Normatização e marginalidade nas atas bracarenses: a busca pela ortodoxia cristã na Galiza no século VI

Luan Ribeiro de Araujo

2. Os concílios eclesiásticos e a normatização da vida cristã no século V: primeiros apontamentos sobre as prescrições comportamentais nos cânones do Concílio de Calcedônia

Lucas Moreira Calvo

3. As sanções previstas no *Fuero Juzgo* para os casos de aborto provocado

Rosiane Graça Rigas Martins

Terça-feira, 03.11.2015

14h40 às 16h10

MESA 4: VISÕES DO FEMININO NA IDADE MÉDIA

Coord: Gabriel Castanho

1. O aspecto feminino do Espírito Santo e a devoção a Guglielma de Milão

Andréa Reis Ferreira Torres

2. ‘How could a woman occupy one or two hours with the love of our Lord?’: religiosidades femininas em Marguerite Porète e Margery Kemp

Carolina Niedermeier Barreiro

3. O problema do conhecimento humano no processo de aniquilação: uma análise do *Le Miroir des simples âmes anéanties* de Marguerite Porete (1250-1310)

Danielle Mendes da Costa

4. As práticas ascéticas no discurso hagiográfico merovíngio: reflexões sobre a Vida de Radegunda

Juliana Prata da Costa

MESA 5: ORDENS MENDICANTES, PREGAÇÃO E CANONIZAÇÕES NA IDADE MÉDIA

Coord: Thiago de Azevedo Porto

1. Reflexões sobre os processos de canonização abertos no século XIII em perspectiva comparada

Ana Clara Marques Lins

2. Reflexões sobre a sociedade assisense a partir de uma leitura do processo de canonização de Clara de Assis

Gabriel Braz de Oliveira

3. Frei Roberto Caracciolo, Roberto de Lecce, e sua obra *Sermones Quadragesimales de Poenitentia*

Jefferson Eduardo dos Santos Machado

4. A Ordem dos Pregadores e a canonização de Domingo de Gusmão: uma análise comparativa de documentos pontifícios (1233-1234)

Thiago de Azevedo Porto

5. Considerações sobre o modelo de clérigo na hagiografia mendicante de inícios do século XIII

Victor Mariano Camacho

MESA 6: MORTE NA IDADE MÉDIA

Coord: Cinthia M. M. Rocha

1. Os rituais fúnebres medievais: a morte domada e a morte de si mesmo

Carlos Roberto Coelho Filho

2. A Morte do nobre em Castela na Baixa Idade Média

Cinthia M. M. Rocha

3. Os sonhos, as aparições *post mortem* e a eficácia da oração dos santos segundo o *De Anima* de Aelred de Rievaulx (1167) em comparação com os *exempla* narrados na *Vita* de Mariad'Oignies (1213)

Ana Paula Lopes Pereira

4. Da estrutura do purgatório aos lugares de purgação dos pecados na obra *Visão de Túndalo*

Solange Pereira Oliveira

Terça-feira, 03.11.2015

16h20 às 17h50

MESA 7: ANTIGUIDADE TARDIA EM DEBATE

Coord: Paulo Duarte Silva

1. Sobre a graça e o livre-arbítrio nas fontes agostinianas “*De libero arbitrio*” (395) e “*De gratia et libero arbitrio*” (430): apresentação da pesquisa

Beatriz Pinheiro da Silva Barroso

2. Considerações iniciais acerca do *Pasionario Hispánico*: as paixões dos santos mártires dos séculos VI e VII

Flora Gusmão Martins

3. Formas de apropriação e penetração do paganismo: considerações preliminares

Maria Júlia Dutra Rabelo

4. *Suscipiamus in pectoribus nostris parvulum dominum*: os sermões natalinos de Cesário de Arles (502-542)

Paulo Duarte Silva

MESA 8: LITERATURA MEDIEVAL EM DEBATE

Coord: Ana Luiza Mendes

1. A retórica trovadoresca portuguesa e a afirmação de uma identidade

Ana Luiza Mendes

2. *Como quem jogueta per comparaçom*: concepções de tempo na escrita lopesiana (século XV)

Josena Nascimento Lima Ribeiro

3. Considerações acerca das produções do “*Libro del Passo Honroso*” de Pero Rodríguez de Lena (Leão e Castela, século XV)

Lucas Werlang Girardi

MESA 9: RELIGIÃO E SOCIEDADE NA IDADE MÉDIA

Coord: Rodrigo dos Santos Rainha

1. Translitterações teológicas da *Imitatio o Sanctorum*: Antônio Vieira e uma hagiografia de Santo Agostinho

Felipe Lima da Silva

2. Antônio *post-mortem*: tempo de santidade nas contendas do Duecento italiano (1230-1260)

Gustavo da Silva Gonçalves

3. Considerações preliminares sobre demonização na península ibérica do século XIII

Thalles Braga Rezende Lins da Silva

4. A iconografia do beato Simão de Trento e a difusão do culto ao menino mártir no final do século XV

Vinicius de Freitas Moraes

Quarta-feira, 04.11.2015
13h às 14h30

MESA 10: ASPECTOS ECONÔMICOS E URBANIDADE NA IDADE MÉDIA

Coord: Mário Jorge da Motta Bastos

1. A questão da propriedade nos mosteiros sob a perspectiva da *Regula Isidori* e da *Regula Monachorum*

Alex da Silveira de Oliveira

2. As cidades medievais na obra de Benjamin de Tudela

Anna Carla Monteiro de Castro

3. O discurso eclesiástico acerca da inalienabilidade patrimonial nas atas conciliares visigóticas

Guilherme Marinho Nunes

MESA 11: RELAÇÕES DE PARENTESCO E PODER NA IDADE MÉDIA IBÉRICA

Coord: Marta de Carvalho Silveira

1. Origem familiar e poder da rainha na corte portuguesa medieval (séculos XII - XV)

Danielle de Oliveira dos Santos-Silva

2. Vencer a morte para manter a linhagem: maternidade, paternidade e relações de poder nas *Cantigas de Santa Maria*

Guilherme Antunes Junior

3. Parentesco e incesto nas leis matrimoniais da *IV Partida de Afonso X* (1252 - 1284)

Luísa Tollendal Prudente

4. Relações familiares e de poder na aristocracia medieval portuguesa

Neila Matias de Souza

MESA 12: ICONOGRAFIA MEDIEVAL

Coord: Gracilda Alves

1. A influência estética da Arte Antiga e a importância do retrato para o culto privado da Arte Cristã: a "sobrevivência" de um modelo iconográfico

Daniele Cristina Liberato de Oliveira

2. Entre o imaginário e o vivido - as representações dos padeiros na catedral de Chartres (França - século XIII)

Debora Santos Martins

3. Orações pintadas: práticas devocionais e funções das iluminuras de livros de horas

Maria Izabel Escano Duarte de Souza

4. O ofício dos mortos: ritos e iconografias em livros de horas (século XV)

Patrícia Marques de Souza

Quarta-feira, 04.11.2015
14h40 às 16h10

MESA 13: CONSTRUÇÃO DE DISCURSO E IMAGENS NO MEDIEVO 1

Coord: Armando Pinto Antunes

1. "Com um rei na barriga": O discurso legitimatório sobre nascimento em João das Regras na Crônica de D. João I

Leandro Cordeiro de Souza

2. Portucale e as influências da igreja: um novo reino

Luiz José da Silva

3. Almorávidas, os velados e a conquista de Al-Andalus

Marta Bezerra de Almeida

MESA 14: HISTÓRIA E LITERATURA: DEBATES INTERDISCIPLINARES 1

Coord: Isabela de Albuquerque Rosado do Nascimento

1. Sir John Ronald Reuel Tolkien e as fontes medievais em *The Hobbit* (2006)

Diogo Kubrusly de Freitas

2. As diversas acepções do guerreiro nórdico: por um paralelo entre História, Sagas islandesas e Literatura fantástica

Douglas Esteves Moutinho

3. A representação da guerra medieval nas Crônicas de Gelo e Fogo

Fernanda Aparecida de Carvalho Barreto

4. O grande e o despreparado: uma análise comparativo dos reinados de Alfred (871-899) e Æthelred II (978-1016)

Isabela de Albuquerque Rosado do Nascimento

MESA 15: PERSPECTIVAS HISTORIOGRÁFICAS SOBRE A IDADE MÉDIA

Coord: João Cerineu Leite de Carvalho

1. Constantino e o poder imperial na História Eclesiástica de Eusébio de Cesareia - século IV

Andréia Rosin Caprino

2. História e historiografia: debates e reflexões acerca da datação da *Vita Sancti Theotonii*

Jonathas Ribeiro dos Santos Campos de Oliveira

3. A construção historiográfica da imagem do Rei Sábio

Paula de Souza Valle Justen

4. Considerações acerca das aproximações e distanciamentos historiográficos sobre a *Vita Desiderii*

Renan Costa da Silva

MESA 16: SAÚDE NA IDADE MÉDIA

Coord: Maria Dailza da Conceição Fagundes

1. A saúde infantil na Idade Média: o *Tratado das Crianças* de Bernardo de Gordônio (século XIV)

Larissa Lacé Sousa

2. O galenismo árabe-medieval e a concepção de saúde nos escritos médicos de Arnaldo de Vilanova (séculos XIII-XIV)

Maria Dailza da Conceição Fagundes

3. Saúde e terapêutica: análise da obra *A Cirurgia* de Henry de Mondeville (século XIV)

Mauricio Ribeiro Damaceno

4. A albeiteria e a saúde dos animais equestres no medievo (século XIV)

Rone Carlos Bernardo Soares

Quarta-feira, 04.11.2015
16h20 às 17h50

MESA 17: HISTÓRIA E LITERATURA: DEBATES INTERDISCIPLINARES 2

Coord: Álvaro Alfredo Bragança Jr

1. Quando as rainhas pegam em armas: uma comparação entre Boudicca e Florine de Borgonha

Beatriz Cerqueira de Castro

2. A batalha de Flodden (1513) - uma breve análise

Hiram Alem

3. Arquearia e cavalaria em “A Vida do Rei Henrique V”, de Shakespeare

Karina Nunes Pereira

4. O emprego das fortificações castelhanas na guerra de fronteira

Marcio Felipe Almeida

MESA 18: CONSTRUÇÃO DE DISCURSO E IMAGENS NO MEDIEVO 2

Coord: Armando Pinto Antunes

1. Arquitetura gótica na obra de Augustus Pugin: interpretações do passado medieval na Inglaterra dos séculos XVIII e XIX

Diomedes de Oliveira Neto

2. “Ecos do Passado”: o *medievalismo* na arquitetura contemporânea

João Batista da Silva Porto Junior

3. *Devşirme*: o processo de recrutamento de jovens cristãos sob o domínio do Império Otomano na Europa, século XV

Lucas Martiniano Pereira

4. A representação do outro na *Chanson de Roland*

Renan Perozini Gomes Barrozo

MESA 19: CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS NA PENÍNSULA IBÉRICA ENTRE OS SÉCULOS XII E XIV

Coord: Almir Marques de Souza Junior

1. Ideologia e poder régio em Castela na primeira metade do século XIII: a “elevação” de Fernando III no mercado de Valladolid (1217)

Almir Marques de Souza Junior

2. A construção da imagem da Rainha Teresa na hagiografia de São Teotônio

Mariane Godoy da Costa Leal Ferreira

3. Entre a legalidade matrimonial e a afirmação do poder: o papel político da rainha Maria de Molina de Castela (séculos XIII – XIV)

Mirja Myrcea Dennis Churquina Corro

4. Controle social: as vestimentas nas leis suntuárias da Península Ibérica no século XIV

Thaiana Gomes Vieira

Quinta-feira, 05.11.2015
13h às 14h30

MESA 20: MOVIMENTO MONÁSTICO NA ALTA IDADE MÉDIA

Coord: Bruno Uchoa Borgongino

1. O corpo nas regras monásticas ocidentais da Primeira Idade Média

Bruno Uchoa Borgongino

2. Reflexões sobre o lugar social de Martinho de Braga na Galícia, segunda metade do século VI

Diogo Rodrigues dos Santos

3. As relações de poder na *Vita Columbani* e *Vita Sancti Aemiliani*: uma análise comparada

Izabela Morgado da Silva

4. Considerações iniciais sobre o “monacato em movimento” nos reinos franco e visigodo do século VII: peregrinação e eremitismo

Juliana Salgado Raffaeli

MESA 21: ORDENS MENDICANTES NA IDADE MÉDIA

Coord: Carolina Coelho Fortes

1. As inovações de Francisco de Assis e do movimento franciscano no início do século XIII

Adrielle Jesus da Costa

2. Pregador e Estudioso? Análise da representação hagiográfica de São Domingos de Gusmão

Lucas Cunha Nunes

3. A *intentio* de frei Francisco e a afirmação interna dos frades menores pela pena de Boaventura de Bagnoregio

Maurício Alves Carrara

4. Os franciscanos na Etiópia e a obra Verdadeira Informação das Terras do Preste João

Vitor Borges da Cunha

MESA 22: ARTE E LITERATURA NO FINAL DA IDADE MÉDIA

Coord: Francisco de Souza Gonçalves

1. O tema do coração devorado no *Decameron*

Gabrielly Soares Santos e Icaro Rossignoli

2. Santas ou meretrizes? Mulheres e religião em *Decamerão*, de Giovanni Boccaccio

Flavia Vianna do Nascimento

3. A Távola Redonda e sua *peregrinatio* nos reinos da Lusofonia

Francisco de Souza Gonçalves e Bárbara Cecília Kreischer

4. Giotto na obra de Franco Sacchetti

Thatiane Piazza de Melo

MESA 23: REINO VISIGODO EM DEBATE

Coord: Cíntia Jalles de Carvalho de Araujo Costa

1. *De natura rerum* e os painéis rupestres das populações ágrafas brasileiras: uma análise comparada das representações astronômicas

Cíntia Jalles de Carvalho de Araujo Costa

2. Palácio, Concílios e os *Populi Conventu*: uma proposta para configurar o Estado visigodo (séculos VI-VIII)

Eduardo Cardoso Daflon

3. Considerações iniciais sobre a caracterização da guerra na Crônica de João de Bícario

Marcelo Roberto da Silva

Quinta-feira, 05.11.2015

14h40 às 16h10

MESA 24: CRISTIANIZAÇÃO E REFORMA RELIGIOSA NA IDADE MÉDIA

Coord: Jaqueline de Calazans

1. Considerações sobre o bispo na *Vita Sadalbergae* (século VII)

Bárbara Vieira dos Santos

2. Aspectos da construção do campo religioso no século IV e V: as referências ao priscilianismo na *Crônica* de Sulpício Severo

Jaqueline de Calazans

3. Arnaldo de Vilanova e a proposta de reforma da Igreja no *Super Facto Adventus Antechristi – Confissió* de Barcelona (1305)

Nabio Vanutt da Silva

4. Uma abordagem inicial sobre o empenho do episcopado galego em relação ao Batismo

Nathália Serenado da Silva

MESA 25: LEGENDA ÁUREA EM DEBATE

Coord: Rodrigo Ballesteiro Pereira Tomaz

1. Reflexões sobre a caracterização da dinastia Staufen na *Vida de São Pelágio da Legenda Áurea*

André Rocha de Oliveira

2. A temática martirológica no século XIII: reminiscência do passado ou assunto presente?

Dionathas Moreno Boenavides

3. Os leigos na legenda áurea: um estudo das vidas de Francisco, Domingos e Pedro Mártir

Henrique de Melo Kort Kamp

4. O tema do Além na Legenda Áurea

Laís Luz de Carvalho

MESA 26: NORMATIZAÇÃO RELIGIOSA E POLÍTICA NA IDADE MÉDIA

Coord: Renata Rozental Sancovsky

1. A expansão de Clóvis à Aquitânia visigótica: uma leitura das distintas orientações cristológicas

Luander do Valle Barros

2. Relações de poder e demarcação de espaços cristãos: um estudo acerca da conversão do reino Kent (séculos VI-VII)

Nathalia Agostinho Xavier

3. O sermão como elemento de cristianização da Provença no século VI

Thiago Fernando Dias

4. Religião e sociedade no Reino Normando da Sicília

Valtair Afonso Miranda

Quinta-feira, 05.11.2015

16h20 às 17h50

MESA 27: HISTÓRIA E LITERATURA: DEBATES INTERDISCIPLINARES 3

Coord: Henrique Marques Samyn

1. As diferentes belezas femininas no medievo

Ana Luiza Magalhães Poyares

2. A homossexualidade escarnecida: a sodomia nas cantigas medievais galego-portuguesas

Luiz Paulo Labrego de Matos

3. Uma nova percepção do homem pelo amor: as novelas de cavalaria

Nina Barbieri Pacheco

4. A poesia do olhar medieval

Thayane Gaspar Jorge

MESA 28: GUERRAS NA IDADE MÉDIA

Coord: Vinicius Cesar Dreger de Araujo

1. O Islã na Península Ibérica: as relações de poder e a historiografia sobre a “conquista” do reino visigodo em 711

Camila Dominice Vilardo

2. A Igreja e as cruzadas: um debate historiográfico

Elisabete Martiniano dos Santos Paiva

3. Christine de Pisan e as batalhas medievais: um estudo sobre os cercos e defesas da cidade (século XV)

Michely Alves de Lima Silva

MESA 29: ENFERMIDADE E ESTIGMA NA IDADE MÉDIA
--

Coord: Valtair Miranda

1. As enfermidades femininas no *Lilio da Medicina* de Bernardo de Gordônio (Montpellier – século XIV)

Carolina Gomes de Jesus

2. Os estigmas sobre a lepra e os leprosos na História medieval

Ismael Wesley de Souza Tinoco

3. A peste da Primeira Idade Média: visões e discursos em fontes dos reinos visigodo e franco

Nathália Cardoso Rachid de Lacerda

4. As paixões da alma e a melancolia no regimento de saúde do físico Maimônides (século XII)

Samuel Tolentino da Silva

ABERTURA OFICIAL

MÚSICA ANTIGA DA UFF A MÚSICA NO TEMPO DOS JESUÍTAS

A Companhia de Jesus, fundada em 1534 por Inácio de Loyola, foi confirmada pelo Papa Paulo III em 1540. A época de sua fundação coincide com a Contra Reforma Católica que foi especialmente forte nos reinos Ibéricos. Nesse momento, Portugal e Espanha estavam em pleno período das descobertas marítimas e colonização das Américas. Aos reis ibéricos estava designada a cruzada de conversão dos infiéis que num primeiro momento foram os árabes que habitavam sua própria península, depois as terras do norte da África e no momento das descobertas marítimas e colonização das Américas e Ásia, as populações indígenas. Em 1540, D. João III envia missionários para o Oriente: Ceilão, China e Japão. Na África, as missões penetraram os Reinos do Congo, Marrocos e Etiópia. Em 1549 os primeiros Jesuítas chegam ao Brasil com o governador Tomé de Souza. Em terras americanas os Jesuítas se dedicaram a fundação de escolas, cidades e à conversão dos indígenas. Por diversas vezes se opuseram as tentativas dos colonos europeus de escravizá-los. Fundaram aldeamentos indígenas com o objetivo de criar sociedades utópicas que possuíssem as qualidades das sociedades cristãs europeias mas fossem isentas de seus vícios e maldades. Esses aldeamentos chamados “missões” eram auto suficientes. Os jesuítas aprendiam a língua indígena e ensinavam as línguas europeias aos índios, além da religião cristã. Sua ação didática fazia uso do teatro e da música como ferramentas de ensino e conversão ao cristianismo. Os primeiros textos literários produzidos no Brasil foram compostos sobre músicas populares procedentes do cancionero e romanceiro peninsular, cujas letras eram mudadas “para o divino”. Essa prática, foi frequentemente utilizada por Anchieta e pelos primeiros missionários. Os Jesuítas que chegaram à América espanhola vieram do Brasil. Na América espanhola além da ação jesuítica, a música se desenvolveu nas catedrais através de seus mestres de capela. Entre eles destaca-se o português Gaspar Fernandes (1566-1629) que produziu músicas inéditas para a novela “Pastores de Belém” de Lope de Vega. A produção musical deste período deixa transparecer a síntese das culturas europeia, indígena e africana nos vilancicos índios e guineos, nos hinos religiosos em Nahuatl ou Quichua. Essa produção única, pouco divulgada ainda, demonstra como os modelos eruditos de composições europeias são reelaborados a partir da experiência multiétnica e multicultural vividas nos impérios português e espanhol nas Américas. O programa “A Música no tempo dos Jesuítas” trás um pouco dessa música produzida nas Américas, no tempo do “Siglo de ouro” que forjou os contornos do que viria a ser a Arte Barroca que nos países ibéricos mostrou sua face mais característica.

PROGRAMA

Tenga yo salud	Gaspar Fernandes séc. XVI
Desnudito	Gaspar Fernandes séc. XVI
Un reloj a visto Andres	Gaspar Fernandes séc. XVI

Oh larga esperança vana	Anônimo séc. XVI
Venid a sospirar	Anônimo séc. XVI (letra de Anchieta)
Recercada Quatro	Diego Ortiz séc, XVI
Mira Nero de Tarpeya	Anônimo séc. XVI (letra de Anchieta)
Dios itlazo	Hernando Franco séc. XVI
Hanacpachap cussicuinin	Anônimo séc. XVII
Tleycantimo choquiliya	Gaspar Fernandes séc. XVI
Xicochi xicochi	Gaspar Fernandes séc. XVI
Turulu neglo	Anônimo séc. XVI
Les Boffons	Toinot Arbeau séc. XVI

INTEGRANTES:

Leandro Mendes

Lenora Pinto Mendes

Mario Orlando

Márcio Paes Selles

Virgínia Van der Linden

Convidada: Sônia Leal Wegenast

MESAS REDONDAS

NOTÍCIAS IBÉRICAS NO *LIVRO III* DE JEAN FROISSART (1337-1405): NOTAS SOBRE A CIRCULAÇÃO DA INFORMAÇÃO NA BAIXA IDADE MÉDIA

Marcella Lopes Guimarães (UFPR)

O tema deste artigo congrega duas preocupações com quais tenho trabalhado desde 2009: o exame da obra do cronista de Valenciennes, Jean Froissart (1337-1405), e o estudo da circulação da informação no Ocidente Latino, entre Portugal, Castela e França, na Baixa Idade Média. Nesse texto, busco percorrer o Livro III das *Crônicas* de Froissart, para conferir quais acontecimentos o cronista evoca sobre a Península Ibérica e como o faz, excluía a Batalha de Aljubarrota. Sobre a relevância de abordar os acontecimentos ibéricos no Livro III, o próprio Froissart pode responder, ao declarar no primeiro parágrafo do seu prólogo, que se sentiu particularmente atraído às notícias que lhe chegaram da Península Ibérica. Como isso se manifesta na economia do texto? 45 % do Livro III, no Manuscrito que ampara esse artigo, referem-se a assuntos peninsulares ou que têm relação com a Península Ibérica.

A *LEGENDA AUREA*: NOVOS TEMAS, NOVOS PROBLEMAS?

Igor Salomão Teixeira (UFRGS)

Apresentamos neste trabalho reflexões realizadas no projeto Os Tempos da Santidade: Processos de Canonização e Relatos Hagiográficos de santos mendicantes (séculos XIII e XIV). Especificamente, tratamos em linhas gerais a seleção de temas e recortes que levaram à elaboração do livro no qual abordamos a *Legenda aurea* de Jacopo de Varazze. O objetivo é evidenciar características das edições as quais o leitor brasileiro tem disponível, possíveis temas e uma discussão sobre o imperativo do novo: novos temas, novos problemas, novas fontes. Embora difícil, abordar uma obra tão lida e estudada, é possível identificar problemas de pesquisa que, de fato, ajudariam a entender tanto a obra quanto ao que ela se propõe?

ESPAÇO, PODER E PROPRIEDADE: A MONARQUIA CASTELHANA BAIXO MEDIEVAL E OS GRUPOS BENEFICIÁRIOS DAS DOAÇÕES REAIS

Renata Rodrigues Vereza (UFF)

A Reconquista, processo no qual o mundo ibérico esteve envolvido durante quase a totalidade da Idade Média, engajou boa parte dos grupos sociais dos vários reinos da Península Ibérica e se afirmou como função primordial dos reis baixo medievais, deixando assim uma marca indelével nestas sociedades. Essa conjuntura específica da Península tem como um de seus corolários tanto a situação de guerra perene, quanto a

intensa instabilidade e movimento contínuo das fronteiras, dando ao contorno destes reinos características bastante peculiares. Os objetivos de expansão territorial de cada reino, o estágio de centralização política e as relações entre as classes dominantes, as influências externas, o grau de resistência das populações conquistadas, os objetivos políticos pessoais dos monarcas, o espaço a ser reocupado (urbano ou rural), a densidade populacional do reino no momento do repovoamento, são alguns dos fatores a serem considerados quando são observadas as variações na atuação cristã. Fatores estes fundamentais à própria compreensão do processo reconquistatório. Portanto, é fundamental para a compreensão da Baixa Idade Média Ibérica, ainda mais castelhana, que as formas como estas comunidades políticas lidaram com os espaços que passaram a dominar seja entendida. Pois antes de tudo, os cristãos herdaram nos territórios conquistados uma organização muito específica, as quais tratam de modificar para ajustá-la tanto do ponto de vista físico (povoamento, paisagem), como social (regime de propriedade, divisão paroquial...) e administrativo (eclesiástico, civil...) a uma nova pauta, cuja cristalização, variável em coerência interna segundo cada espaço, pode ser verificado em diversos. Sendo assim o processo de organização do espaço, neste caso, derivado ou intrínseco ao processo de Reconquista, não pode ser analisado separadamente do processo de centralização política do reino. Para tal, interessa-nos particularmente o processo de distribuição de terras feito pela monarquia castelhana durante os séculos XIII e XV, não somente como forma de rearticulação do espaço sul peninsular, mas como processo de configuração de um conjunto de relações de poder entre a monarquia, nobreza, Igreja e comunidades.

TERRAS E JUSTIÇA: A ABRANGÊNCIA DA ATUAÇÃO DAS RAINHAS PORTUGUESAS NA BAIXA IDADE MÉDIA

Miriam Cabral Coser (UNIRIO)

O problema da abrangência do poder das rainhas medievais há muito vem sendo discutido. A historiografia que transpunha para a Idade Média uma dicotomia entre o público e o privado, característica da modernidade, acabou por apresentar a atuação das rainhas medievais nas esferas do poder régio como excepcionalidade de casos isolados. Entretanto, a relativização dessa dicotomia para a temporalidade medieval, o aprofundamento das discussões sobre a natureza do poder régio, assim como as contribuições dos estudos de gênero têm levado a uma reavaliação do papel político e social dessas mulheres. Por conseguinte, o presente estudo tem como objetivo fazer um balanço das contribuições historiográficas sobre a abrangência da atuação das rainhas medievais portuguesas na Baixa Idade Média no que diz respeito a dois vetores fundamentais do poder no mundo medieval: as terras e a justiça.

COMUNICAÇÕES

AS INOVAÇÕES DE FRANCISCO DE ASSIS E DO MOVIMENTO FRANCISCANO NO INÍCIO DO SÉCULO XIII

Adriele Jesus da Costa (Graduanda – UFF-PUCG)

O contexto de efervescência religiosa do século XIII coloca-nos a seguinte indagação: que inovações trouxeram Francisco de Assis e o franciscanismo para o cenário eclesiástico medieval? Este trabalho tem como objetivo principal apreender tal questão por meio de uma discussão historiográfica. Nas informações obtidas, percebemos que a época de Francisco é “herdeira de buscas e anseios anteriores”. Partindo desse pressuposto, propõe-se compreender o contexto religioso que o precede e de seu respectivo período, bem como, buscar apresentar perspectivas de autores sobre o assunto.

A QUESTÃO DA PROPRIEDADE NOS MOSTEIROS SOB A PERSPECTIVA DA REGULA ISIDORI E DA REGULA MONACHORUM

Alex da Silveira de Oliveira (Doutorando PPGHC – UFRJ)

A atividade monástica no reino visigodo ibérico do século VII recebeu ampla aderência social. Associado a este dinâmico cenário, foram erigidas diversas casas abaciais e seus respectivos códigos ordenadores, ou seja, regras monásticas foram escritas. Em geral, o alvo destas produções documentais fazia-se por veicular padrões de comportamentos aos religiosos que a elas se submetiam e tal intento se dava em consonância com os ditames da ortodoxia válidos no referido contexto. Oriundo desta conjuntura e constituindo-se uma resposta a ela, destacamos dois documentos que propomos para a análise, a saber, *Regula Isidori* e a *Regula Monachorum Fructuosi*.

Estas regras monásticas possuem a autoria, respectivamente, do bispo Isidoro de Sevilha e ao igualmente bispo Frutuoso de Braga – ilustres figuras eclesiásticas reconhecidas como autoridades no período. Nesta comunicação, objetivamos analisar a questão da posse de bens no mosteiro, comparando as orientações fornecidas por ambos os textos em questão.

IDEOLOGIA E PODER RÉGIO EM CASTELA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIII: A “ELEVAÇÃO” DE FERNANDO III NO MERCADO DE VALLADOLIDE (1217)

Almir Marques de Souza Junior (Doutor – UFF)

Os estudos históricos dedicados à Idade Média na contemporaneidade possuem uma significativa quantidade de trabalhos dedicados à temática do poder régio e às bases de sua autoridade nos respectivos reinos. Num âmbito mais geral, nomes como Marc Bloch e Walter Ullmann nos mostraram como parte dos fundamentos ideológicos das casas régias medievais esteve, durante muito tempo, associado à um conjunto de ideias que indicava que tanto o rei como a instituição régia tinham uma marcada origem sobrenatural, remontando à própria divindade cristã como elemento fundador do poder

terreno. Assim, a concepção de uma monarquia sagrada esteve presente em boa parte das obras de cunho político do medievo, principalmente nas obras de cunho histórico. No caso ibérico, autores como Nieto Soria e Gozález Jiménez procuraram mostrar como tal concepção sacralizada também se manifestava, guardadas as devidas especificidades, nas regiões dos reinos de Castela e Leão, reforçando o caráter divino atribuído às cabeças coroadas. Contudo, procuraremos demonstrar neste breve comunicação que, ainda em princípios do século XIII, já é possível observar a inserção de novas “bases” para o poder dos reis castelhanos, bases estas as quais não estavam necessariamente vinculadas ao sagrado, mas partiam já de elementos cotidianos à vida dos chefes de estado medievais. Para isso, utilizaremos o caso da “elevação” de Fernando III, feito rei de Castela em 1217, em pleno mercado, às portas da cidade de Valladolid. Tal fato é contado, ainda durante o governo do mesmo rei, em dois importantes registros que, posteriormente, influenciariam de maneira profunda a historiografia castelhana. São eles a *Crônica Latina dos Reis de Castela* e a *Crônica dos feitos de Espanha*. Desta forma, procuraremos evidenciar que os próprios defensores da autoridade monárquica, sem abdicar das referências sagradas, reconheciam a importância dos elementos cotidianos e pragmáticos na produção de uma ideologia régia.

REFLEXÕES SOBRE OS PROCESSOS DE CANONIZAÇÃO ABERTOS NO SÉCULO XIII EM PERSPECTIVA COMPARADA

Ana Clara Marques Lins (Graduada – UFRJ)

O Projeto coletivo Hagiografia e História: um estudo comparativo sobre a santidade, coordenado pela professora Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva, registrado no Sigma sob o número 5013 e vinculado ao Grupo de Pesquisa Programa de Estudos Medievais (cadastrado no Diretório de Grupos do CNPq), tem por objetivo estudar o fenômeno da santidade nos séculos XI a XIII nas Penínsulas Ibérica e Itálica. No âmbito deste projeto, dentre outros dados, foram inventariadas informações sobre as pessoas consideradas dignas de culto e sobre as quais foram abertos processos de canonização no século XIII. Pretende-se, a partir deste levantamento, comparar o perfil daqueles que viveram ou aturam nas Penínsulas Ibérica e Itálica com aqueles que viveram ou aturam nas demais regiões geográficas. Como partimos do pressuposto de que a santidade é um fenômeno histórico, nossa meta é discutir se a conjuntura específica das penínsulas em relação às outras regiões foi um fator que influenciou a busca pelo reconhecimento papal da santidade.

AS DIFERENTES BELEZAS FEMININAS NO MEDIEVO

Ana Luiza Magalhães Poyares (Graduanda - UERJ)

Dentre as preocupações cotidianas atribuídas às mulheres da Idade Média, estas ainda tinham que se policiar quanto a sua estética perante a sociedade. Este trabalho tem como objetivo ilustrar alguns padrões de beleza das mulheres no período da Idade Média. Almejo demonstrar como esses atributos e qualidades eram vistos pela sociedade medieval e pelo seu mais forte aparato regulador, a Igreja Católica. É através de apetrechos e ferramentas como maquiagens, joias e roupas luxuosas que intento evidenciar o lugar social da mulher e a sua relação com o matrimônio e a maternidade. Em segundo plano, visa-se analisar as diferentes maneiras de retratar a beleza feminina,

o contraste entre a beleza simplória atribuída as mulheres castas e a discriminação que recaía sobre as mulheres que se mantinham fora da custódia de determinados padrões da época.

A RETÓRICA TROVADORESCA PORTUGUESA E A AFIRMAÇÃO DE UMA IDENTIDADE

Ana Luiza Mendes (Doutoranda – UFPR)

A afirmação da identidade é um dos elementos que constituem a definição do que é um ser humano. Tal construção perpassa pela referência à língua, à terra que habita, ao grupo social a que pertence. Está relacionada, portanto, a diferentes dimensões: política, geográfica, social e cultural que, de certa maneira, estão interligadas. É um tema que suscita inúmeras repercussões na atualidade, mas que, se observarmos de perto, é uma preocupação humana constante em diferentes períodos históricos, ainda que não seja definida com o termo “identidade”. Dessa forma, podemos identificar elementos que nos levam a perceber as preocupações em torno de uma necessidade de afirmação, seja política, social ou cultural. Tais elementos estão intimamente relacionados no movimento trovadoresco galego-português, tanto no que se refere à aglutinação de determinados indivíduos em torno de uma atividade que promove uma coesão social, tanto pelas obras que são constituídas através de uma retórica que promove a percepção de identidades. No que diz respeito ao primeiro aspecto, deve-se levar em conta que o trovadorismo em Portugal coincide com os reinados de Afonso III (1248-1279) e de Dom Dinis (1279-1325) que desenvolvem uma política de centralização política que tem neste movimento cultural uma de suas facetas. No tocante ao segundo aspecto, é Dom Dinis quem surge como protagonista, uma vez que a sua retórica poética pode ser compreendida como uma forma de estabelecer as diferenças entre o trovar provençal e o português e, assim, contribuir para a percepção de características do ser português. Assim, procuraremos observar os traços desta produção trovadoresca que indicam o delineamento de uma identidade portuguesa.

OS SONHOS, AS APARIÇÕES *POST MORTEM* E A EFICÁCIA DA ORAÇÃO DOS SANTOS SEGUNDO O *DE ANIMA* DE AELRED DE RIEVAULX (1167) EM COMPARAÇÃO COM OS *EXEMPLA* NARRADOS NA *VITA* DE MARIA D’OIGNIES (1213)

Ana Paula Lopes Pereira (Doutora – UERJ)

No século XII os victorinos, os cistercienses e os escolares, mesmo debitários da autoridade dos Pais gregos e latinos, fundadores da metafísica cristã, refletiram sistematicamente, pela primeira vez no ocidente medieval, sobre a alma, o corpo, o espírito e o conhecimento humanos - enfim, sobre a pessoa. Nessa corrente, quatro obras se sobressaem, entre os cistercienses, na tentativa de compreensão sobre o composto corpo e alma. São elas: *De Natura corporis et animae*, de Guillaume de Saint-Thierry, de 1140; uma epístola, *De Anima*, de Isaac Stellae; *De Anima*, de Aelred de Rievaulx, de 1166-1167 e *De Spiritu et Anima*, uma compilação anônima de 1170. Dentre todos esses autores monásticos Aelred de Rievaulx se interessa particularmente pela alma separada do corpo pela morte. Nesse sentido, Aelred reflete sobre os sonhos, as visões e as aparições dos mortos e coloca três questões sobre o estado, comparado ao sonho, no qual a alma se encontra privada de corpo, a saber: o que é a oração aos santos; como se dá a comunicação dos defuntos; e, principalmente, já que a alma se encontra

sem seus sentidos, como pode, no caso dos santos, segundo a Graça, ser a alma eficaz e agir no esquema da Salvação? Nessa comunicação, buscamos aprofundar a comparação entre os escritos de Aelred de Rievaulx e a narrativa hagiográfica tal como aparece nas *vitae* das mulheres religiosas da diocese de Liège, particularmente na *vita* de Maria d'Oignies (1213), escrita por Jacques de Vitry. Tendo anteriormente relacionado a *vita* com o *De Amicitia* e o *Speculum Caritatis*, buscamos o *De Anima* para refletir sobre a relação entre a eficácia da oração aos santos e a aparição destes e dos mortos, seguindo os *exempla* que aparecem na *vita*, uma vez que a função específica da beata é a intervenção pelas almas do Purgatório.

REFLEXÕES SOBRE A CARACTERIZAÇÃO DA DINASTIA STAUFEN NA VIDA DE SÃO PELÁGIO DA LEGENDA ÁUREA

André Rocha de Oliveira (Graduando – UFRJ)

A *Legenda Áurea* foi o legendário mais difundido no medievo, tendo sido a segunda obra mais copiada do período, só perdendo para a Bíblia. Datada do século XIII, esta compilação de *Vidas de Santos* teve sua autoria atribuída a Jacopo de Varazze. Este frade pertenceu à Ordem Dominicana. Sua atuação, primeiro como provincial e, depois, durante um breve período, como mestre geral da Ordem, foi de suma importância para os assuntos político-religiosos na região da Lombardia, norte da Península Itálica.

Em nossa pesquisa, temos por escopo analisar a *Vida de São Pelágio*, uma das *Vidas* que compõem essa obra. Nossa problemática central é discutir o porquê da presença dessa *Vida* no legendário, uma vez que seu conteúdo destoa do das demais hagiografias. Nossa hipótese é de que a mesma se encontra na *Legenda Áurea* com o objetivo de reafirmar a autoridade do poder eclesiástico face ao laico e servir como propaganda dos interesses do papado.

Nesta comunicação, apresentaremos algumas conclusões parciais de nossa pesquisa, que está vinculada ao projeto coletivo *Hagiografia e História: um estudo comparativo da santidade*. Assim, nosso foco é analisar as referências aos imperadores do Sacro Império Romano que pertenceram à Casa Staufen presentes na *Vida de São Pelágio*.

O ASPECTO FEMININO DO ESPÍRITO SANTO E A DEVOÇÃO A GUGLIELMA DE MILÃO

Andréa Reis Ferreira Torres (Mestranda – UFRJ)

O presente texto tem como objetivo apresentar algumas considerações sobre a pesquisa que temos desenvolvido durante o mestrado e que parte de reflexões acerca das possibilidades de construção da santidade no final da Idade Média Central, por meio dos registros de dois processos produzidos na Península Itálica no século XIII: o *Processo de Canonização de Santa Clara de Assis* e o *Processo Inquisitorial Contra os Devotos e as Devotas de Santa Guglielma*.

Nossa análise parte de alguns pressupostos. Primeiro, que os grupos de devotos vivenciavam as experiências religiosas relacionadas ao culto de suas santas de maneiras bastante variadas, mesmo dentro de contextos aparentemente próximos, ou seja, comunidades religiosas da Península Itálica do século XIII. E, em segundo, que a formação das imagens das duas santas foi distinta: uma foi exaltada e reconhecida pelo papado e outra renegada e considerada herética por esta instituição.

No presente texto, nos concentraremos na fonte inquisitorial e nos elementos apresentados pelos devotos de Guglielma como justificativa para a sua veneração. Nos interessará, sobretudo, a associação feita por alguns devotos entre ela e o Espírito Santo. Para tanto, procuramos neste momento estabelecer um paralelo entre o conteúdo do processo inquisitorial e outros escritos referentes a heresias daquele recorte temporal que têm como marca uma maior devoção à terceira pessoa da Trindade, além de avaliar as possibilidades de uma identificação do Espírito Santo como um atributo do feminino.

CONSTANTINO E O PODER IMPERIAL NA HISTÓRIA ECLESIASTICA DE EUSÉBIO DE CESAREIA – SÉCULO IV

Andréia Rosin Caprino (Mestranda – UFPR)

Dentro do panorama romano tardio, no qual política e religião são inseparáveis, voltamos nossa atenção ao Augusto e Imperador romano Constantino (306-337) e ao Bispo e escritor cristão Eusébio de Cesareia (265-339), personagens que são destacados no universo sociopolítico imperial romano dos primórdios do século IV. Nossa análise, baseada na elaboração feita por Eusébio sobre os motivos da assunção de Constantino ao poder imperial, tem como ponto de partida a *História Eclesiástica* do Bispo de Cesareia. Ela foi produzida em um contexto no qual não se podia mais negar a presença do cristianismo e, concomitantemente, o poder imperial buscava ampliar as suas bases de sustentação política. Este encontro entre o já destacado cristianismo e a ação político-ideológica constantiniana é recoberto por uma ampla legitimidade na obra do Bispo de Cesareia Marítima (Província romana da Palestina I). Tal confluência representa uma novidade no mundo imperial romano, mas não uma mudança drástica, uma vez que Constantino adotou o cristianismo sem desvincular-se do paganismo. Sob a perspectiva da *Antiguidade Tardia*, pretendemos observar como a *História* eusebiana narra essas transformações político-institucionais e a maneira com que constrói a imagem de um imperador cristão.

AS CIDADES MEDIEVAIS NA OBRA DE BENJAMIN DE TUDELA

Anna Carla Monteiro de Castro (Doutoranda – UFF)

Benjamin de Tudela, viajante judeu que durante o século XII percorreu uma série de cidades, sobretudo (mas não exclusivamente) ao redor do Mediterrâneo, legou-nos um relato bastante rico sobre os locais pelos quais passou em seu *Sefer Masao't*. Preocupado em descrever estas cidades percorridas, seus elementos constitutivos, economias, arquiteturas, hierarquias e cotidianos, atentava sobretudo para a presença judaica nestes locais e sua relação com os governos locais.

Pretendemos, na comunicação proposta, apresentar os elementos mais característicos que saltaram aos olhos do viajante e que, de alguma forma, considerou relevantes serem mencionados em seu relato.

Ao fazê-lo, pretendemos não a composição de um quadro do que estas cidades eram, mas do que eram para o viajante. Partindo de seus filtros culturais e visões de mundo, isto é, de seu lugar de fala, nosso objetivo, mais que uma história destas cidades, é entender porque o autor destaca certos elementos e, portanto, como seu relato destas cidades nos informa muito mais sobre seu lugar de origem, sua cultura e visão de mundo.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O BISPO NA *VITA SADALBERGAE* (SÉC. VII)

Bárbara Vieira dos Santos (Mestranda – UFRJ)

O período merovíngio que se estendeu entre os séculos V e meados do VIII foi bastante conturbado em termos políticos, especialmente no que tange à sucessão real. Este processo, via de regra, envolveu conflitos entre as três principais regiões do reino franco (Burgúndia, Austrásia e Nêustria), que nem sempre estavam sob o comando do mesmo monarca. Em tal conjuntura o episcopado tinha papel importante, pois se aliava aos monarcas e suas famílias e acabavam por ter participação nos eventos políticos. Dentre os meios de influência do episcopado estavam a evangelização do reino e a fundação de mosteiros organizados também por mulheres, sobretudo no século VII. Entre essas abadessas estava Sadalberga membro de uma família da aristocracia envolvida na evangelização dos francos pelo sistema monástico irlandês. Um dos aspectos que tem chamado nossa atenção ao longo da nossa pesquisa, iniciada no princípio deste ano, diz respeito à presença constante de bispos nas hagiografias sobre mulheres, seja para legitimá-las ou as influenciando de alguma maneira. Assim, neste trabalho, temos como objetivo apresentar o documento e levantar algumas considerações acerca da participação do bispo na *Vita Sadalbergae*.

QUANDO AS RAINHAS PEGAM EM ARMAS: UMA COMPARAÇÃO ENTRE BOUDICCA E FLORINE DE BORGONHA

Beatriz Cerqueira de Castro (Graduanda – UFRJ)

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa comparativa do Grupo de Estudos NIELIM, ainda em fase inicial, sobre rainhas guerreiras que viveram na antiguidade e na Idade Média no grupo de estudo NIELIM. As duas rainhas escolhidas apresentam traços comportamentais semelhantes e pretende-se analisar o que levou tais mulheres a dirigirem-se ao campo de batalha e ou mesmo a pegar em armas. Além de procurar refletir acerca das possíveis razões que as levaram à guerra, deseja-se comparar essas duas personagens em momentos distintos da História, a partir das fontes documentais literárias, com vistas a estabelecer os pontos de convergência e divergência entre a descrição de ambas no que diz respeito a participação nas lutas. Com relação às fontes consultadas, Tacitus (tradução de Arthur Murphy de 1794) e Bulst (1961) serão os principais autores sobre Boudicca, enquanto que para Florine, a consulta será principalmente em Michaud (1815) e d'Aix (1879). Versões ficcionais de ambas rainhas também serão analisadas com destaque para Maccabe (1855) e sua obra sobre Florine.

SOBRE A GRAÇA E O LIVRE-ARBÍTRIO NAS FONTES AGOSTINIANAS “*DE LIBERO ARBITRIO*” (395) E “*DE GRATIA ET LIBERO ARBITRIO*” (430): APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

Beatriz Pinheiro da Silva Barroso (Graduanda – UFRJ)

A pesquisa orientada pelo professor Paulo Duarte Silva tem como objeto de estudo um dos temas frequentemente pelo bispo de Hipona em suas principais fontes: a graça e o livre-arbítrio. Esta comunicação visa apresentar os primeiros passos desta

pesquisa, a partir do estudo de duas obras: “*De libero arbitrio*” (395) e “*De gratia et libero arbitrio*” (430). Além dos documentos indicados e seus respectivos contextos de produção, serão destacadas as principais bibliografias disponíveis sobre o tema.

Escrita após a morte de sua mãe, em “*De libero arbitrio*” Agostinho discursa sobre a natureza do pecado e a sua relação com as ações dos homens com o intuito de proteger-se e alertar sobre os maniqueístas. Já “*De gratia et libero arbitrio*” seria uma carta endereçada aos monges de uma cidade africana com o objetivo de esclarecer pontos sobre o livre-arbítrio.

Nesta comunicação, buscamos examinar de que forma a graça e o livre-arbítrio são caracterizados nas referidas obras e analisar se entre elas há diferenças relevantes para o nosso estudo.

O CORPO NAS REGRAS MONÁSTICAS OCIDENTAIS DA PRIMEIRA IDADE MÉDIA

Bruno Uchoa Borgongino (Doutorando – UFRJ)

O movimento monástico começou a se difundir no Ocidente latino a partir do século IV. Ante a proliferação de ascetas, membros da elite eclesiástica promoveram a modalidade cenobítica de monaquismo, pautada na estabilidade numa comunidade dirigida por um abade. O favorecimento dessa forma de vivência ascética propiciou a inserção dos monges numa posição institucional passível de controle por parte das autoridades clericais.

No decorrer da Primeira Idade Média, redigiram-se regras monásticas, ou seja, documentos de caráter normativo contendo capítulos que contemplavam aspectos diversos do cotidiano monástico. Esses textos vinculavam diretrizes comportamentais pautadas, dentre outros elementos, na negação dos prazeres físicos e rígido controle sobre o corpo.

A presente comunicação tem como objetivo apresentar um panorama de como o corpo era abordado nas regras monásticas ocidentais. Cabe ressaltar que pretendo, nessa apresentação, expor uma síntese de algumas hipóteses levantadas no decorrer das investigações que realizo sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Leila Rodrigues da Silva desde a graduação até o momento atual, no doutorado, a respeito do tema.

O ISLÃ NA PENÍNSULA IBÉRICA: AS RELAÇÕES DE PODER E A HISTORIOGRAFIA SOBRE A “CONQUISTA” DO REINO VISIGODO EM 711

Camila Dominice Vilardo (Graduanda – UNESA)

O trabalho objetivou uma abordagem sobre a chamada “conquista” muçulmana no reino visigodo. Diante de uma perspectiva da historiografia recente, buscamos discutir, para além da narração dos eventos, as relações de poder envolvidas no princípio do século VIII. Dessa forma visamos compreender como encontrava-se o reino visigodo antes, da chegada do islã em seu território, analisando as principais forças coexistentes dentro dessa localidade e seus interesses. Além disso, foi necessário pesquisar os interesses dos islâmicos, recém-chegados na península ibérica, junto aos que já se encontravam nesse território, para assim entender a transição do reino visigodo cristão para um califado em 754, e como foi o seu domínio sobre a população visigótica.

Dessa maneira, foi fundamental pesquisar diferentes visões, de historiadores, sobre como ocorreu à entrada dos muçulmanos no reino visigodo, e mais do que isso, entender quais eram os interesses dos cristãos e dos judeus que ali viviam, nos quais muitas vezes suplantavam a religião por interesses próprios. Desse modo, permitindo a entrada do islã, que gerou uma mudança de poder dentro da região da península hispânica e possibilitou o surgimento de uma nova sociedade.

OS RITUAIS FÚNEBRES MEDIEVAIS: A MORTE DOMADA E A MORTE DE SI MESMO

Carlos Roberto Coelho Filho (Mestrando – UFF)

Nas diversas maneiras como é compreendida, a finitude humana se apresenta como um importante aspecto revelador sobre os modos como a própria vida é definida em determinado contexto histórico e cultural. A partir da observação da iconografia medieval, esta comunicação analisará as práticas dos rituais fúnebres que participavam do desatar de vínculos, assim como do enfrentamento da angústia que a consciência da finitude gerava.

De acordo com a perspectiva de Philippe Ariès, em seu livro intitulado *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*, nos tempos medievais existia uma morte domada, devido a familiaridade que os sujeitos daquela época tinham com a morte. Isso não quer dizer que antes disso a morte tenha sido selvagem e, em seguida, foi domesticada. Pelo contrário, no século XX, ela teria se tornado selvagem, enquanto anteriormente não o fora, já que a morte da Idade Média era domada e pública.

Mas, por volta do século XII, surgiram algumas mudanças nas representações das atitudes diante da morte e na organização dos cemitérios, que aos poucos contribuíram para dar um caráter pessoal e dramático à familiaridade com a morte. Portanto, esses novos aspectos demonstravam de forma sutil a importância reconhecida durante toda a duração dos tempos modernos, da existência individual, e que pode ser traduzida com a seguinte frase: a morte de si mesmo.

HOW COULD A WOMAN OCCUPY ONE OR TWO HOURS WITH THE LOVE OF OUR LORD?: RELIGIOSIDADES FEMININAS EM MARGUERITE PORÈTE E MARGERY KEMP

Carolina Niedermeier Barreiro (Graduanda – UFRGS)

Nos estudos feministas e de gênero uma das críticas mais correntes nas últimas décadas envolve o uso da categoria “mulher” como universal e homogênea. Nas críticas à universalização da Mulher, autores postularam a necessidade de buscar outras relações que perpassam as de gênero – em que se incluem os trabalhos de “gênero e diferença” ou “intersecções de gênero”. No entanto, ao tratar de Idade Média, resistem ainda alguns trabalhos que pensam em termos de “misticismo feminino” ou “religiosidade feminina” como formas religiosas relativas a todas as mulheres ocidentais no medievo – cujo recorte limitador é, na melhor das hipóteses, temporal. A partir desta problematização, recorreremos aos casos de Marguerite Porète (1260-1310) e Margery Kemp (1373 – 1438) para analisar formas de religiosidade que se manifestam a partir de suas obras, *O Espelho das Almas Simples* (± 1290) e *The Book of Margery Kempe* (± 1433) respectivamente. De que modo elas se aproximam ou se distanciam uma da outra? A partir da história comparada pretendemos demonstrar que o conceito de “religiosidade

feminina” homogeneiza diferentes experiências com o sagrado. Recorremos, o contrário, a múltiplas formas possíveis de religiosidade(s) feminina(s) para analisar os dois casos aqui selecionados. O trabalho insere-se no projeto de pesquisa Os Tempos de Santidade: processos de canonização e relatos hagiográficos de santos mendicantes (s. XIII-XIV) sob orientação do prof. Dr. Igor Salomão Teixeira e é realizado com Bolsa PIBIC-CNPq.

AS ENFERMIDADES FEMININAS NO *LILIO DA MEDICINA* DE BERNARDO DE GORDÔNIO (MONTPELLIER - SÉCULO XIV)

Carolina Gomes de Jesus (Graduanda – UEG)

A proposta deste trabalho é compreender os preceitos médicos associados às mulheres na Idade Média por meio da análise das enfermidades femininas presentes no *Lilio da Medicina* do físico e mestre na Universidade de Montpellier, Bernardo de Gordonio (1258 – 1320). Na literatura médica medieval, essa obra integra o gênero dos receituários, definido como um manual terapêutico ou compêndio da arte de diagnosticar e curar doenças. Nesse escrito, as reflexões sobre as mulheres são trabalhadas tanto do ponto de vista da constituição corporal como das moléstias que as afligiam. Deste modo, físicos como Gordônio, concebiam as doenças femininas a partir das discussões referentes à combinação entre corpo, concepção e o processo de reprodução. Assim, apresenta as causas, os sintomas e os tratamentos para amenizar os problemas relacionados aos seios, ao útero e ao ciclo menstrual.

A MULHER DIABÓLICA EM “O JARDIM PERFUMADO” DO XEIQUE AL-NAFZĀWĪ (SÉC. XV)

Celia Daniele Moreira de Souza (Mestranda – UFRJ)

“O Jardim Perfumado”, escrito entre 1410 e 1434, em Túnis e redescoberto em meados do séc. XIX pelo movimento orientalista francês é um pequeno livro que sustenta curiosamente a alcunha de obra erotológica de língua árabe mais famosa, mas possui uma péssima reputação nos meios literários árabes. Escrito em linguagem popular e endereçado ao sultão háfsida Abd Al-Aziz Abu Faris (1394-1434), propõe-se a descrever e empregar técnicas para aprimoramento do coito, assim como narrar peripécias sexuais dos mais variados personagens, desde escravos e concubinas a príncipes e celebridades históricas. A sua aspiração a ser uma relevante obra erotológica, no entanto, vai de encontro à superficialidade em que trata os temas propostos, os quais muitas vezes são lançados puramente para zombar das situações e dos agentes envolvidos, uma característica que o mundo islâmico a posteriori julgaria como imoral e de pouco valor.

Sobre esta faceta ridicularizadora de sua narrativa, Al-Nafzāwī apresenta uma figura feminina que encarna a representação do mal, ora a figura do diabo literalmente, ora sendo pior – ou melhor, dependendo do ponto de vista – que o próprio maligno. Seu tom que varia conforme os casos do puro escárnio para o vilipêndio da mulher é como um alerta para o público leitor masculino.

Nesta comunicação, proponho discutir como essa relação entre o diabólico e o feminino é apresentada em “O Jardim Perfumado” e como esta visão estaria atrelada a uma releitura do papel social da mulher no Islã.

A MORTE DO NOBRE EM CASTELA NA BAIXA IDADE MÉDIA

Cinthia M. M. Rocha (Doutora – UFF)

Garantir o enterramento em um local digno e condizente com o *status* de quem o encarregava tornou-se uma das principais preocupações dos nobres em Castela do século XV. O investimento em capelas e sepulcros, muitos dos quais viriam a se tornar panteões familiares, estava entre os principais gastos da nobreza, fazendo com que essas construções se tornassem algumas das mais emblemáticas do século. Foram fundadas capelas em catedrais, mosteiros e conventos com o intuito de que o sepultamento ocorresse em locais privilegiados dos templos, preferencialmente próximo ao altar-mor e no centro do presbitério. As construções erguidas nesse período não tinham precedentes e figuram ainda hoje como alguns dos principais exemplos de arte funerária europeia. Tal ampliação dos investimentos coincidiu com uma mudança geral na relação do homem medieval com a morte. Esta comunicação visa analisar brevemente essas questões no contexto de Castela no final da Idade Média.

DE NATURA RERUM E OS PAINÉIS RUPESTRES DAS POPULAÇÕES ÁGRAFAS BRASILEIRAS: UMA ANÁLISE COMPARADA DAS REPRESENTAÇÕES ASTRONÔMICAS

Cíntia Jalles (Doutoranda – UFRJ)

A partir da confrontação de documentos de natureza distintas - a obra medieval *De natura rerum*, de Isidoro de Sevilha e os painéis rupestres de populações ágrafas brasileiras - promoveremos o diálogo entre dois períodos distanciados espaço temporalmente. Reconhecemos, como pressuposto, que as sociedades nas quais tais materiais foram produzidos compartilham interesses de organização, administração e controle do tempo. Assim, em análise preliminar, buscamos obter informações complementares sobre o conhecimento astronômico - bem como suas variadas aplicações - em ambos os períodos aqui referenciados. Para tal, enfocaremos as representações circulares que, entre os elementos gráficos apresentados nos distintos suportes de materialização deste tipo de conhecimento, destacam-se entre as demais.

OS EXEMPLOS NEGATIVOS E O MODELO DE VIDA CRISTÃ NA *VITA SANCTAE BRIGITAE* (SÉCULO VII)

Clarissa Mattana (Graduanda – UFRJ)

Hagiografias são obras literárias cristãs que procuram não apenas preservar a memória de homens e mulheres santos, mas também transmitir para a sua audiência mensagens de caráter edificante, o que muito contribuiu para a expansão e consolidação do Cristianismo durante a Idade Média. Na Irlanda medieval, por volta de 650, Cogitosus escreveu, em latim, a *Vita Sanctae Brigitae*, que conta a história da vida e dos milagres de Santa Brígida, que teria vivido no século V. Esse documento expõe uma proposta de modelo de sociedade e vida cristã, através tanto do relato das virtudes da santa, quanto por meio dos antagonistas que aparecem na narrativa. Criminosos, pagãos, adoradores do diabo e homens de má índole estão entre as figuras negativas presentes na hagiografia, e suas atitudes se opõem às virtudes cristãs da honestidade, caridade, humildade, generosidade e castidade. O arrependimento e a conversão dos homens

maus, após a intervenção divina mediada pelo santo, denotam que não há lugar na sociedade cristã para aqueles que se desviam de uma vida virtuosa, ou que rejeitam a nova fé. Na presente comunicação, tais aspectos serão debatidos à luz da historiografia e da análise da mencionada hagiografia.

A INFLUÊNCIA ESTÉTICA DA ARTE ANTIGA E A IMPORTÂNCIA DO RETRATO PARA O CULTO PRIVADO DA ARTE CRISTÃ: A “SOBREVIVÊNCIA” DE UM MODELO ICONOGRÁFICO

Daniele Cristina Liberato de Oliveira (Mestrando – UERJ)

Ao analisarmos a arte cristã em seu primeiro milênio de representação, no que se refere especificamente à figura dos santos, como trata Hans Belting, podemos notar que constitui uma das primeiras formas cristãs de culto a imagem: não se trata de uma pessoa qualquer, comum, não é um simplesmente retrato, mas uma imagem a ser venerado, representando uma pessoa que deverá ser cultuada pelo contemplador, sendo, portanto, o princípio do desenvolvimento do *ícone* cristã. No entanto, ao analisarmos tais imagens, verificaremos que o modelo e a técnica empregada para sua execução não se desenvolveu em períodos cristãos, mas, na verdade, é totalmente anterior a ele: o modelo pode ser visto desde os chamados retratos de Fayum, que, por sua vez, misturam a relação da tradição religiosa egípcia e a concepção estética romana. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é discutir desde a tradição egípcia funerária, passando pela cultura romana e seu modelo de representação do retrato funerário e, por fim, trataremos da iconografia do retrato dos santos cristãos – especialmente até o século VIII d.C. em que a presença da estética antiga se faz mais presente – e em como o ícone cristão pode ser considerado esteticamente semelhante à pintura painel antiga, considerando, portanto, a relação de “sobrevivência” da imagem.

O PROBLEMA DO CONHECIMENTO HUMANO NO PROCESSO DE ANIQUILAÇÃO: UMA ANÁLISE DO *LE MIROIR DES SIMPLES ÂMES ANÉANTIES* DE MARGUERITE PORETE (1250-1310)

Danielle Mendes da Costa (Graduada – UERJ)

A presente comunicação tem por objetivo apresentar os resultados da nossa monografia concluída no final de 2014. Neste estudo, analisamos como a beguina Marguerite Porete (1250-1310) construiu os diálogos dos personagens Amor, Razão e Almas aniquiladas no *Le Miroir des simples âmes anéanties* (1290), para exprimir sua compreensão acerca dos limites do conhecimento humano no processo de aniquilamento da alma. Em meio à crise religiosa e as disputas doutrinárias no século XIII, Porete insistiu no apostolado e numa pedagogia espiritual referindo-se a um estado de liberdade das almas – através do processo de aniquilação das vontades no percurso de encontro com Deus–, o que lhe rendeu duas acusações de heresia, a destruição de seu opúsculo e sua condenação à morte na fogueira. Ao distinguir no *Le Miroir* uma Santa Igreja, a pequena (regida pela razão), e uma Santa Igreja, a grande (regida por Amor), esta beguina revelou, a partir de um entendimento sutil da articulação entre razão (*ratio*) e fé (*fides*), os contornos da relação humana com o conhecimento divino. Acreditamos que a condenação do opúsculo e de sua doutrina do puro amor foram resultados de uma interpretação equivocada a respeito dos domínios do conhecimento

adquiridos pela alma no processo de aniquilamento; num período em que a instituição eclesial não mediu esforços para assegurar a unidade da fé e sua preminência na sociedade diante das devoções locais e da piedade laica.

ORIGEM FAMILIAR E PODER DA RAINHA NA CORTE PORTUGUESA MEDIEVAL (SÉCULOS XII – XV)

Danielle de Oliveira dos Santos-Silva (Doutoranda – UFRRJ)

Neste trabalho pretendemos apresentar especificamente a questão da origem familiar da rainha e como esta está conectada ao seu prestígio e poder no reino ao qual passa a pertencer por casamento. Rainhas eram geralmente, filhas, irmãs, esposas e mães de reis. Enquanto princesas, tinham seus casamentos contratados ainda na infância e as possíveis alianças que poderiam trazer para o reino eram cuidadosamente estudadas pelas partes envolvidas. A escolha de uma ou outra aliança estavam necessariamente ligadas à expansão territorial, à obtenção da paz, à aquisição de uma aliança que fosse benéfica para o reino de origem. Questões financeiras como dotes e arras eram cuidadosamente discutidas. Das rainhas portuguesas, se contarmos desde a esposa de D. Afonso Henriques, D. Mafalda de Saboia, até a esposa de D. João I de Avis, D. Felipa de Lencastre, teremos onze rainhas, sendo 4 castelhanas, 2 aragonesas, 1 saboiana, 1 inglesa e 3 nobres da península Ibérica. Vemos assim, que a aliança ibérica foi privilegiada e recorrente na escolha de rainhas para Portugal. Sabemos que a questão da origem familiar e da riqueza do dote foram fatores que influenciaram a acolhida no novo reino, a obediência da nobreza e a construção de memória destas rainhas. Os estudos sobre as rainhas portuguesas, deixam claro que havia preferência por rainhas oriundas de outras realezas, e rejeição sempre que estas eram originárias da nobreza ibérica. Por qual motivo, é o objeto que nos cabe debater.

ENTRE O IMAGINÁRIO E O VIVIDO – AS REPRESENTAÇÕES DOS PADEIROS NA CATEDRAL DE CHARTRES (FRANÇA – SÉCULO XIII)

Debora Santos Martins (Mestranda – UFF)

A imagem medieval constitui-se como um objeto privilegiado de aproximação da vivência social, permitindo-nos questionar sobre a imposição ou um tipo de proeminência por parte da Igreja sobre a norma social (ou dos detentores do poder) num período (séculos XII e XIII) em que se atestam profundas mudanças na concepção da categoria *trabalho* e da investigação sobre a participação dos outros segmentos sociais urbanos na construção e nas mudanças mentais, nas práticas sociais, a fim de promover uma aproximação mais efetiva das tensões sociais no amplo quadro de profundas transformações que tem lugar nesse período. A ideia central é a de que existe uma cultura visual presente nestas representações, elas mesmas estruturantes deste universo. A singularidade da linguagem visual da Idade Média refere-se ao próprio fundamento da Antropologia cristã, segundo o qual o homem é feito à imagem e semelhança de Deus. A pesquisa analisa em profundidade os vitrais da catedral de Chartres, elaborados no século XIII e, a própria catedral e a cidade que a abriga, que representam os ofícios e suas organizações em *corps de métiers*, focalizando o ofício dos padeiros, no período em que o pão era a base da alimentação do corpo e da alma.

SIR JOHN RONALD REUEL TOLKIEN E AS FONTES MEDIEVAIS EM THE HOBBIT (2006)

Diogo Kubrusly de Freitas (Graduado – UVA)

A presente pesquisa objetiva identificar as influências linguístico-literárias medievais que influenciaram o autor J.R.R. Tolkien no compor de sua obra *The Hobbit* (2006). A Literatura Fantástica de Tolkien revela um mundo repleto de magia e aventura. Tal magia e aventura fazem-se presentes na obra citada por meio da interação/tensão entre as diferentes personagens: anões, feiticeiros, elfos, *trolls* e dragões – criaturas que povoavam a mente de diferentes sociedades da Idade Média. Outra evidência da presença de elementos medievais em *The Hobbit* (2006) são os cenários apresentados pelo autor tais como reinos repletos de tesouros, florestas encantadas e salões feitos de madeira com uma lareira ao centro. A fim de identificarmos quais gêneros textuais e que obras especificamente influenciaram Tolkien (2006), contamos com uma breve revisão da literatura. Para tanto, buscamos a colaboração de Anderson (2003), referencial teórico central de nossos estudos. Raposeira (2006) e White (2013) completam nossa lista de teóricos. Por meio do auxílio dos autores mencionados, notamos que diferentes contos de fada, lendas e mitos, oriundos de origem celta, nórdica e anglo-saxônica contribuíram para a construção de *The Hobbit* (2006). A respeito das obras específicas que cativaram o imaginário de Tolkien, devemos destacar o épico do Inglês Antigo “Beowulf”, assim como poema nórdico “Voluspá”. Além de um vasto repertório de temas literários anglo-germânicos, Tolkien (2006) também utiliza elementos lexicais de línguas antigas, em especial do Inglês Antigo, para a elaboração de sua trama. Assim vemos que variados gêneros e obras de cunho medieval funcionaram como alicerces e fundição para que J.R.R. Tolkien construísse sua obra *The Hobbit* (2006).

REFLEXÕES SOBRE O LUGAR SOCIAL DE MARTINHO DE BRAGA NA GALÍCIA, SEGUNDA METADE DO SÉCULO VI

Diogo Rodrigues dos Santos (Graduado - Centro de Ensino Norberto de Sá)

Nossa proposta é refletir sobre os *lugares sociais* de Martinho de Braga segundo a perspectiva teórica de Michel de Certeau. Assim, almejamos relacionar o sujeito observado com o seu referente *lugar social*, na região da Galícia, para entendermos os aspectos políticos, econômicos e culturais em que estava inserido, ou seja, o seu contexto social. Com isso podemos apontar e investigar o seu discurso *não-dito* expresso na obra “*Formula de vida Honesta*”. Esse elemento (*não-dito*) não se encontra diretamente exposto nos escritos de Martinho de Braga, porém são passíveis de percepção por meio da *análise do discurso*. Temos como pressuposto que todo homem é um produto do seu contexto e por tal, deve ser analisado dentro da sua conjuntura social. No nosso caso abordaremos o contexto da relação entre a Monarquia Sueva e a Igreja da Galícia através da necessidade de legitimação do Rei Suevo, Miro, e da reorganização e fortalecimento da Igreja da Galícia.

ARQUITETURA GÓTICA NA OBRA DE AUGUSTUS PUGIN: INTERPRETAÇÕES DO PASSADO MEDIEVAL NA INGLATERRA DOS SÉCULOS XVIII E XIX

Diomedes de Oliveira Neto (Mestrando – UFRJ)

Ao longo dos séculos XVIII e XIX na Europa, surgiram movimentos e tendências nos campos da literatura e arquitetura para os usos, apropriações e ressignificações de formas e vocabulários do passado, incluindo-se um interesse pelo passado medieval. No século XIX verdadeiros movimentos de *revivals* se colocavam dispostos a repensar a atualidade a partir de valores morais e estéticos do passado. Dentre estes movimentos, conheceu-se o chamado *gothic revival*, expressivo na Inglaterra Vitoriana.

O objetivo dessa pesquisa foi problematizar, portanto, interpretações desta arquitetura gótica medieval, atentando-se a duas questões. Primeiro como expressão de uma natureza segundo o movimento estético romântico, e também como uma representação moral da Cristandade medieval. Para tanto, foram analisadas três obras do inglês Augustus Pugin (1812-1854), arquiteto e crítico de arte, e um dos responsáveis pela idealização de um revivalismo do gótico na arquitetura. Escritos sobre o gótico de outros intelectuais da Inglaterra e França no século XVIII, foram considerados para se entender como se constituíram os valores em torno desta arquitetura. Assim, a partir das leituras de Pugin, intelectuais mais conhecidos no século XIX como John Ruskin e Viollet Le-Duc popularizaram as interpretações e usos do gótico, inclusive na cultura arquitetônica no Brasil.

A TEMÁTICA MARTIROLÓGICA NO SÉCULO XIII: REMINISCÊNCIA DO PASSADO OU ASSUNTO PRESENTE?

Dionathas Moreno Boenavides (Graduando – UFRGS)

Pretendemos, com o presente trabalho, analisar a presença do tema do martírio em alguns escritos mendicantes do século XIII, principalmente em documentos produzidos entre o norte da Península itálica e a França. A questão que levantamos é simples: por que fazia sentido escrever sobre esse estilo de morte naquele período? Tal pergunta justifica-se ao percebermos que há uma bibliografia que afirma que o martírio não seria um estilo de morte “presente” no século XIII, ou mesmo que os escritos em que o martírio aparece estariam apenas utilizando uma temática antiga para fins estratégicos. Discordamos de tais opiniões. A partir de análise documental e fazendo uso de ferramentas da História Intelectual (como as análises sincrônica e diacrônica e a observação da relação Texto/Contexto) passamos a aventar outras hipóteses explicativas para a presença do tema do martírio nos escritos aos quais tivemos acesso. Os documentos analisados foram a *Legenda aurea*, as *Vitae Fratrum*, a *Primeira Regra Franciscana*, a *Legenda assídua*, o *Libellus Principiis Ordinis Praedicatorum*, a hagiografia de Francisco escrita por Tomás de Celano e a *Suma Teológica* de Tomás de Aquino. Concluimos que três fenômenos justificariam tratar da temática martirológica no século XIII, pelo menos entre as Ordens Franciscana e Dominicana: a ocorrência, de fato, de mortes de frades quando estavam a serviço da fé cristã; as disputas contra seitas heréticas que duvidavam de dogmas como os sufrágios pelos mortos e a intercessão dos mortos ilustres pelos vivos; e as disputas no seio da universidade parisiense, conhecidas como querela mendicante, que colocaram em xeque o estilo de vida defendido pelas ordens Dominicana e Franciscana.

AS DIVERSAS ACEPÇÕES DO GUERREIRO NÓRDICO: POR UM PARALELO ENTRE HISTÓRIA, SAGAS ISLANDESAS E LITERATURA FANTÁSTICA

Douglas Esteves Moutinho (Graduado – UFRJ)

Dentre vários povos conhecidos no território europeu, um dos menos trabalhados são os escandinavos. Ao longo do século, os estudos clássicos voltaram suas pesquisas em geral para os temas greco-romanos, deixando assim os outros grupos étnicos a mercê de estereótipos e falsas associações. Constatamos isso claramente observando suas representações em obras modernas. No entanto, esses tópicos têm ganhado importâncias nas últimas décadas, o que nos leva a novas descobertas e simultaneamente a críticas dos modelos estabelecidos.

No campo da Literatura, destacamos J.R.R. Tolkien, que, em meio à ausência de informações, baseia sua obra literária com maestria nos moldes escandinavos presente nas sagas. Assimilando então seus heróis ao modelo viking e apresentando-os como uma genuína obra contemporânea ao autor, Tolkien reutiliza conceitos presentes nas narrativas escandinavas, muitas vezes revivendo temas peculiares presentes nessa literatura.

Destarte, traçaremos um paralelo entre três vertentes do guerreiro nórdico: o guerreiro escandinavo histórico, sua representação literária (Sigurd) e a apropriação de Tolkien desse modelo (Aragorn). Para alcançarmos tal intento, utilizaremos fontes históricas e literárias, *A Saga dos Volsungos* (anônimo, séc. XII) e *O Senhor dos Anéis* (Tolkien, 1955).

PALÁCIO, CONCÍLIOS E OS *POPULI CONVENTU*: UMA PROPOSTA PARA CONFIGURAR O ESTADO VISIGODO (SÉCULOS VI-VIII)

Eduardo Cardoso Daflon (Mestrando – UFF)

A presente comunicação pretende abordar a questão do Estado Visigodo entre os séculos VI e VIII, contudo não de uma forma meramente institucionalista, como tradicionalmente é feito pela historiografia. Isso porque qualquer abordagem realizada nesse sentido, por mais qualidade que possua, ficará engessada quanto à capacidade de explicar as transformações que atravessam a realidade estatal, remetendo qualquer mudança a aspectos “técnicos” ou a uma abstração *ex nihilo*. Dessa maneira, pretendo integrar dois temas que dificilmente são trabalhados de forma relacional, as instituições sociais visigodas – como o Palácio, os Concílios e os *Populi Conventu* – com as disputas travadas no interior da classe dominante e aquelas entre a aristocracia e campesinato. Para dar conta dessas proposições, indico que trabalharei com fontes diversas em sua configuração a fim de ser capaz de compreender o Estado visigodo como produto das relações sociais. Meu *corpus* documental será, portanto, composto fundamentalmente por conjuntos normativos – como concílios e legislações –, além de material epigráfico e cronístico.

A IGREJA E AS CRUZADAS: UM DEBATE HISTORIOGRÁFICO

Elisabete Martiniano dos Santos Paiva (Graduando – UFF)

As Cruzadas foram classificadas como expedições militares e religiosas legitimadas pela Igreja. Tentaremos entender as Cruzadas através da pesquisa de alguns

autores que se propuseram a estudar esse movimento que ocorreu na Idade Média. O objetivo desse trabalho é buscar entender qual o papel da Igreja nesses movimentos e quais eram as medidas tomadas pela Igreja para conseguir que tantos fiéis colocassem sua vida terrena em risco, combatendo contra os ditos infiéis. Com base na historiografia especializada, discutiremos os argumentos usados pela Igreja para justificar a guerra, declarando-a justa, quais os meios utilizados para justificá-la, a ponto de classificá-la como Santa. Analisaremos a importância da religião e da peregrinação na vida do homem medieval, buscando também compreender a importância de Jerusalém para essa Sociedade.

TRANSLITERAÇÕES TEOLÓGICAS DA *IMITATIO O SANCTORUM*: ANTÔNIO VIEIRA E UMA HAGIOGRAFIA DE SANTO AGOSTINHO

Felipe Lima da Silva (Mestrando – UERJ)

Esta comunicação pretende examinar as ressonâncias de algumas obras do canônico Santo Agostinho em um sermão hagiográfico ibérico, que leva o nome do referido teólogo, pregado em Lisboa, em 1649, pelo eminente jesuíta Antônio Vieira. Especificamente, propomos pensar que, na peça oratória em questão, o pregador português utilizaria de sua eloquência para explorar as implicações dos livros das *Confissões* e das *Retratações*, de Agostinho, a propósito de exaltar, com isso, a grandeza do teólogo, afirmando que este teria se sobressaído mais do que os outros santos, cujo brilho foi mais intenso por ter trazido a público os seus pecados e suas ignorâncias. Devido ao fato do Santo ter se redimido perante todos em seu tempo e, concomitantemente, na eternidade – dado que suas obras serão sempre lidas e, por conseguinte, seus pecados serão sempre expostos – Antônio Vieira parte do valor da *imitatio sanctorum*, isto é, toma a vida dos santos como *mimesis* para um padrão de costumes secular e eclesiástico, a fim de estabelecer uma releitura de Santo Agostinho, à medida que pinça uma série de momentos prefigurativos importantes na História Sacra, através de sua minuciosa exegese bíblica, para demonstrar que – na imensa galeria dos Santos, declaradamente consagrados pela ortodoxia católica – o Bispo de Hipona seria uma espécie de protótipo de Santo exemplar, cujo *éthos* operaria como paradigma da moral e da conduta de vida neste mundo e no próprio Céu, pois, se houvesse alguém capaz de ocupar o lugar do mais iluminado e sábio Anjo que um dia caiu por culpa de sua vaidade – Lúcifer –, seria o Santo que um dia ascendeu por sua humildade e sabedoria.

A REPRESENTAÇÃO DA GUERRA MEDIEVAL NAS CRÔNICAS DE GELO E FOGO

Fernanda Aparecida de Carvalho Barreto (Graduando – UFRJ)

Neste trabalho pretendo abordar a representação da guerra medieval na obra *As Crônicas de Gelo e Fogo*, de George R. R. Martin. Tal conceito será observado a partir da análise da Guerra dos 5 Reis, relatada principalmente nos três primeiros livros da série (*Guerra dos Tronos*, *Fúria dos Reis* e *Tormenta de Espadas*, respectivamente). O objetivo é apontar semelhanças e diferenças entre aspectos da guerra na Idade Média, quanto ao conflito principal e as estratégias envolvendo táticas no campo de batalha, e a reprodução de tal guerra medieval feita pelo autor na obra contemporânea, sendo a última baseada direta ou indiretamente na primeira. Essa comunicação tem como base as noções de Idade Média de Jacques Le Goff e a reconstrução de estratégias a partir dos

estudos de Phyllis G. Jestice sobre a guerra medieval, de acordo com o desenvolvimento de técnicas e armamentos utilizados na época.

SANTAS OU MERETRIZES? MULHERES E RELIGIÃO EM *DECAMERÃO*, DE GIOVANNI BOCCACCIO

Flavia Vianna do Nascimento (Graduada – UFF)

Durante a Idade Média, era comum a produção de ideias que defendiam o controle da sexualidade da mulher, vista como ser incapaz de resistir às paixões humanas. De acordo com a ideologia da época, uma das maneiras de exercer esse controle era a entrada da mulher para o clero regular. Para discutir o tema proposto, usarei novelas da obra *Decamerão*, de Giovanni Boccaccio, a qual foi o meu objeto de investigação durante a produção da monografia de conclusão de curso na Universidade Federal Fluminense.

Um dos aspectos mais interessantes da obra é a maneira como Boccaccio apresenta os membros do clero, protagonistas em algumas das cem novelas que compõe o livro. Nelas, o autor faz críticas à postura do clero em fins da Idade Média. Para esta comunicação, darei destaque às novelas nas quais as mulheres ligadas ao clero são personagens principais. Meu objetivo é analisar as críticas que Boccaccio faz ao clero feminino e entender de que maneira elas dialogam com o pensamento medieval sobre a mulher.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS ACERCA DO *PASIONARIO HISPÁNICO*: AS PAIXÕES DOS SANTOS MÁRTIRES DOS SÉCULOS VI E VII

Flora Gusmão Martins (Graduada – UFRJ)

A presente comunicação tem como objetivo apresentar considerações associadas a uma primeira aproximação com a fonte, que será utilizada para nosso projeto de mestrado, o *Pasionario Hispánico*, um livro de função litúrgica composto por relatos de martírios referentes à Península Hispânica. Ditos relatos surgem após às perseguições aos cristãos, e em grande maioria, foram escritos por autores posteriores ao martírio relatado. A leitura de tais paixões em missas e festividades dos santos era uma prática comum no reino visigodo do século VII, período no qual há grande preocupação por parte das autoridades religiosas com a organização da liturgia. Este documento reúne relatos de diferentes períodos, estando nosso interesse voltado sobretudo àqueles alusivos aos séculos VI e VII.

Pretendemos neste trabalho, além de apresentar o documento, focar em cinco martírios específicos: Felix de Gerona, Inumeráveis de Zaragoza, Justo e Pastor, Vicente e Mancio. Estes cinco santos tiveram seus martírios relatados no final do século VI ou início do século VII, momento em que o reino visigodo estava em seu auge, exercendo hegemonia na região da Península Hispânica.

PEGADAS, MARCAS, RELATOS: A TÁVOLA REDONDA E SUA *PEREGRINATIO* NOS REINOS DA LUSOFONIA

Francisco de Souza Gonçalves (Doutorando - UERJ)

Bárbara Cecília Kreischer (Mestre - PUC-RJ)

Nascido dentre as brumas da Bretanha, o mito artúrico e suas singulares personagens conquistaram, no medievo, posição de destaque no imaginário europeu. As lendas do rei guerreiro, passadas à literatura na primeira metade do século XII por Geoffrey de Monmouth, encantaram os mais distintos leitores/ ouvintes, nobres ou não, e se propagaram para as mais diferentes regiões da Cristandade. Na Idade Média Central, no entresséculos XII-XIII, as narrativas sobre o rei guerreiro penetram a Península Ibérica, inúmeras traduções são produzidas e um sem número de narrativas se alastra vertiginosamente. Desta feita, o objetivo precípua de nosso estudo é mapear os textos tocados pelas pegadas do rei guerreiro e seus cavaleiros, providos do fito primevo de promover uma abrangente abordagem literária e uma comparação destes com outros textos do cosmo diegético artúrico do período medieval, lançando luz, em última estância, ao percurso do mito artúrico na literatura medieval galego-portuguesa, desde o seu ingresso no noroeste peninsular.

REFLEXÕES SOBRE A SOCIEDADE ASSISENSE A PARTIR DE UMA LEITURA DO PROCESSO DE CANONIZAÇÃO DE CLARA DE ASSIS

Gabriel Braz de Oliveira (Graduando – UFRJ)

Nossa pesquisa se vincula ao projeto coletivo *Hagiografia e História: um estudo comparativo da santidade*, coordenado pela professora Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva e desenvolvido junto ao Programa de Estudos Medievais (PEM) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O objetivo principal desta investigação é estudar o fenômeno da santidade nos séculos XI a XIII nas Penínsulas Ibérica e Itálica.

O Processo de Canonização de Clara de Assis foi aberto em 18 de Outubro de 1253, apenas dois meses após a sua morte, com a assinatura da bula *Gloriosus Deus* pelo Papa Inocêncio IV. O encarregado pelo papa de recolher informações sobre a vida, a conduta religiosa e os milagres da Abadessa de São Damiano foi o Bispo Bartolomeu de Espoleto. O inquérito foi realizado de 24 a 29 de novembro de 1253, com o depoimento de vinte testemunhas: quinze religiosas companheiras de Clara em São Damiano e cinco seculares que a conheceram ainda na casa do pai. As atas do processo de canonização foram redigidas a partir dos depoimentos recolhidos e enviadas a Roma para averiguação. A confirmação da canonização se deu com uma cerimônia em 1255 organizada pelo então Papa Alexandre IV.

Com as informações sobre as testemunhas do processo em mãos, o principal objetivo da comunicação é apresentar o perfil dos depoentes, abordando questões como a posição que ocupavam na sociedade assisense e por quais motivos foram escolhidas essas pessoas para dar informações sobre Clara.

O TEMA DO CORAÇÃO DEVORADO NO *DECAMERON*

Gabrielly Soares Santos (Graduanda – UFRJ)

Ícaro Rossignoli (Graduando – UFRJ)

A presente comunicação está integrada à pesquisa em desenvolvimento no âmbito do Programa de Estudos Medievais da UFRJ sob orientação da professora Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva. A temática envolve a primeira novela da quarta jornada do *Decameron*, que narra um caso de amor entre uma nobre e um plebeu. Quando o pai da nobre descobre relacionamento, mata o plebeu e induz a filha a comer o coração do amante.

Em nossa comunicação, iremos apresentar e contextualizar a referida obra e seu autor, Giovanni Boccaccio, assim como o conto específico. Apontaremos também algumas hipóteses preliminares sobre o significado do ato de devorar o coração de um amante no contexto do medievo ocidental. Também iremos levantar outros casos em que este signo surge, destacando suas semelhanças e diferenças. O tema de pesquisa, em fase inicial de investigação é, portanto, o símbolo do “coração devorado” na literatura medieval do Ocidente na produção literária a partir do século XIII.

VENCER A MORTE PARA MANTER A LINHAGEM: MATERNIDADE, PATERNIDADE E RELAÇÕES DE PODER NAS *CANTIGAS DE SANTA MARIA*

Guilherme Antunes Junior (Doutorando – UFRJ)

As *Cantigas de Santa Maria* representam um conjunto complexo de elementos *multimídia* no século XIII. Em um mesmo códice há partituras musicais, imagens miniadas e textos em estrutura poética. São múltiplos processos históricos possíveis de serem analisados por meio desses manuscritos. Coordenada pelo rei Alfonso X, o Sábio, entre os anos de 1270 a 1280, as *CSM* se dividem em cantigas de milagres e de louvor. Neste artigo, tecerei algumas reflexões sobre a maternidade em duas cantigas alfonsinas: a 43, intitulada *Esta é como Santa María resucitou un menino na sa eigreja de Salas*; e a 76, *Como Santa María déu séu fillo aa bõa mollér, que éra mórto, en tal que lle desse o séu que fillara aa sa omagen dos braços*. A partir dos textos e das imagens, pretendo demonstrar que algumas narrativas alfonsinas construíram sentidos genderificados sobre a maternidade, sendo o feminino uma condição que só ganha coerência em sua relação com o masculino. Assim, amamentação, cuidado, morte, ressurreição e infância são elementos compartilhados entre pai e mãe, mas com fortes discursos masculinizantes, cabendo ao feminino papéis sociais que exigem apenas a manutenção da vida da criança. Este artigo está relacionado à minha pesquisa de doutorado e vinculado ao Programa de Estudos Medievais da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O DISCURSO ECLESIÁSTICO ACERCA DA INALIENABILIDADE PATRIMONIAL NAS ATAS CONCILIARES VISIGÓTICAS

Guilherme Marinho Nunes (Mestre – UFRJ)

A inalienabilidade patrimonial é uma das grandes características que define a excepcionalidade das propriedades eclesiásticas, sendo um dos pontos fundamentais que possibilita a manutenção do poder episcopal no reino visigodo. Neste sentido,

percebemos que a construção de um discurso normativo acerca dos bens das igrejas assume um aspecto central para a estrutura institucional clerical, desempenhando o papel de afirmação da figura bispal em meio às relações sociais do período.

Nosso objetivo, com esta comunicação, é discutir acerca das principais bases retóricas que permeiam esta inalienabilidade, reforçando a proibição de subtrair indevidamente posses que pertencem ao clero. Para tal, utilizaremos como corpus documental as atas conciliares visigóticas, especialmente as toledanas. Cabe destacar que, segundo nossa linha de pensamento, percebemos três eixos fundamentais: um crime contra os pobres, que dependem do patrimônio eclesiástico; um crime contra deus, principal senhor de todas as igrejas e seus bens; e um crime contra as normas canônicas, uma afronta à instituição eclesiástica.

ANTÔNIO *POST MORTEM*: TEMPO DE SANTIDADE NAS CONTENDAS DO DUECENTO ITALIANO (1230-1263)

Gustavo da Silva Gonçalves (Graduando – UFRGS)

O objetivo deste trabalho consiste em analisar a relação entre a Cúria Romana e a canonização de Antônio de Pádua em 1232, mas também o envolvimento de Pádua e as relações externas da cidade após o óbito do frade, em 1231. Foi neste contexto em que houve inúmeros conflitos envolvendo a *pars ecclesiae* e *pars imperii*. Posteriormente houve a reação da comuna e os conflitos que culminaram em sua vitória em 1256, o que retirou das mãos de Ezzelino III Da Romano o controle da cidade. Tratando-se, portanto, de uma conjuntura de beligerância, tal êxito em parte foi atribuído à santidade. A partir disso, enfatizaremos que na interdependência entre o papado e a comuna, a santidade reconhecida serviu como possibilidade de solucionar as adversidades do período. Para analisar tal contexto utilizamos o conceito de tempo de santidade proposto por Igor Salomão Teixeira, o que permite enquadrar a construção da santidade em conjunturas temporais e espaciais específicas. Com isso entendemos que a santidade antoniana e seu culto mantiveram primeiramente um vínculo local, tendo a posterior difusão de sua devoção em áreas fora da região em análise. Dentre os documentos analisados selecionamos textos de Rolandino de Pádua, Salimbene de Adam, hagiografias antonianas – em especial a *Assídua* (1232?) e a *Benignitas* (1280), além de documentos da Cúria Romana.

OS LEIGOS NA LEGENDA ÁUREA: UM ESTUDO DAS VIDAS DE FRANCISCO, DOMINGOS E PEDRO MÁRTIR

Henrique de Melo Kort Kamp (Graduando – UFF)

A Idade Média é um período histórico amplamente marcado pelos seus dualismos. Um deles, responsável por orientar as bases da sociedade medieval, é a separação entre o sagrado e o profano. É, a partir dele, que se forma a profunda hierarquização existente entre clérigos e leigos. No que tange a vida dos santos, essa dualidade se torna necessária para a comprovação dos atributos divinos do clérigo em vida e após a morte. Portanto, não se deve debater sobre esta oposição sem abordar a relação de manutenção que estes grupos mantêm entre si. Dessa maneira, nosso principal objetivo nesta comunicação é analisar essa dualidade a partir da vida de três santos da Idade Média Central (São Francisco, São Domingos e São Pedro Mártir)

presentes na Legenda Áurea, de Jacopo de Verazze. Nossa análise será pontuada pelas características centrais e possíveis explicações para o papel dos leigos representados nessas hagiografias.

A BATALHA DE FLODDEN (1513) - UMA BREVE ANÁLISE

Hiram Alem (Mestrando – UFRJ)

No ano de 1513, os escoceses, aliados de longa data da França, para apoiar seus aliados que se encontravam em guerra contra os ingleses na Itália, tomaram a decisão de invadir a Inglaterra. Tal invasão tinha, entre seus objetivos, dividir a atenção e os recursos dos ingleses. É neste contexto que se deu a batalha de Flodden em 1513, quando os ingleses enviam suas forças para deter o avanço escocês.

A presente comunicação tem por objetivo realizar uma breve análise da referida batalha tendo como norte as táticas empregadas por ambos os lados. Ademais, visamos observar mais especificamente as permanências e rupturas no emprego tático da arquearia inglesa em relação ao período da Guerra dos Cem Anos. Devemos ressaltar ainda que é no século XVI que as armas de fogo ganham maior destaque nos exércitos ingleses. Faz-se, portanto, necessária a análise do lugar da arquearia nos exércitos ingleses do referido século em conjunto com o crescente emprego das armas de fogo.

O GRANDE E O DESPREPARADO: UMA ANÁLISE COMPARATIVO DOS REINADOS DE ALFRED (871-899) E ÆTHELRED II (978-1016)

Isabela de Albuquerque Rosado do Nascimento (Doutoranda – UFRJ)

A proposta deste trabalho consiste em comparar, a partir das fontes documentais escritas, as imagens construídas em torno de duas figuras régias importantes dentro do que costumamos chamar de Inglaterra medieval: Alfred e Æthelred II. Ambos eram membros da casa real de Wessex e combateram escandinavos ao longo de seus governos. No entanto, Alfred ficou associado à vitória frente aos daneses, ao passo que a derrota para Cnut foi, por muito tempo, reproduzida no discurso, inclusive historiográfico, ao despreparo de Æthelred II.

A partir das Crônicas Anglo-Saxãs e da Vida do Rei Alfred bem como das discussões historiográficas recentes a respeito de ambos, procuraremos problematizar a referência a Alfred e sua importância na construção da Inglaterra e ao insucesso de Æthelred II durante das incursões escandinavas.

OS ESTIGMAS SOBRE A LEPROSIA E OS LEPROSOS NA HISTÓRIA MEDIEVAL

Ismael Wesley de Souza Tinoco (Mestrando – UFRJ)

Os gregos criaram o termo *stigma* para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar algo de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava. Na apropriação desse termo, esse trabalho tratará de desconstruir estigmas característicos na representação social da lepra e do leproso na História Medieval. Tal apreciação deriva do conceito preconizado pela historiografia oitocentista, convencida da barbárie da Idade Média e revestida do anticatolicismo do século XVIII e

do anticlericalismo do século XIX, dramatizando a imagem de servidão do doente como impotente, contribuindo, assim, para o obscurantismo da época medieval.

A medicina ocidental desenvolveu em torno de si, a tentação de supor que sua representação da doença e das causas que a constituem é a mais genuína, senão a única. O grande impacto da medicina laboratorial do século XIX resultou na re-conceitualização das doenças, implicando que a história das doenças humanas fosse reconstruída como um processo de aquisição do conhecimento e de técnicas; esta renovação principalmente se daria no presente em uma concepção linear e progressiva, em um caminho inexorável. O retrato de sujeição na imagem da lepra e do leproso medieval preconiza-se na medicina laboratorial e no racionalismo médico. A imagem do leproso como um ser marcado pelas chagas em seu corpo, destinado ao exílio social para além dos limites das terras habitadas, sendo-lhes recomendado um isolamento feroz como a única maneira de vencer ou conter a doença, contempla a grande produção literária medieval acerca dessa categoria. Esta comunicação propõe então a questionar tal mito e repensá-lo.

AS RELAÇÕES DE PODER NA *VITA COLUMBANI* E *VITA SANCTI AEMILIANI*: UMA ANÁLISE COMPARADA

Izabela Morgado da Silva (Mestranda – UFRJ)

O presente trabalho está vinculado à pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História Comparada e também ao Programa de Estudos Medievais, ambos pertencentes à Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a orientação da Prof^ª Dr^ª Leila Rodrigues da Silva. A atual pesquisa tem como proposta uma análise comparada entre duas hagiografias: a *Vita Columbani* e a *Vita Sancti Aemiliani*, escritas no século VII e localizadas no reino franco e visigodo, respectivamente. Nesta comunicação daremos atenção aos dois documentos, examinando indícios das relações de poder apresentadas em ambos. Tendo como referência a historiografia, temos como objetivo analisar de modo comparado os vínculos estabelecidos entre a aristocracia e os santos hagiografados nos dois registros históricos, observando os interesses e benefícios obtidos de tais relações entre os grupos apresentados.

ASPECTOS DA CONSTRUÇÃO DO CAMPO RELIGIOSO NO SÉCULO IV E V: AS REFERÊNCIAS AO PRISCILIANISMO NA *CRÔNICA* DE SULPÍCIO SEVERO

Jaqueline de Calazans (Doutora – UFRJ)

A *Crônica* de Sulpício Severo foi escrita no início do século V, provavelmente entre 403 e 404. Cronista da região da Aquitânia e de procedência da aristocracia galoromana, Sulpício Severo detém em sua produção obras reconhecidamente relevantes como a *Vita Martini* e os *Dialogi*, este último escrito na mesma época que a *Crônica*. Inscrito na tipologia das crônicas universais que buscavam inserir a história humana à divina, dentro de uma perspectiva teleológica, Sulpício Severo submete a História humana ao processo temporal divino, de gênese ao apocalipse. No *Libro Segundo da Crônica* encontramos o trecho no qual o autor narra os eventos relacionados ao movimento priscilianista ocorridos na segunda metade do século IV. A partir do conjunto de referenciais da *Teoria dos campos* de Pierre Bourdieu, com destaque

especial dado ao *habitus* do episcopado galaico, analisaremos este fragmento buscando elementos da construção do campo religioso naquele período, que cremos estarem relacionados ao binômio ortodoxia/heterodoxia.

FREI ROBERTO CARACCILO, ROBERTO DE LECCE, E SUA OBRA *SERMONES QUADRAGESIMALES DE POENITENTIA*

Jefferson Eduardo dos Santos Machado (Doutorando – UFRJ)

Frei Roberto Caracciolo, ou Roberto de Lecce, foi um dos grandes pregadores franciscanos do século XV. Seguiu o estilo de pregação que envolvia dramaticidade e coreografias, tal qual frei Bernardino de Sena o maior expoente da pregação da época. Sua pregação quer seja expressa na forma oral ou na escrita tornou-se um grande sucesso em todo o território europeu. Algumas de suas obras são escritas em vernáculo com muitas cópias preservadas e digitalizadas ainda hoje.

Esse trabalho tem como objetivo apresentar o frade italiano e tratar especialmente de uma suas obras, os Sermones Quadragesimales de poenitentia. Tal comunicação está vinculada a nossa pesquisa maior, que visa o doutoramento, Junto ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC/UFRJ). Nosso maior objetivo ao término dessa etapa acadêmica será traçar uma comparação entre os sermões dos quatro domingos da quaresma de tal obra e dos Sermões Dominicais e Festivos de Antonio de Lisboa/Pádua.

Por último, frisamos que todo o nosso trabalho está vinculado ao Programa de Estudos Medievais (PEM/UFRJ). Sob Orientação da Prof.^a Dr.^a Andréia Frazão.

“ECOS DO PASSADO”: O MEDIEVALISMO NA ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA

João Batista da Silva Porto Junior (Mestre-UERJ)

O famoso historiador Marc Bloch (1886-1944) já havia anunciado que o início do processo fundamental do ofício do historiador inclui “*compreender o presente pelo passado*” e, correlativamente, “*compreender o passado pelo presente*”. Parece que mundo afora alguns historiadores, arqueólogos, arquitetos, artistas e artesões das diversas áreas estão, audaciosamente, levando isso a termo e as suas últimas conseqüências. Proliferam-se em pleno século XXI reconstruções históricas de vilas medievais, *Langhaus* escandinavas da era viking e até mesmo, na França, um grandioso castelo concêntrico. Todas essas obras foram e/ou estão sendo construídas respeitando as mesmas condições de trabalho e as técnicas construtivas do passado, utilizando materiais e ferramentas tradicionais, por meio de um processo que tem sido evocado por alguns teóricos como “*arqueologia experimental*”.

Este retorno contemporâneo a Idade Média também tem sido analisado por um conjunto de conceitos teóricos que passam pelo “*Medievalismo*”, “*Neomedievalismo*”, “*Medievalidades*” “*Reminiscências Medievais*” e “*Recriacionismo Histórico*” almejando – ainda sem conseguir – abranger todos os tipos de interação com a Idade Média e a recepção da cultura medieval em períodos pós-medievais, somando muitas novas abordagens ao estudo desse período e compreendendo que a Idade Média tem sido constantemente criada e recriada.

MISOGINIA MEDIEVAL: A CONSTRUÇÃO DA JUSTIFICAÇÃO DA SUBSERVIÊNCIA FEMININA A PARTIR DE EVA E DO PECADO ORIGINAL

João Davi Avelar Pires (Mestre – UEL)

No decorrer da Idade Média e em momentos posteriores, o gênero feminino foi representado e entendido, muitas vezes, por meio de imagens e arquétipos que, em simultâneo, se contradiziam e se complementavam. Tais discursos entendiam a mulher ora como pecadora, ora como ser santo e modelo a ser seguido por todas as mulheres. Nas discussões propostas neste trabalho, voltamos-nos para a justificação religiosa em relação à inferioridade feminina, elaborada por doutores da Igreja – contanto com o apoio de determinados grupos sociais – inspirada e fundada no pecado que envolveu a primeira mulher. Partindo do pecado original, à todas as mulheres foram imputadas as mesmas características da primeira, a curiosidade, o orgulho, a fragilidade, a desobediência e, por conta de tais elementos, um possível risco de subversão da hierarquia masculina instituída e fortalecida durante a Idade Média.

A IDADE MÉDIA ENCONTRA BOURDIEU: PENSANDO TEORICAMENTE A PRESENÇA DO MARTÍRIO E DA HERESIA NA LEGENDA ÁUREA

João Guilherme Lisboa Rangel (Mestrando – UFRRJ)

Escrita pelo dominicano Jacopo de Varazze na segunda metade do século XIII, a *Legenda Áurea*, apresenta quantidade significativa de hagiografias, sendo a maioria de mártires dos primeiros séculos do cristianismo. Além disso, também aparecem inúmeras referências às heresias. Acredita-se na existência de uma relação entre a presença dos mártires e das heresias na obra e o combate empreendido pelos Dominicanos as dissidências presentes na Europa ao longo do século XIII. Desta maneira, através das teorias de Pierre Bourdieu procurar-se-á compreender do ponto de vista teórico as relações entre ordem dos Pregadores, martírio e heresia no que se refere à composição da obra. O conceito de campo religioso formulado pelo autor norteia a “janela teórica” deste trabalho. No entanto, entender conceitos como campo, classe, habitus, bem como seu conceito de poder simbólico e capital simbólico, são ações fundamentais para compreensão do primeiro conceito levantado.

UMA VISÃO GRAMSCIANA DAS INTERVENÇÕES MISSIONÁRIAS DE GREGÓRIO I (590-604) NA GÁLIA

João Paulo Charrone (Doutorando – UFF)

Esta comunicação analisará as estratégias missionárias de Gregório I, através da correspondência pontifical, na Gália. Vale lembrar que as intervenções nesta região compõem a primeira fase da atividade missionária deste papa, cujo ápice foram as investidas na conversão dos saxões. Tal trabalho é guiado pelos referenciais de hegemonia, ideologia e Estado de Gramsci. Portanto, adotamos o critério metodológico de leitura dos fatos sociais a partir das relações de força estabelecidas entre os grupos em disputa na sociedade. Isto é, entendemos a ação de Gregório I como um projeto papal na luta concreta pela conquista de hegemonia, através de um discurso com forte carga ideológica, entre os grupos antagônicos na sociedade gaulesa. Assim, as epístolas gregorianas – remetidas as autoridades governamentais e prelatias, bem como, aos

latifundiários – objetivavam universalizar seus interesses de classe para o conjunto da sociedade por meio do consenso em torno de suas demandas, no caso: a conversão de infiéis, a reforma na Igreja Franca, bem como, o reconhecimento de sua liderança eclesiástica e política.

HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA: DEBATES E REFLEXÕES ACERCA DA DATAÇÃO DA VITA SANCTI THEOTONII

Jonathas Ribeiro dos Santos Campos de Oliveira (Mestrando – UFRJ)

Nossa proposta tem por objetivo iniciar um diálogo com a historiografia em relação a um possível arco temporal de produção da *Vita Sancti Theotonii*. Esta obra narra o transcurso de vida de D. Teotônio, integrante do grupo fundador do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, eleito para exercer o primeiro priorado da comunidade de cônegos regentes que então se estabelecia. Marcada pelo cunho panegírico, sendo o foco central da produção a construção idealizada do próprio religioso, ela traz relatos que seguem desde seu nascimento, em 1082, até sua morte em 1162. Produzida, ao que tudo indica, após seu falecimento, os historiadores, no entanto, divergem quanto a uma datação mais precisa da obra. Fazendo uso de outros documentos e da historiografia, associado ao que a própria narrativa hagiográfica evidencia dos interesses então observados, buscaremos identificar as preocupações do priorado coimbrão no século XII para estabelecer um recorte temporal mais específico de produção da narrativa. Além de apresentar e debater o posicionamento e embasamento apresentado por alguns pesquisadores acerca da questão, desejamos discutir quais as informações contidas na obra que a aproxima de um determinado contexto e quais interesses políticos, conflitos, tensões estão associados ao relato.

COMO QUEM JOGUETA PER COMPARAÇOM: CONCEPÇÕES DE TEMPO NA ESCRITA LOPESIANA (SÉCULO XV)

Josena Nascimento Lima Ribeiro (Mestranda – UNIRIO)

Os sujeitos históricos vivem os seus presentes levados pelas histórias do passado e a perguntar-se sobre o advir do futuro, fazendo do tempo e do espaço noções em contínua problematização. De 1383-1385, o reino de Portugal passa por um momento conhecido como Revolução de Avis, em que uma nova dinastia assume o trono e precisa legitimar seu poder. O plano foi colocado em prática com a contratação do guarda-mor da Torre do Tombo, Fernão Lopes. A intenção era escrever crônicas que narrassem os grandes feitos dos reis portugueses e o movimento social de ascensão da família avisina. A *Crônica de D. João I*, aqui analisada, apresenta conotações milenaristas e messiânicas ao fundador da dinastia, D. João. Fernão Lopes demonstra uma preocupação com a administração do tempo sobre qual escreve e exprime um passado idealizado, um presente menosprezado e um futuro anunciado. Nessa comunicação, temos por intenção analisar as representações temporais edificados por Lopes, no início do século XV.

AS PRÁTICAS ASCÉTICAS NO DISCURSO HAGIOGRÁFICO MEROVÍNGIO: REFLEXÕES SOBRE A VIDA DE RADEGUNDA

Juliana Prata da Costa (Mestranda – UFRJ)

Neste trabalho pretendemos discutir a respeito das referências ao monacato presentes na hagiografia atribuída ao bispo Venâncio Fortunato, escrita no século VI, dedicada a Radegunda de Poitiers. Nosso objetivo é relacionar a manifestação monástica, um dos elementos que fundamentam a trajetória religiosa da santa na documentação, com a conjuntura do reino dos francos. Acreditamos que a análise do texto hagiográfico pode favorecer a compreensão do processo mais amplo de fortalecimento da Igreja ao longo da Alta Idade Média. Nesse sentido o monacato é, segundo a nossa concepção, uma das categorias que merecem ser exploradas mais detidamente. Isso porque o VI século é considerado por grande parte da historiografia como um momento de especial desenvolvimento da atividade monástica na Gália, como um dos recursos que permitiram a expansão da cristianização no contexto merovíngio. Com o objetivo de estabelecer um recorte para esta comunicação nossa atenção estará voltada mais especificamente para as práticas ascéticas descritas na documentação e para a investigação sobre essa temática em particular.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O “MONACATO EM MOVIMENTO” NOS REINOS FRANCO E VISIGODO DO SÉCULO VII: PEREGRINAÇÃO E EREMITISMO

Juliana Salgado Raffaeli (Doutoranda – UFRJ)

O presente trabalho objetiva expor as questões iniciais da pesquisa de doutorado em desenvolvimento, sob o título “Peregrinação e eremitismo, o monacato em movimento nos reinos franco e visigodo do século VII: um estudo comparado das hagiografias de Amando de Maastricht e de Valério de Bierzo”. Tal projeto tem em vista compreender as relações de poder existentes entre os eremitas e peregrinos e as autoridades religiosas e laicas dos reinos visigodo e franco, durante o século VII, partindo principalmente da literatura hagiográfica.

Apresentaremos as primeiras considerações a respeito de como se configuram e se relacionam as formas de monacato exercidas fora do ambiente monástico, especificamente o eremitismo e a peregrinação. Com esse objetivo, analisaremos como ambas as modalidades foram tratadas nos relatos produzidos a respeito de dois dos seus praticantes, o peregrino Amando de Maastricht e o eremita Valério do Bierzo.

Entendemos por eremitismo a experiência monástica realizada em isolamento ascético, fora do mosteiro, com um caráter mais contemplativo do que missionário. A peregrinação, na sua modalidade vinculada ao monacato, também se concretizava fora do espaço cenobítico, em isolamento ascético, mas com um caráter mais evangelizador do que contemplativo. Interessa-nos aqui o que as duas modalidades têm em comum, sua atividade itinerante, desvinculada do espaço monástico institucionalizado, sem a submissão a um abade e a uma regra monástica.

ARQUEARIA E CAVALARIA EM “A VIDA DO REI HENRIQUE V”, DE SHAKESPEARE

Karina Nunes Pereira (Graduanda – UFRJ)

Nas guerras e batalhas ocorridas na Idade Média, a honra era uma questão de suma importância, e granjear fama era algo louvável. No campo de batalha havia destaque para certos tipos de combatentes, como os cavaleiros e os arqueiros. Embora estivesse integrada no cotidiano da vida medieval (BRADBURY, 2014, P. 159), a arquearia estava relacionada com a camada mais baixa da sociedade, sendo uma arma usada pelo homem comum (idem, p. 160). No campo militar, os arqueiros não eram nobres, mas camponeses e, por vezes, criminosos que eram perdoados pelo rei mediante serviço militar em suas guerras. Isso contribuía ainda mais para a forma como eram vistos pela sociedade: como covardes sem honra que não chegavam ao combate corpo a corpo (ibidem, p. 3). Outrossim, os cavaleiros que manejavam a espada eram considerados valentes e corajosos, pois eles não atacavam de longe; antes, combatiam o exército inimigo com ataques frontais frontal. Na batalha de Azincourt, muito famosa pelo impacto causado durante a Guerra dos Cem Anos, os arqueiros foram decisivos para a vitória da Inglaterra sobre a França, mesmo que os ingleses estivessem em notável desvantagem. Essa batalha foi retratada por Shakespeare na peça A vida do Rei Henrique V, de 1599. Com essa pesquisa, tenho o objetivo de analisar como os arqueiros e os cavaleiros medievais são representados na peça shakespeareana, bem como seu papel na mencionada batalha. Pretendo comparar o plano do real e ficcional na representação dos combatentes em Henrique V, e como os elementos sociais distintos dos arqueiros e dos cavaleiros estão presentes nessa peça.

O TEMA DO ALÉM NA LEGENDA ÁUREA

Laís Luz de Carvalho (Graduanda – UFRJ)

O objetivo do trabalho será analisar o tema do Além - com destaque ao Purgatório -, na compilação medieval denominada Legenda Áurea, mais especificamente o capítulo 158, “A Comemoração das Almas”. Compilada na segunda metade do século XIII, na Península Itálica, pelo frade dominicano Jacopo de Varazze, a obra foi destinada à leitura devocional e à consulta para a ilustração de sermões.

A metodologia consistirá em examinar o sujeito discursivo, inserido em uma conjuntura histórica, social, temporal, espacial e ideológica específica. O objetivo será analisar as diferentes vozes sociais (polifonia) que compõem o discurso (ou discursos implícitos) do autor/compilador do legendário.

O capítulo selecionado trata de uma festa consagrada ao Purgatório, que esquematiza a lógica deste espaço do Além, ou seja, apresenta personagens e relações envolvidas no sistema de salvação. Mostra a relação de solidariedade entre vivos e mortos sendo reforçada pelos sufrágios oferecidos às almas dos falecidos; a busca pela salvação pessoal e o controle de atitudes sociais pela Igreja Romana, por meio do medo dos sofrimentos no pós-morte –expiatórios e temporários no caso do Purgatório, eternos no caso do Inferno. O documento mostra a própria instituição como a responsável por conduzir a cristandade à salvação.

A SAÚDE INFANTIL NA IDADE MÉDIA: O *TRATADO DAS CRIANÇAS* DE BERNARDO DE GORDÔNIO (SÉCULO XIV)

Larissa Lacé Sousa (Graduanda – UEG)

Esta pesquisa tem como proposta analisar os cuidados com a saúde infantil no medievo a partir do *Tratado das crianças*, composto no início do século XIV, pelo físico e mestre da Faculdade de Medicina da Universidade de Montpellier, Bernardo de Gordônio (1258-1318). Dentre os gêneros da literatura médica medieval, esse escrito é uma mescla de receituários e regimento de saúde, pois ao mesmo tempo em que lista as enfermidades mais comuns durante a infância e os respectivos tratamentos, indica também conselhos de como evita-las e, assim, conservar a saúde. O autor inicia sua obra, estruturada em 28 capítulos, fornecendo informações acerca das circunstâncias do nascimento e os primeiros cuidados com o recém-nascido. Assim, nosso foco de análise refere-se ao estudo dos primeiros anos das crianças, investigando os preceitos médicos referentes à higiene, à alimentação e à escolha da ama de leite.

COM UM REI NA BARRIGA": O DISCURSO LEGITIMATÓRIO SOBRE NASCIMENTO EM JOÃO DAS REGRAS NA CRÔNICA DE D. JOÃO I

Leandro Cordeiro de Souza (Pós-graduando – UERJ)

O trono português ficou vago em 1383, após a morte de D. Fernando I, nessa situação 4 candidatos disputam o trono português. D. Beatriz, filha do rei recém falecido e de D. Leonor Teles, do outro lado, D. João, filho de D. Pedro I e D. Inês de Castro, D. João de Castela, rei de Castela e D. João, mestre da Ordem de Avis e filho bastardo de D. Pedro I e, portanto, irmão de D. Fernando I. A crise dinástica em Portugal acentua uma série de outras crises que denunciam parte dessa sociedade.

No discurso apresentado nas cortes portuguesas por João das Regras e descrito na Crônica de D. João I teve como objetivo que D. João, mestre da Ordem de Avis, ganhasse apoio dos nobres e, dessa forma, pudesse ser um candidato válido para disputar o trono, uma vez que a população portuguesa já o tinha imbuído como regedor e defensor de Portugal após a morte do Conde D' Andeiro. Tal trabalho tem como objetivo apresentar o discurso descrito nesse trecho da Crônica, evidenciando a forma como essa sua construção é criada, mas também clarear, com especial atenção o papel da mulher, tanto de D. Inês de Castro, quanto de D. Leonor Teles na Crônica. Tendo assim uma perspectiva de História Social e com um interesse de História de Gênero, buscando uma análise de discurso.

A REPRESENTAÇÃO DA SEXUALIDADE E DO FEMININO NA LITERATURA MEDIEVAL: UM ESTUDO ACERCA DA QUESTÃO DE GÊNERO E DOS PAPEIS SEXUAIS NA IDADE MÉDIA

Leticia Souza da Costa (Graduanda – UNESA)

O presente estudo tem como tema a sexualidade e sua representação na mentalidade da Europa ocidental entre os séculos XII e XIV, com enfoque na questão de gênero. Este estudo visa esmiuçar o feminino e o masculino na literatura medieval e como sua sexualidade e suas práticas sexuais eram pensadas, relatadas e julgadas.

A fim de buscar a compreensão dos conflitos de gênero a partir de sua representação na literatura medieval, este artigo trabalhará para responder três perguntas principais: (1) Como a mentalidade europeia medieval entende a divisão de gêneros? (2) A questão de gênero é sempre posta com a subordinação feminina? (3) Como a questão de gênero é retratada na literatura medieval? Para responder tais perguntas, utilizará como fonte de análise de *fabliaux*, pequenos contos produzidos entre os séculos XIII e XIV, com o objetivo de compreender como tais questões eram entendidas e vividas pelas camadas populares da Europa medieval.

NORMATIZAÇÃO E MARGINALIDADE NAS ATAS BRACARENSES: A BUSCA PELA ORTODOXIA CRISTÃ NA GALIZA NO SÉCULO VI

Luan Ribeiro de Araujo (Graduando – UFRJ)

Apresento nesta comunicação os estágios iniciais da pesquisa de Iniciação Científica que desenvolvo no âmbito do Programa de Estudos Medievais (PEM/UFRJ), sob orientação da Prof^a Dr^a Leila Rodrigues da Silva. Esta pesquisa está vinculada ao projeto “A figura episcopal nas atas conciliares bracarenses e visigóticas e em escritos martinianos e isidorianos: nuances da organização eclesiástica nos reinos suevo e visigodo em perspectiva comparada (séculos VI-VII)”.

Analisarei em perspectiva comparada as atas do I e II concílios bracarenses, realizados em 561 e 572, ambos presididos pelo bispo Martinho de Dume (ou Martinho de Braga). Os concílios, realizados sob anuência do rei suevo, representam a busca por uma ortodoxia das práticas e da linguagem clerical, em consonância com Roma, e também uma aproximação com o poder temporal suévico.

Trabalho com a hipótese de que para se formular uma identidade nicena na Galiza – uma região em que a Igreja está em processo de reconstrução, e em que as heresias estão disseminadas e práticas “pagãs” persistem no cotidiano – os bispos em Braga traçam fronteiras entre o que está dentro da lógica pretendida e o que está à margem. Nesse sentido, à luz da História Comparada, da Análise do Discurso e dos conceitos de campo e poder simbólico de Pierre Bourdieu, discutirei as ferramentas da Igreja na disputa ideológica na região da Galiza, com destaque para categorias tipológicas de marginalidade circunscritas no discurso das fontes.

A EXPANSÃO DE CLÓVIS À AQUITÂNIA VISIGÓTICA: UMA LEITURA DAS DISTINTAS ORIENTAÇÕES CRISTOLÓGICAS

Luander do Valle Barros (Graduando – UFRJ)

O referido trabalho tem como objetivo explorar as possíveis referências às distintas orientações cristológicas que permeiam os reinos existentes na Gália – Francos merovíngios na Austrásia e Nêustria, e Visigodos na Aquitânia – no início do século VI, relacionando-as com o processo de expansão dos merovíngios ao sul gaulês, que provocou o deslocamento dos visigodos à Península Ibérica

O diálogo acerca da disputa pela Aquitânia entre dois reinos com orientação cristológica pode ser observado em uma carta, contida nas “Epístolas Austrasianas”, enviada por Clóvis a bispos niceno-ortodoxos, que compartilhavam do mesmo credo que o monarca franco, aquele deliberado em Niceia no ano de 325.

Assim, à luz da historiografia e de análise documental, discutiremos aspectos do conflito entre merovíngios e visigodos mediado por questões dogmáticas.

PREGADOR E ESTUDIOSO? ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO HAGIOGRÁFICA DE SÃO DOMINGOS DE GUSMÃO

Lucas Cunha Nunes (Graduando – UFRGS)

Essa comunicação é resultado dos estudos realizados junto ao projeto de pesquisa “Os Tempos da Santidade: Processos de Canonização e Relatos Hagiográficos dos Santos Mendicantes (Séculos XIII E XIV)” coordenado pelo professor Dr. Igor Salomão Teixeira, e que também fazem parte da elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso em História que será apresentado no final deste ano. Buscaremos nesse trabalho analisar hagiografias escritas pelos dominicanos Pedro Ferrando e Constantino de Orvieto sobre São Domingos de Gusmão, santo fundador da Ordem dos Pregadores. Nosso objetivo é problematizar a representação de Domingos nessas hagiografias, enfocando nos aspectos da pregação e dos estudos presentes nessas obras. A partir desta leitura é possível dizer se um desses dois aspectos é mais preponderante? Para isso, nos basearemos principalmente nos estudos de Carolina Coelho Fortes sobre as questões da identidade institucional dos dominicanos trabalhados em sua tese de doutorado. Sendo assim, visamos analisar as hagiografias levando em consideração o contexto institucional de suas escritas e o impacto que isso gerou na representação hagiográfica de Domingos.

***DEVŞIRME*: O PROCESSO DE RECRUTAMENTO DE JOVENS CRISTÃOS SOB O DOMÍNIO DO IMPÉRIO OTOMANO NA EUROPA, SÉCULO XV**

Lucas Martiniano Pereira (Pós-graduando – UERJ)

A proposta desta comunicação é apresentar uma análise sobre a relação sociocultural presente no contato entre otomanos e sociedades da Europa Oriental que estavam sob o seu domínio no século XV, abordando o processo de recrutamento militar infantil, o *Devşirme*, que utilizou crianças cristãs e judias dessas regiões. Estabeleceremos um diálogo historiográfico que aponte a questão do discurso de resistência ao recrutamento infantil e as consequências dessa prática. Teremos como documentação de época os relatos de Isidore Glabas (1395), um religioso da Tessália e Konstantin Mihailovic, soldado de origem sérvia que foi capturado ainda jovem no ano de 1455 pelos otomanos.

A ameaça otomana incidiu não só de forma expansionista, assimilando territórios vizinhos; o impacto deste processo vai além do aspecto territorial, ocasionando um grande choque cultural nas sociedades submetidas às ordens de estrangeiros. Historicamente, o Islã foi encarado como um adversário da Cristandade a ser superado desde a sua ascensão. Buscaremos, a partir dessa perspectiva, analisar o processo de construção do imaginário coletivo por meio de Edward Said com o seu conceito de “geografia imaginativa”, considerando principalmente o *Devşirme* como um concreto atrito entre os pensamentos ocidentais cristãos e orientais islâmicos.

OS CONCÍLIOS ECLESIASTICOS E A NORMATIZAÇÃO DA VIDA CRISTÃ NO SÉCULO V: PRIMEIROS APONTAMENTOS SOBRE AS PRESCRIÇÕES COMPORTAMENTAIS NOS CÂNONES DO CONCÍLIO DE CALCEDÔNIA

Lucas Moreira Calvo (Mestrando – UFRJ)

O presente trabalho é fruto do estudo da história dos primeiros concílios eclesiásticos, tendo como objetivo produzir reflexões que possibilitem a formulação de um projeto de pesquisa relacionado ao tema.

O Concílio de Calcedônia (451) geralmente é lembrado por sua importância na definição da fé cristã, sendo inclusive tratado por alguns historiadores como o *turning point* dos debates cristológicos. No entanto, além do embate teológico, o concílio em questão também apresenta, em seus cânones, regulamentações para problemas vivenciados pelas comunidades cristãs. Tratando o processo de institucionalização eclesiástica como uma trama movida por clérigos e leigos, repleta de disputas e reviravoltas, acreditamos que a história dos concílios eclesiásticos seja um caminho não apenas para entender a constituição histórica da doutrina cristã, mas sobretudo para compreender e explicar a estruturação da hierarquia eclesiástica, as transformações das relações entre leigos e clérigos e a legitimação do próprio concílio como instrumento normativo no que tange à doutrina, ao comportamento social e à resolução de conflitos.

Nesse sentido, esta comunicação se propõe a apresentar alguns apontamentos iniciais sobre o papel das regulamentações comportamentais presentes nos cânones calcedônios no processo de institucionalização eclesiástica desenvolvido na passagem da Antiguidade à Idade Média.

CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS PRODUÇÕES DO “LIBRO DEL PASSO HONROSO” DE PERO RODRÍGUEZ DE LENA (LEÃO E CASTELA, SÉCULO XV)

Lucas Werlang Girardi (Mestrando – USP)

Como parte da pesquisa de mestrado, iniciada em março de 2015, e que busca investigar relações entre a nobreza da península ibérica no século XV a partir da prática de jogos e festividades, o trabalho a seguir visa refletir sobre versões e produções do documento principal da dissertação, qual seja o “Libro del Passo Honroso, defendido por el excelente caballero Suero de Quiñones”, um registro escrito em 1434 pelo notário real de Juan II, Pero Rodríguez de Lena, que foi testemunha ocular e narra em seu livro os acontecimentos do Passo Honroso, uma competição de justa equestre onde os participantes eram exclusivamente nobres. Partindo da existência de algumas versões da fonte, e a inexistência ou desconhecimento do manuscrito original, serão expostas algumas alternativas e considerações sobre as formas de lidar com as ausências e as modificações causadas por copistas e editores do texto, analisando quem foram seus autores e seus possíveis estímulos. Ainda, buscar-se-á analisar as versões consideradas mais verossímeis e cujos autores provavelmente tiveram contato com o documento original, além de buscar contextualizar as versões impressas posteriores e possíveis modificações nas mesmas.

PARENTESCO E INCESTO NAS LEIS MATRIMONIAIS DA IV PARTIDA DE AFONSO X (1252-1284)

Luísa Tollendal Prudente (Mestra – UFF)

O direito matrimonial canônico se desenvolveu em grande parte ao longo dos séculos XII e XIII, e as disposições normativas sobre o casamento e as regras matrimoniais estabelecidas no IV Concílio de Latrão foram essenciais no movimento papal de regralização da vida laica e eclesiástica. O contexto era de Reforma religiosa, e o papado construía para si discursos que objetivavam normatizar o comportamento de forma a persuadir quanto aos ideais católicos de condução da vida humana, no momento em que se discutia a preeminência do poder papal ou dos poderes régios, em meio aos conflitos jurisdicionais entre papado e monarquias. O rei Afonso X de Castela e Leão (1252-1284) esteve inserido nessa disputa especialmente durante o período em que pleiteou o trono do Sacro Império Romano-Germânico. Foi nesse momento que produziu o seu código jurídico das *Siete Partidas*, cujo quarto livro – *IV Partida* – se concentra na normatização do casamento e das diferentes relações sociais que se considerava que derivavam da união matrimonial. Ao mesmo tempo em que as disposições da *IV Partida* reforçam e não negam as principais determinações canônicas, elas as adaptam e manipulam no interior das preocupações aristocráticas castelhanas. Esse movimento se verifica, por exemplo, nas leis dedicadas ao parentesco e à proibição matrimonial por incesto: ao mesmo tempo em que acatam as disposições do IV Concílio de Latrão a respeito dessas questões, elas servem ao discurso da *IV Partida* sobre a função do casamento na sociedade, e, com isso, às formas aristocráticas de reprodução do poder e à afirmação da prerrogativa legislativa régia que se expressa no conjunto das *Siete Partidas*.

PORTUCALE E AS INFLUÊNCIAS DA IGREJA: UM NOVO REINO

Luiz José da Silva (Pós-graduando – UERJ)

Entre os anos de 1128 a 1185, fatos, eventos e ocorrências construíram o momento político, social, militar e econômico do Condado Portucalense, sob influências do clero bracarense, resultando na Bula *Manifestis Probatum*, nosso documento. Diante do contexto político e religioso, problematizamos: *Afonso I, considerava como definitiva e suficiente o reconhecimento da Igreja à soberania de Portugal e como certa a garantia da sucessão por parte dos seus herdeiros?*

Definimos como objetivos: *Estabelecer* uma relação entre o reconhecimento de Afonso VII, após a Batalha de Zamora e o reconhecimento do Papa Alexandre III. *Analisar* se o desejo de autonomia do Bispado de Braga, não mais estar subordinado aos bispos de Toledo e Santiago, estavam nos planos e na vontade de Afonso I. *Identificar* nas atitudes do rei sua solicitação ao Papa de reconhecimento da soberania do Estado português. Em nossa discussão historiográfica, dialogaremos com os Professores Souza (Revista Triplov, 2012), Mattoso (2000, p.7), Herculano (1876, p.224) e Vian (2008, p.1), Em Max Weber, o carisma de Afonso I é refletido nos conceitos de ação social, dominação e legitimação. Em nossa hipótese, Afonso I jamais considerou relevante o reconhecimento do vaticano, constatamos com o método tipológico de Max Weber.

A HOMOSSEXUALIDADE ESCARNECIDA: A SODOMIA NAS CANTIGAS MEDIEVAIS GALEGO-PORTUGUESAS

Luiz Paulo Labrego de Matos (Mestrando – UERJ)

Sempre existiram relações entre homens? Essas relações eram sexuais ou afetivas? Havia algum impedimento legal por parte das cortes ibéricas medievais? Se havia leis proibitivas desses atos sodomíticos, como era a aceitação social para aqueles que praticavam esse tipo de sexo?

Um fato quase que inquestionável é admitirmos que sempre houve pessoas interessadas sexualmente por pessoas do mesmo sexo. No entanto, nem sempre esse tipo de relação era considerado como forma de comportamento afetivo. E se pensamos na Idade Média como uma era de repressão aos pecados cristãos, as cantigas podem nos suscitar dúvidas acerca da aceitação social dessa conduta sexual.

Com isso, o presente trabalho tem como proposta caminhar por duas cantigas medievais galego-portuguesas que versam sobre o tema da sodomia para pensarmos como era tratado o assunto pela sociedade. Através do canto do trovador, tentaremos nos aproximar da questão e entender se de fato a sodomia era ou não tão renegada pelas gentes à época. Na verdade, o importante é resgatar temas que foram rechaçados ao longo dos estudos literários dominados, neste caso específico, por uma cultura heteronormativa, e que hoje poderiam facilitar a desconstrução das verdades que dominam esses tempos sombrios.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE A CARACTERIZAÇÃO DA GUERRA NA CRÔNICA DE JOÃO DE BÍCLARO

Marcelo Roberto da Silva (Graduando – UFRJ)

No presente trabalho, pretendo apresentar alguns aspectos iniciais de minha pesquisa de monografia que está em desenvolvimento sob a orientação da Prof^a Dra. Leila Rodrigues da Silva no âmbito do Programa de Estudos Medievais da UFRJ. Tal pesquisa envolve a análise de elementos relacionados à guerra presentes na Crônica escrita por João de Bicláro, bispo de Gerona, entre o final do século VI e início do século VII no Reino Visigodo.

Nesta obra, que abrange o período de 565 à 589, o autor procurou narrar uma seleção acontecimentos que considerou relevantes em sua época, com ênfase naqueles relacionados ao Reino Visigodo e a Bizâncio, embora também descreva fatos ocorridos em outras regiões. João busca se colocar como continuador das crônicas precedentes, prática comum a autores deste gênero, que pretendiam assim conferir legitimidade a seus escritos baseados em autoridades tidas como predecessoras.

Neste conjunto de notícias que a Crônica apresenta, a oposição entre os poderes centrais e forças consideradas desagregadoras ocupa um papel de bastante destaque, sendo um dos principais temas em torno do qual se estrutura o documento. Nesse sentido, a descrição de momentos conflituosos é bastante recorrente, sendo muitos os casos em que são narradas disputas entre os grupos que detinham o poder e outros que de alguma forma perturbavam a ordem estabelecida.

Aqui, interesse-me em destacar a caracterização dada pelo autor para tais momentos. Assim, apresentarei uma tipologia, na qual os referidos conflitos serão classificados, com o intuito de observar a existência de algum tipo de padrão que ajude a melhor compreender como a prática da guerra e da violência se relacionam nesta obra.

O EMPREGO DAS FORTIFICAÇÕES CASTELHANAS NA GUERRA DE FRONTEIRA

Marcio Felipe Almeida (Doutorando – UFF)

A historiografia atual tem dedicado pouca atenção ao tema fortificações nas fronteiras do mundo medieval. Dos monumentos deste período, o castelo é talvez o mais conhecido e o menos compreendido, pois costuma-se acreditar que o estudo dos aparatos de defesa e dos limites territoriais sejam atribuições da arqueologia ou da geografia. Entretanto, como cabe ao historiador reverter este paradigma, buscaremos entender a relação entre as fortificações dispostas no território fronteiriço e as transformações causadas no sistema de organização social, espacial e política. Assim, ao assumimos as fortificações como objeto de pesquisa, buscaremos também deixar de lado considerações à cerca da arqueologia medieval para compreender a articulação entre os castelos e as forças sociais existentes no reino de Castela.

O GALENISMO ÁRABE MEDIEVAL E A CONCEPÇÃO DE SAÚDE NOS ESCRITOS MÉDICOS DE ARNALDO DE VILANOVA (SÉCULOS XIII-XIV)

Maria Dailza da Conceição Fagundes (Doutora - UEG)

Esta exposição tem por objetivo refletir sobre o conceito de saúde apresentado por Arnaldo de Vilanova (1240-1311) em dois gêneros da literatura médica medieval: um escrito escolástico, o *Tractatus de intentione medicorum*, resultado de sua atividade docente e destinado aos seus alunos da Faculdade de Medicina em Montpellier; e um regimento de saúde, o *Regimen sanitatis ad regem Aragonum*, composto por prescrições de medidas dietéticas para o rei Jaime II (1291 – 1327) de Aragão. Esses escritos, que agregam um conjunto de saberes inspirados nas matrizes antigas e árabes, refletem tanto o conhecimento propiciado pelo ensino universitário como sua experiência (*practica medica*) adquirida nos quarenta anos dedicados ao exercício da Medicina. O físico catalão foi educado no galenismo árabe medieval e, portanto, sua concepção de saúde, relacionada à manutenção da disposição natural no corpo humano, era semelhante às definições de físicos contemporâneos, como Pedro Hispano e Bernardo de Gordônio. Assim, para compreender as teorias e doutrinas que forneceram a fundamentação teórica para seus escritos, propomos identificar as *auctoritates* da dietética arnaldiana presentes em suas obras médicas e na lista de livros de sua biblioteca particular disponibilizada em seu inventário de bens e objetos pessoais.

ORAÇÕES PINTADAS – PRÁTICAS DEVOCIONAIS E FUNÇÕES DAS ILUMINURAS DE LIVROS DE HORAS

Maria Izabel Escano Duarte de Souza (Mestra – UFRJ)

Esta comunicação pretende apresentar alguns aspectos de minha dissertação de mestrado, tendo como fio condutor a noção de funções das iluminuras medievais. Para tal, o suporte privilegiado das iluminuras são os livros de horas, um tipo de livro de orações de uso pessoal, feito para leigos, que surge a partir do século XIII na Europa.

Tradicionalmente, foram atribuídas três funções para as imagens medievais: ensinar, lembrar e comover, retiradas principalmente das cartas de Gregório Magno ao bispo Serenus no século VII. No entanto, novos estudos mostram que tal tríade é insuficiente para explicar a complexidade de imagens existentes no período. Aquele que

será abordado nesta comunicação é o desenvolvido por Jérôme Baschet, e que propõe a noção de “imagem-objeto”.

Há de se tomar ciência do alto grau de funcionalidade da arte medieval: não há imagem que seja pura representação. Na maioria das vezes, trata-se de um objeto que dá lugar a usos, manipulações, ritos. Daí surge a noção de “imagem-objeto”, que recobre dois casos distintos em níveis de inflexão variados: a imagem por si só e a imagem aderida a um objeto, como por exemplo, a iluminura dentro do livro de horas.

Tratar-se-á aqui, então, de articular o maior número possível de aspectos relacionados às iluminuras, analisando-as conjuntamente com as problemáticas relativas à produção, à recepção e à significação iconográfica. Suas funções foram compreendidas em seus sentidos múltiplos, relacionadas principalmente ao papel das iluminuras na prática da oração pessoal e na devoção dos fiéis.

FORMAS DE APROPRIAÇÃO E PENETRAÇÃO DO PAGANISMO: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Maria Júlia Dutra Rabelo (Graduando – UFRJ)

Na comunicação a seguir abordamos as formas de apropriação e penetração do cristianismo, assim como a ascensão do clero cristão e seus mecanismos de combate às práticas ditas pagãs nos séculos V e VI. O estudo em questão tem como objetivo identificar essas estratégias empreendidas por autoridades eclesiásticas, em um espaço ocupado por crenças e costumes considerados pagãos. As formas de apropriação e penetração usadas pelo cristianismo, nos dão uma interpretação a respeito do desenvolvimento de uma cultura clerical, diante da qual, aos olhos dos eclesiásticos, as “tradições” pagãs persistiam.

Ressalte-se que esta comunicação expõe as primeiras considerações sobre a pesquisa que se iniciou no ano 2015, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Duarte Silva e realizada no âmbito do Programa de Estudos Medievais, a respeito das relações entre paganismo e cristianismo na Alta Idade Média.

A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA RAINHA TERESA NA HAGIOGRAFIA DE SÃO TEOTÔNIO

Mariane Godoy da Costa Leal Ferreira (Graduanda – UFRJ)

Em meados do século XII, um hagiógrafo clérigo, porém anônimo, escreve uma obra, *Vita Theotonii*, sobre a trajetória de São Teotônio, um homem que conheceu e tinha falecido recentemente e, segundo o autor, tinha “ascendido para Jerusalém Celeste”. Ele foi clérigo da Igreja de Viseu e cofundador e primeiro prior do Mosteiro Agostiniano de Santa Cruz de Coimbra. O maior motivo que teria levado o autor a escrever sobre o amigo foi a saudade, pois, segundo afirma na narrativa, sente muita dor, mas ao mesmo tempo está certo de que Teotônio ressuscitará com Cristo, um consolo para o seu sofrimento.

A hagiografia começa narrando o nascimento do santo em Tui, na Galiza. O hagiógrafo destaca que o nome Teotônio vem do grego e que em latim significa “divino”, informação que ele considera relevante para realçar o caráter santo, que teve uma vida cheia de costumes e virtudes santíssimas. São Teotônio, segundo o relato, foi um homem cuja fé era mais focalizada na devoção do Santíssimo e na espiritualidade, realizando

duas peregrinações à Terra Santa para visitar os lugares sagrados, orar e fazer caridade com os pobres e doentes.

Em minha comunicação, apresentarei uma análise das aparições, ao longo da obra, da Rainha Teresa de Leão, esposa do Conde Henrique e mãe de Afonso Henriques, considerado o primeiro rei de Portugal, a fim de discutir a construção da imagem dessa mulher em sua interação com o santo que o hagiógrafo deixou para a posteridade.

ALMORÁVIDAS, OS VELADOS E A CONQUISTA DE AL-ANDALUS

Marta Bezerra de Almeida (Pós-graduanda – UERJ)

No século XI uma tribo berbere, os Almorávidas conhecidos como al-mulathimün (os velados) localizada na região do Magreb, foram os fundadores de Marrakech e entre suas conquistas estão Ceuta em 1083 e a que se tornaria a mais importante de todas Al-Andalus no ano de 1086. O avanço de Afonso VI foi a causa determinante para a entrada dos Almorávidas em Al-Andalus, pois o rei de Sevilha al-Mu'tamid estabeleceu contato com os Almorávidas para deter o avanço cristão. No verão de 1086 Ibn Tāshfin, líder dos Almorávidas, atravessou o Estreito de Gibraltar e com o apoio de tropas andaluzas e venceu os cristãos na Batalha de Zalaca.

A continuidade da conquista Almorávida deu-se com o filho de Ibn Tāshfin, Alí b. Yūsuf, reinando em todo o sul da Península Ibérica. O Magrib e al-Andalus estavam subjugados pelo poder de Alí b. Yūsuf, quando o império atingiu seu apogeu, mas ao redor do príncipe começava-se a formar elementos que iriam enfraquecer seu poder, seus próprios parentes se reuniram ao redor de seu trono após a morte de importantes qâ'id/s, além de alguns chefes militares almorávidas que reconheciam apenas um vago poder do príncipe. O império acabou subjugado por outra dinastia berbere oriunda do Grande Atlas, os Almohadas que conquistaria o magreb e Al-Andalus.

A INTENTIO DE FREI FRANCISCO E A AFIRMAÇÃO INTERNA DOS FRADES MENORES PELA PENA DE BOAVENTURA DE BAGNOREGIO

Maurício Alves Carrara (Doutorando – UFF)

Um dos dilemas que a Ordem dos Frades Menores enfrentou durante o seu processo de formação institucional, em especial até os anos de 1260, foi conformar as ações internas materializadas nas constituições, nos escritos de seus mestres, na relação com a Igreja etc., com uma *intentio* original do santo fundador. Tais problemas são relativos à percepção de que havia uma vontade “real” de Francisco em relação à sua ordem. Esse significado de “fidelidade” às palavras e aos atos do santo transpassou a sua existência assumindo diversas facetas pelas gerações seguintes de seus frades. No tempo de Boaventura como frade menor, a Ordem já havia passado por tribulações que envolviam em maior ou menor magnitude a ideia de conservar o espírito original de seu santo fundador. A *intentio* era uma apropriação que cindiu a Ordem e, tal divisão, esteve ligada aos frades que foram mais íntimos de Francisco e com ele compartilharam um espaço de experiência, muitos deles desde o início da *fraternitas*. Contudo, as mudanças, muitas delas contrárias ao que queria Francisco, já foram iniciadas com o santo assisense ainda vivo. Nos anos anteriores a 1257, data em que Boaventura foi eleito ministro geral dos menoritas, o Doutor Seráfico foi um dos protagonistas na tentativa de harmonização da “intenção” de São Francisco com as mudanças em curso na ordem. Sua

atuação foi preponderante também para a afirmação externa da Ordem, principalmente na querela com os mestres seculares da universidade de Paris, na defesa dos ideais dos frades menores. Com isso, São Boaventura buscou abstrair a *intentio* sãofranciscana além dos muros dos conventos, ele exterioriza os valores franciscanos ao justificar o lugar social dos frades pela “memória” de seu santo fundador.

SAÚDE E TERAPÊUTICA: ANÁLISE DA OBRA *A CIRURGIA* DE HENRI DE MONDEVILLE (SÉCULO XIV)

Mauricio Ribeiro Damaceno (Graduando – UEG)

O presente trabalho tem por finalidade analisar os procedimentos cirúrgicos recomendados no tratamento de feridas a partir da análise da obra *A Cirurgia*, composta no início do século XIV, por Henri de Mondeville (1260-1320). Ele formou-se em Medicina na Universidade de Montpellier, e posteriormente, atuou como mestre nessa instituição e ocupou o cargo de cirurgião do rei francês Filipe, o Belo (1285 – 1314). Os cirurgiões, devido à importância e à necessidade de seu ofício, eram recrutados para compor as tropas durante as campanhas militares. A atuação desses profissionais da saúde estava ligada à parte prática da medicina medieval, pois o seu trabalho envolvia o conhecimento dos tratamentos mais recomendados para feridas, fraturas, luxações e abscessos. Assim, nosso foco de estudo é identificar os diferentes métodos terapêuticos defendidos por Mondeville. Esses procedimentos são apresentados, no segundo tratado da obra em análise, observando as especificidades de cada ferimento e os comparando com as técnicas propostas por autoridades antigas e árabes como Galeno e Avicena.

CHRISTINE DE PISAN E AS BATALHAS MEDIEVAIS: UM ESTUDO SOBRE OS CERCOS E DEFESAS DA CIDADE (SÉCULO XV)

Michely Alves de Lima Silva (Graduada – UEG)

Este estudo tem por finalidade investigar a logística necessária na organização de uma empreitada militar a partir da contribuição de Christine de Pisan (1364 – 1430). Essa escritora trabalha, na maioria de suas obras, temáticas a respeito da vida e da educação das mulheres. No entanto, compôs também um escrito em que discute temas ligados às práticas militares na Idade Média. Trata-se do *Livro dos feitos, das armas e da cavalaria* (1410) em que apresenta sua definição de guerra e, recorrendo principalmente ao escritor romano Vegécio (século IV d. C.), fornece conselhos a respeito dos sítios e da defesa das cidades. Assim, nosso objetivo é analisar a segunda parte dessa obra que é dedicada às estratégias ligadas ao planejamento de uma batalha e, nesse sentido, nos fornece informações a respeito do recrutamento das tropas, lista de armas, regulamentos, provisões, ferramentas e as técnicas necessárias tanto para a proteção das cidades ou castelos sitiados como para a montagem do cercos.

ENTRE A LEGALIDADE MATRIMONIAL E A AFIRMAÇÃO DO PODER: O PAPEL POLÍTICO DA RAINHA MARIA DE MOLINA DE CASTELA (SÉCULOS XIII-XIV)

Mirja Myrcea Dennisse Churquina Corro (Graduada – UEG)

Maria de Molina (1260-1321), desde o início de seu matrimônio com Sancho IV (1258-1295) de Castela, vivenciou os problemas gerados por uma aliança sem a dispensa papal. Após a morte de seu esposo, em 1295, ao tornar-se rainha regente, durante a menoridade de seu filho Fernando IV (1285- 1312) e, posteriormente, do seu neto Afonso XI (1311-1358), ela preocupou-se em conseguir o apoio da nobreza, garantir alianças com os reis Jaime II (1267-1327) de Aragão e D. Dinis (1261-1325) de Portugal e continuou as negociações com o papado para obter a legitimidade de seu casamento. No seu reinado, em meio aos conflitos, intercalados por momentos de paz, a rainha Maria de Molina, sofrendo ataques dos reinos vizinhos e sem o apoio papal, recorreu a várias medidas, entre elas as alianças políticas por intermédio dos matrimônios de seus filhos com os infantes (as) portugueses e aragoneses. Assim, a proposta deste trabalho é analisar o seu testamento e cartas que integram sua correspondência oficial com o objetivo de identificar as estratégias adotadas por ela e compreender as tramas envolvendo as negociações com a Cúria pontifícia para obter a sua legalidade matrimonial e os acordos com as cortes régias.

ARNALDO DE VILANOVA E A PROPOSTA DE REFORMA DA IGREJA NO *SUPER FACTO ADVENTUS ANTECHRISTI – CONFISSIÓ DE BARCELONA* (1305)

Nabio Vanutt da Silva (Graduando – UEG)

A presente comunicação tem como objetivo tecer algumas reflexões sobre a proposta de reforma da Igreja defendida por Arnaldo de Vilanova (1232-1316) presente no *Super Facto Adventus Antechrist/Confissió de Barcelona* (1305). O físico catalão e mestre na Faculdade de Medicina em Montpellier, prestou serviços médicos às autoridades régias como os monarcas de Aragão Pedro III (1276 – 1285), Afonso III (1285 – 1291) e Jaime II (1291 – 1327) e também circulou pelas cortes pontifícias cuidando da saúde dos papas Bonifácio VIII (1294 - 1303) e Bento XI (1303 – 1304) Clemente V (1305 – 1314). A fonte em análise é o seu discurso proferido na corte aragonesa, presidida pelo rei Jaime II, em que sintetizou sua doutrina profética. Foi uma resposta às perseguições que ele sofreu dos teólogos de Paris que acusaram um de seus escritos como herético e os dominicanos catalães que refutaram e proibiram a circulação de algumas de suas obras teológicas. Assim, influenciado pelas ideias de Joaquim de Fiori (1132-1202) e fundamentando-se em textos bíblicos, Arnaldo, ao expor seu pensamento sobre a vinda do Anticristo, denuncia o que denomina de falsos religiosos de seu tempo e propõe uma reforma da Igreja e da sociedade cristã em que predominasse a virtude da caridade.

A PESTE DA PRIMEIRA IDADE MÉDIA: VISÕES E DISCURSOS EM FONTES DOS REINOS VISIGODO E FRANCO

Nathália Cardoso Rachid de Lacerda (Graduada – UFRJ)

Sou graduada em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e integrante do Programa de Estudos Medievais desde 2009. Desenvolvi na graduação a pesquisa intitulada "O 'ciclo de peste' do Homiliário de Toledo e a relação entre a peste, o pecado e o castigo divino no discurso eclesiástico", na qual busquei analisar em que medida um conjunto de quatro sermões conhecido como "ciclo de peste" relaciona as manifestações de peste com o pecado e o castigo divino. Nesse sentido, tendo como

referência o conceito de "poder simbólico", valorizei, dentre outros aspectos, como o discurso eclesiástico se constitui como referencial religioso para as populações cristãs e grupos a serem convertidos e cristianizados. Nesta comunicação retomo o tema da peste com uma nova abordagem. A partir de questionamentos acerca dos diferentes tipos de fonte que comentam as manifestações de peste na Primeira Idade Média, pretendo analisar e discutir referências tanto do reino Visigodo, quanto do reino Franco entre os séculos VI e VII. Para tal, utilizarei um *corpus* documental que inclui não apenas os sermões mencionados acima, mas também atas conciliares e o *História dos Francos* de Gregório de Tours.

UMA ABORDAGEM INICIAL SOBRE O EMPENHO DO EPISCOPADO GALEGO EM RELAÇÃO AO BATISMO

Nathália Serenado da Silva (Graduanda – UFRJ)

A presente comunicação está integrada à pesquisa de Iniciação Científica que desenvolvo sob orientação da Prof^a Dra. Leila Rodrigues da Silva no âmbito do Programa de Estudos Medievais da UFRJ. Tal pesquisa está vinculada ao projeto “A figura episcopal nas atas conciliares bracarense e visigóticas e em escritos martinianos e isidorianos: nuances da organização eclesiástica nos reinos suevo e visigodo em perspectiva comparada (séculos VI-VII)” perscrutado pela referida professora.

Analisarei nesta apresentação os documentos *De Trina Mersione* e *De Correctione Rusticorum*. Essas obras foram escritas por Martinho, bispo de Braga e Dume, — na segunda metade do século VI — direcionadas a bispos, padres e população não eclesiástica do reino suevo. Na epístola *De Trina Mersione* há a disposição de como deveria ser realizada a liturgia do sacramento do batismo. Acerca do batismo, o documento *De Correctione Rusticorum* lembra ao batizado de suas obrigações para com Deus.

Estes documentos estão inseridos no processo de reorganização e fortalecimento do cristianismo na região galega, com teor fortemente pastoral, tendem à homogeneização dos ritos e do cotidiano da comunidade cristã. Interesse-me aqui, sobretudo pelos elementos associados à experiência batismal presentes nos mencionados documentos.

Buscando a comparação destes documentos, tenciono ver em que medida as suas disposições se aproximam, afastam e/ou complementam-se em relação à liturgia, trabalho pastoral e na regulação do cotidiano. Assim, considerarei o público para o qual as epístolas são direcionadas, a conjuntura política e religiosa da Galiza e a historiografia a respeito.

RELAÇÕES DE PODER E DEMARCAÇÃO DE ESPAÇOS CRISTÃOS: UM ESTUDO ACERCA DA CONVERSÃO DO REINO KENT (SÉCULOS VI-VII)

Nathalia Agostinho Xavier (Mestra – UFRJ)

Considerando o processo de conversão do reino anglo-saxão de Kent, propomos um recorte analítico que compreenda o aspecto espacial da “transição” do paganismo ao cristianismo, isto é, com foco na demarcação de novos limites e usos para edifícios e locais. A partir das cartas escritas por Gregório Magno a Agostinho, líder de missão

enviada à região, bem como aos outros monges envolvidos, somos capazes de observar o papel deste esforço de delimitação de lugares na distinção entre religiões.

Todavia, ainda que reconhecidas as *tópicas* documentais, a conversão do monarca Ethelberto se insere em um projeto de expansão da cristandade que, aparentemente universal, assume características específicas em ambiente insular. Assim, buscamos conceituar *espaço* como categoria sociológica e, por meio de certas premissas teóricas, interpretar algumas nuances do processo de ascensão da elite eclesiástica no contexto do sudeste britânico, estudando, deste modo, a relação entre poder e (re) significação de sítios religiosos em tais circunstâncias.

RELAÇÕES FAMILIARES E DE PODER NA ARISTOCRACIA MEDIEVAL PORTUGUESA

Neila Matias de Souza (Doutoranda – UFF)

Propomos analisar a estrutura da família aristocrática portuguesa a partir do século XIII, quando então sua formação parece caminhar paralelamente a um modelo que privilegia a primogenitura e garante a manutenção no poder de uma linha sucessória única e majoritariamente patrilinear. Os artifícios usados para criar uma genealogia poderosa e que justificasse a dominação e perpetuação da nobreza em cargos ou posições de poder são os mais variados e envolvem constantemente relações entre as diferentes camadas da aristocracia. Fazer conhecer um ancestral mitológico e muito mais importante provar-se seu descendente constituía-se como uma das formas mais conhecidas de filhos bastardos suscitarem legitimação. Os *Livros de Linhagens* e as *Cantigas* apresentam elementos para que observemos essas relações.

UMA NOVA PERCEPÇÃO DO HOMEM PELO AMOR: AS NOVELAS DE CAVALARIA

Nina Barbieri Pacheco (Doutoranda – UERJ)

É no medievo, através da expressão literária, sobretudo, que começa a se desdobrar uma noção de indivíduo que se vê separado da coletividade clássica. Uma autoconsciência do ser humano desponta e é pelo discurso literário da Idade Média que mais claramente a vemos. O homem já não vive como mera sombra dos deuses e prolongamento da *pólis*, mas como um cavaleiro que se destaca na relação de pertença e fidelidade a seu país e, sobretudo, no relacionamento amoroso: o amor a Deus, o amor à dama e o amor ao outro, na caridade. O homem como um ser que ama acaba por tomar consciência, mesmo que de forma ainda intuitiva, de si mesmo.

O gênero narrativo propiciava o desenvolvimento da concretude, interligando os elementos sociais de modo a criar analogias, formas de dizer e enxergar o outro e a própria existência humana. As novelas de cavalaria da Baixa Idade Média na Península Ibérica trazem um bom exemplo disso. Trabalhamos aqui, especificamente, com as novelas *A Demanda do Santo Graal* e com a *Crónica Troiana*. Aspectos rudimentares para a construção do sujeito, para uma evolução da consciência do indivíduo, são ilustrados neste estudo por essas duas novelas de cavalaria. Apoiamo-nos no pensamento do classicista Bruno Snell e também de Umberto Eco, que trabalharam, respectivamente, o despertar da autoconsciência na Antiguidade Clássica e a estética medieval.

O OFÍCIO DOS MORTOS: RITOS E ICONOGRAFIAS EM LIVROS DE HORAS (SÉCULO XV)

Patrícia Marques de Souza (Mestranda – UFRJ)

O recorte temático desta apresentação se refere à grande importância dada à hora da morte pelos cristãos, vista como um momento de tensão, a partir do nascimento de um *locus* intermediário no além, na virada do século XII para o XIII: o purgatório. A leitura e a meditação do texto do Ofício dos Mortos, presentes em Livros de Horas, era considerada como uma das formas de preparar o fiel para o seu destino *post-mortem*, além de reduzir o tempo de expiação das almas. Neste ofício, os textos eram acompanhados por iluminuras e suas iconografias poderiam variar imensamente e apresentar temas fúnebres, como por exemplo: o velório, a missa funerária e o sepultamento do leigo ou dos nobres; temas medievais como os três vivos e os três mortos; a alegoria da morte; a dança macabra; assim como temas bíblicos, a saber: o Juízo Final; a ressurreição de Lázaro e as passagens da vida de Jó.

A insistência em lembrar-se do fim foi uma das formas encontradas pelo clero para que a morte fosse vista como algo iminente e concreto tornando necessária uma autoanálise, reflexão e uma mudança de atitudes por parte do leigo. Neste sentido, este trabalho se propõe a elucidar: como a prescrição da utilização de livros devocionais por leigos, em ambiente privado, associado com a contemplação de imagens que abordavam o tema da finitude humana pretendia preparar o cristão para o momento do trespasse?

A CONSTRUÇÃO HISTORIOGRÁFICA DA IMAGEM DO REI SÁBIO

Paula de Souza Valle Justen (Mestranda – UFF)

Alfonso X de Castela e Leão (1252-1284) é um dos mais célebres rei medievais. A figura do rei sábio atraiu a atenção de diversos historiadores ao longo do tempo, graças ao importante legado histórico de seu reinado, conhecido pela sua vastíssima obra cultural, jurídica e historiográfica. No entanto, a mais recente produção historiográfica sobre este rei acaba por encobrir um desconcertante aspecto do seu reinado: o do seu flagrante fracasso político. O projeto político de Alfonso X não foi vitorioso no seu tempo – no entanto, existe um descompasso entre esta constatação e a imagem hegemônica construída sobre o rei sábio. Tendo principalmente em perspectiva a produção historiográfica espanhola do século XX, o presente trabalho busca mapear as formas como o rei Alfonso X foi apresentado pela historiografia, e quais valores foram vinculados ao reinado do rei sábio ao longo do tempo, desembocando na atual caracterização de seu reinado como o momento em que se gestou o estado espanhol moderno.

SUSCIPIAMUS IN PECTORIBUS NOSTRIS PARVULUM DOMINUM: OS SERMÕES NATALINOS DE CESÁRIO DE ARLES (502-542)

Paulo Duarte Silva (Doutor – UFRJ)

Ocorrida entre os séculos IV e VI, a organização do calendário litúrgico pelo episcopado ocidental se articulou à ascensão do poder dos bispos à frente dos assuntos urbanos. Neste contexto, abarcando o período do jejum de novembro à celebração da Epifania em seis de janeiro, as festas referentes ao ciclo natalino foram associadas às

discussões teológicas referentes à cristologia, à gradual consolidação do batismo de crianças e, por fim, ao combate às práticas consideradas ‘pagãs’ pelos clérigos.

Neste comunicação, discutimos os nove sermões dedicados ao assunto por Cesário, bispo de Arles (502-542). Interessa-nos considerar a temática específica desse ciclo litúrgico à luz do projeto pastoral do episcopado arlesiano, tomando como referência as noções de *habitus*, *campo* e *poder simbólico* de Pierre Bourdieu.

CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS HISTORIOGRÁFICOS SOBRE A *VITA DESIDERII*

Renan Costa da Silva (Graduando – UFRJ)

A presente comunicação está integrada à pesquisa em desenvolvimento no âmbito do Programa de Estudos Medievais (PEM) da UFRJ, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Leila Rodrigues da Silva. O trabalho em questão diz respeito à *Vita Desiderii*, um texto hagiográfico bastante emblemático, de autoria do monarca Sisebuto, escrita no século VII no reino Visigodo.

Nesta comunicação, pretendo apresentar e contextualizar a obra e seu respectivo autor, o rei Sisebuto, bem como discutir o perfil de alguns personagens, com destaque para o monarca Teodorico II da Burgúndia, Brunequilda e o próprio São Desidério. Para tal, estabelecerei estreito diálogo com a historiografia, tendo como referências fundamentais as contribuições dos autores Jacques Fontaine, José Carlos Martín, Isabel Velazquez, Janet Nelson e Santiago Castellanos, apontando suas aproximações e discordâncias sobre o assunto.

A REPRESENTAÇÃO DO OUTRO NA *CHANSON DE ROLAND*

Renan Perozini Gomes Barrozo (Pós-graduando – UERJ)

A *Chanson de Roland* é o poema épico inaugural da literatura francesa. Refere-se a uma canção de gesta que retrata a derrota da retaguarda do exército franco pelas forças muçulmanas, na batalha de Roncevaux, nos Pirinéus. No documento, Roland morre, porém Carlos Magno vence a batalha contra os sarracenos e anexa a Espanha ao seu império. Descoberto em 1835, por Francisque Michel, o manuscrito Digby 23 pertencente à biblioteca da Universidade de Oxford é o mais antigo da tradição manuscrita. É com base nele que se fundam todas as versões modernas da canção. Trata-se pois, de um manuscrito, sem título ou iluminuras, de 4002 versos com as iniciais de cada *laisse* em vermelho, com uma escrita no dialeto anglo-normando, uma versão insular do normando, um dos dialetos da língua d'oïl, que a partir de 1066, com a conquista da Inglaterra pelos normandos, ganha uma extensão insular. Na *Chanson*, notamos algumas representações que se tornaram modelos válidos para os grupos pertencentes ao meio social no qual ela era cantada. Diante disso, buscamos compreender de que maneira, através da produção de discursos, o outro ou o sarraceno, foi representado, tendo em vista que o autor da obra foi possivelmente, um clérigo e a sua narrativa foi produzida visando atingir uma aristocracia cristã guerreira.

A ALBEITERÍA E A SAÚDE DOS ANIMAIS EQUESTRES NO MEDIEVO (SÉCULO XIV)

Rone Carlos Bernardo Soares (Graduado – UEG)

A albeitería é concebida como a ciência que zelava pela saúde e a higiene dos animais na Idade Média, sobretudo dos cavalos que eram peças fundamentais nos campos de batalha. Assim, compreende-se a preocupação dos reis em convocar os albéitares para integrar as expedições militares e dedicarem-se ao tratamento desses animais que normalmente eram feridos nos combates. No exercício de seu ofício, esses profissionais detinham o saber médico fornecido pelas autoridades antigas e árabes que eram a base do conhecimento da albeitería. Por isso, nesse escrito, em análise, os tratamentos eram prescritos com base no galenismo árabe e na teoria humoral, em que concebiam o corpo como sendo composto pelos humores, cujo equilíbrio era responsável pelo estado de saúde, ou seja, o bom funcionamento do organismo. Nesse sentido, a nossa proposta é dialogar com a historiografia acerca da medicina medieval e analisar os tratamentos das principais enfermidades que afligiam os cavalos presentes na obra *Los siete libros del arte de la ciencia de la Albeitería*, coletânea escrita por Frei Bernardo Português no século XIV.

AS SANÇÕES PREVISTAS NOFUERO JUZGO PARA OS CASOS DE ABORTO PROVOCADO

Rosiane Graça Rigas Martins (Doutoranda – UFRJ)

Nesta comunicação visou dar continuidade às reflexões acerca da presença da mulher como promotora de delitos nos textos legislativos vigentes no reino castelhano-leonês no século XIII. Para este trabalho, utilizei como corpus documental o *Fuero Juzgo* - obra jurídica mandada à tradução, adaptada e elaborada sob o reinado de Fernando III (1217-1252), em Castela. Minha análise estará centrada em dois casos previstos nas leis em que eram atribuídos castigos a mulheres que provocavam o aborto de uma gestante.

Os pressupostos teóricos empregados neste texto serão: o Método Comparativo em História proposto por Jurgen Kocka, e os Estudos de Gênero elaborados pela autora Joan Scott, com o propósito de pensar sobre algumas das estratégias utilizadas pelo monarca para imputar diferentes penas para um mesmo delito.

Esta pesquisa está vinculada ao projeto coletivo do Programa de Estudos Medievais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PEM-UFRJ), intitulado "A produção normativa no século XIII e os discursos sobre os corpos e sobre a diferença sexual: reflexões sobre a península ibérica e itálica", coordenado pela Prof^a. Dr^a. Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva.

AS PAIXÕES DA ALMA E A MELANCOLIA NO REGIMENTO DE SAÚDE DO FÍSICO MAIMÔNIDES (SÉC. XII)

Samuel Tolentino da Silva (Graduando – UEG)

Este trabalho tem como objetivo analisar os preceitos terapêuticos destinados à cura da melancolia a partir do estudo do *Regimento de Saúde* composto a pedido do sultão Al-Afdal (1169-1225). A fonte é de autoria do médico judeu Moisés Ben Maimón, conhecido no Ocidente como Maimônides (1135-1204). Ele atuou a serviço de Saladino

e, posteriormente, de seu filho mais velho Al-Afdal que sofria crises de melancolia, caracterizada por um conjunto de sentimentos como tristeza, apatia, abatimento, desespero, angústia e exaustão. O *Regimen* em análise está estruturado em quatro partes e nosso foco de estudo é o terceiro capítulo em que Maimônides discute às necessidades do sultão e fornece conselhos sobre como manter a saúde e evitar as complicações de sua enfermidade. Assim, a proposta é compreender as causas e os tratamentos para essa doença observando o que os físicos denominavam como as paixões da alma, ou seja, a influência da vida emocional no estado de saúde dos indivíduos.

DA ESTRUTURA DO PURGATÓRIO AOS LUGARES DE PURGAÇÃO DOS PECADOS NA OBRA *VISÃO DE TÚNDALO*

Solange Pereira Oliveira (Doutoranda – UFF)

A versão portuguesa do manuscrito *Visão de Túndalo* (cód.244), exemplo de viagem imaginária ao Além medieval, trata das alocações das almas que de acordo com os seus comportamentos enquanto viviam nos seus corpos, são distribuídas em espaços no mundo dos mortos divididos em Inferno, Purgatório e Paraíso. Nessa exposição, abordaremos o Purgatório como o lugar que recebe as almas que não se incluem na categoria de pecadores condenados ao sofrimento eterno. Nossa proposta é apresentar as implicações da ordenação desse ambiente que se apresenta nesse manuscrito com uma estrutura mal definida levando a uma quase identificação com o espaço infernal. A menção na obra dos lugares onde as almas passam por várias penas de purgação é de grande relevância para a relação de purificação das faltas cometidas com os discursos dos clérigos sobre a salvação e a singularidade topográfica do Purgatório.

CONTROLE SOCIAL: AS VESTIMENTAS NAS LEIS Suntuárias DA PENÍNSULA IBÉRICA NO SÉCULO XIV

Thaiana Gomes Vieira (Mestranda – UFJF)

O presente trabalho é elaborado sob a orientação da Professora Maria Claudia Bonadio, da Universidade Federal de Juiz de Fora. O mesmo refere-se à etapa inicial das reflexões da minha pesquisa individual, com a finalidade de redigir a dissertação do mestrado em Artes, Cultura e Linguagens na linha de pesquisa “Arte e Moda: História e Cultura”. O objetivo não é realizar uma simples descrição linear sobre a história da moda, mas pensar a moda como objeto representativo da história, pois se articula a diversos fenômenos sociais.

O período da Baixa Idade Média é bastante intenso e fecundo em normatividades e momento de surgimento do que consideramos moda. As vestimentas são, nesse momento, representações sociopolíticas e as leis suntuárias reconhecem e registram as diferentes condições dos habitantes da comunidade. Em muitos casos essas leis não tiveram êxito no objetivo de controlar o luxo desmedido. Entretanto, são de grande ajuda para compreender as relações sociais e os códigos de aparências do período.

Nessa comunicação vamos tratar da moda na Baixa Idade Média na Península Ibérica, a partir da análise das atas das cortes de Valladolid de 1351 e 1385. O propósito é pensar os grupos que foram alvos das normatizações sobre o vestuário.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE DEMONIZAÇÃO NA PENÍNSULA IBÉRICA DO SÉCULO XIII

Thalles Braga Rezende Lins da Silva (Mestre – UFRJ)

Apesar da bibliografia sobre o conceito de Diabo e seu papel na História da humanidade ser ampla, ainda permanece uma lacuna sobre o conceito de demonização, isto é, o ato de se associar pessoas, objetos, ideias, costumes e tradições com a figura de Satã. Pode-se perceber tal lacuna pela ausência de estudos sistematizados sobre a demonização, embora muitos trabalhos se dediquem a como ela incide sobre alguns grupos e práticas sociais em diferentes períodos históricos. Objetivando colaborar para preencher esta lacuna e tendo em vista meu projeto de doutorado sobre a temática, ainda em fase de elaboração, apresentarei as considerações preliminares da minha pesquisa. No entanto, para que esta comunicação não se limite somente aos questionamentos conceituais e sem referenciais temporais precisos, balizarei minhas análises utilizando as hagiografias *Milagros de Nuestra Señora*, de Gonzalo de Berceo, e *Liber Mariae*, de Juan Gil de Zamora, ambas produzidas na Península Ibérica durante o século XIII. Tal opção se justifica pela minha familiaridade com este profícuo *corpus* documental, com o qual trabalhei na minha dissertação de mestrado.

GIOTTO NA OBRA DE FRANCO SACCHETTI

Thatiane Piazza de Melo (Mestranda – UFF)

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre o papel dos pintores no cotidiano florentino no século XIV. A partir de duas novelas em que Giotto é citado como protagonista para identificar uma rede de relações e hierarquias do universo desses artistas. Trata-se de um contexto artístico efervescente nos inúmeros principados que formam a Península Itálica, que apesar de diversas particularidades, apresentam uma intensa produção literária denominada como “renascimentos”. Uma alusão às manifestações evidenciadas desde o século XII, em que artistas e literários trazem mudanças significativas em suas obras. Como a novela, uma produção da região da toscana que abarca uma peculiar estrutura, no caso a fonte utilizada é o conjunto de contos de um autor florentino: Franco Sacchetti, em *Il Trecentonovelle*, que seguindo o estilo da época narra com humor à sociedade. São contos que a partir da comédia demonstram os detalhes de um cotidiano cidadão de Florença, com seus diversos conflitos e personagens. Sendo assim, apresenta uma nova percepção desse contexto medieval por não abarcar as grandes obras de Giotto, pelo contrário, descreve situações cotidianas aos quais o mesmo poderia ter passado. Nota-se que esse trabalho não pretende comprovar a veracidade dos relatos, e sim constatar que tal narrativa está inserida nesse mundo medieval e que representa uma visão singular sobre o mesmo. Um mundo pouco compreendido que traz um lento movimento de autoria das obras por parte de artistas mais reconhecidos. Portanto essa fonte permite estudar os artistas a partir de uma tradição oral e compreender uma sociedade a partir de sua multiplicidade de relações. Nota-se um intenso quadro social que pode ser estudado, na tentativa de quebrar modelos do convívio social e das representações no espaço urbano.

A POESIA DO OLHAR MEDIEVAL

Thayane Gaspar Jorge (Graduanda – UERJ)

A lírica galego-portuguesa é conhecida pelas suas repetições tanto na forma quanto no conteúdo. Contudo, um elemento temático consideravelmente repetido como o “olhar”, explorado na Bíblia e em textos religiosos, parece querer mostrar algo a respeito da manifestação literária e seu contexto histórico. O presente trabalho busca analisar elementos nas cantigas que remetem ao olhar e à função dos olhos nas cantigas de amigo e nas de amor, considerando o contexto para que os olhos tenham se tornado um motivo na lírica medieval. A partir de elementos que tocam a visão em algum nível como as lágrimas, os sonhos, a luz, e o amor à primeira vista, as cantigas são reinterpretadas demonstrando como o homem medieval ora é vedado pela repressão da Igreja Católica, ora consegue trazer sua essência à tona através dos “olhos”. O motivo dos olhos é um tema bastante usado pelos poetas para falar de amor desde a Antiguidade, pelo fato de os olhos serem considerados responsáveis pelo nascimento amoroso. Na lírica galego-portuguesa, esse motivo é recorrente sendo encontrado em 179 cantigas de amigo e cantigas de amor. Esses olhos são evocados como os olhos que choram, os olhos que não dormem, os olhos iluminados pela visão da amada, e também como os olhos que carregam a coita pela ausência dela.

O SERMÃO COMO ELEMENTO DE CRISTIANIZAÇÃO DA PROVENÇA NO SÉCULO VI

Thiago Fernando Dias (Mestrando – UNESP)

O objetivo desta apresentação é expor algumas considerações, atualmente parciais, acerca dos escritos de Cesário, bispo que atuou por mais de trinta anos na cidade de Arles. Durante seu prelado, os povos germânicos ocuparam progressivamente o sul da Gália e começaram a se misturar à população galo-romana e a disputar o poder administrativo da região. A cidade, que no fim do século V e início do VI era disputada por visigodos, francos, borgonheses e ostrogodos, evidencia uma composição considerável das misturas dos aspectos dos grupos que por ali passaram e a edificação de um novo imaginário. O ponto de partida para análise desse momento na região da Provença serão os sermões do bispo arlesiano, sua principal produção que, no geral, procurava elaborar os preceitos de uma nova ortodoxia e, assim, cristianizar a população no sul da Gália. A ideia fundamental aqui é observar como esses escritos do bispo de Arles se organizaram e demonstram o processo de embate e fusão da religião/religiosidade e construção de um novo imaginário em um período conturbado da Primeira Idade Média. Desse modo, a apresentação tem a intenção de apreender e expor os mecanismos de cristianização e o combate às práticas religiosas consideradas pagãs por Cesário através de sua principal obra.

A ORDEM DOS PREGADORES E A CANONIZAÇÃO DE DOMINGO DE GUSMÃO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DE DOCUMENTOS PONTIFÍCIOS (1233-1234)

Thiago de Azevedo Porto (Doutorando – UFRJ)

A Ordem dos Pregadores está entre as instituições mendicantes oficializadas pelo papado na primeira metade do século XIII. No mesmo período histórico desenvolveu-se

um projeto papal de centralização das canonizações em Roma, através da normatização de procedimentos administrativos para abertura e continuidade de um processo de canonização. Estariam esses dois processos históricos relacionados? A pesquisa de doutorado que estamos desenvolvendo atualmente volta suas reflexões e análises para a causa de canonização de Domingo de Gusmão, com o intuito de investigar a participação de diferentes instituições nesse processo. Nesse sentido, a presente comunicação concentra esforços de análise em dois documentos pontifícios que integram o *corpus* documental da referida pesquisa: a bula *Fons Sapientiae* (redigida em 1234, oficializando a canonização de Domingo de Gusmão) e as Atas dos Testemunhos de Bolonha (elaboradas em 1233, como parte do processo de canonização iniciado no mesmo ano). O foco principal de análise nesse trabalho visa identificar a forma como a Ordem dos Pregadores é caracterizada nesses documentos.

COMO MARX PODE AJUDAR OS MEDIEVALISTAS?

Thiago Pereira da Silva Magela (Mestre – UFF)

Em meio a um quadro historiográfico – nacional e internacional – de extremo avanço do culturalismo e de teorias pós-modernas, convém elucidar, nesta comunicação, como o marxismo pode (e deve) ajudar os medievalistas na árdua tarefa de interpretação e ressignificação da Idade Média. Nos últimos eventos da Associação Brasileira de Estudos Medievais (ABREM), é notória a constatação de que a maioria dos trabalhos apresentados se dedicava, em algum nível, a uma espécie de história cultural – especialmente à Chartier– ou de história das mentalidades. Esta comunicação pretende, então, demonstrar que, longe de superadas, as contribuições de Karl Marx ainda podem ajudar os medievalistas em temas-chave à configuração histórica da Idade Média. Também pretendemos responder a um tipo de academicismo extremado que usa seus postos universitários para negar a validade do marxismo para o entendimento das sociedades medievais.

RELIGIÃO E SOCIEDADE NO REINO NORMANDO DA SICÍLIA

Valtair Afonso Miranda (Doutorando – UFRJ)

O Reino Normando da Sicília, constituído na região sul da Itália a partir do séc. XI, se desenvolveu num cenário de diferentes tradições sociais e culturais. Com uma população composta de latinos, lombardos, gregos, sarracenos e normandos, a sociedade era marcada pela diversidade cultural. Cada grupo tendia a preservar seus costumes, mesmo sob o controle normando. A cultura grega era mais forte que a latina em função da presença bizantina na península italiana. A influência islâmica era aguda na administração do governo. No século IX, sarracenos e bizantinos lutaram pelo controle da Sicília, com a vitória árabe em 902. Em termos religiosos, o cristianismo oriental grego poderia ser encontrado tanto nas igrejas quanto nos mosteiros da Sicília e Calábria. Neste sentido, esta comunicação pretende analisar as dinâmicas, relacionamentos e trocas religiosas, especialmente entre cristianismos ocidentais e orientais, judeus e muçulmanos.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O MODELO DE CLÉRIGO NA HAGIOGRAFIA MEDICANTE DE INÍCIOS DO SÉCULO XIII

Victor Mariano Camacho (Mestre – UFRJ)

Nesta comunicação vamos apresentar questões e discutir propostas de investigação sobre o modelo de clérigo representado nas hagiografias produzidas pelas duas principais ordens mendicantes surgidas em finais do século XII e inícios do século XIII, a dos Frades Pregadores e a dos Frades Menores. Nossa análise será centrada nas legendas que narram a vida de Domingos de Gusmão, fundador da ordem dominicana, e do frade menor Antônio de Lisboa/Pádua, elaboradas no âmbito destas instituições na primeira metade do século XIII. Os dois santos hagiografados foram sacerdotes, eram de origem ibérica, receberam educação formal, bem como formação teológica, ambos também foram canonizados pelo papa Gregório IX. Em nossa exposição, discutiremos primeiramente a questão da disciplina clerical almejada e promovida pelo papado durante a Idade Média Central, relacionando-a com a atividade pastoral dos religiosos mendicantes. Em seguida, apresentaremos o contexto de produção, além da autoria, bem como o público das legendas delimitadas.

A ICONOGRAFIA DO BEATO SIMÃO DE TRENTO E A DIFUSÃO DO CULTO AO MENINO MÁRTIR NO FINAL DO SÉCULO XV

Vinicius de Freitas Morais (Graduando – UFRJ)

Esta apresentação possui como tema, a difusão da devoção ao *Beatus Simonis*, que foi realizada por meio de gravuras, em várias cidades da península itálica e ao norte dos Alpes. Nenhum libelo de sangue foi tema de diversas gravuras, afrescos e esculturas como o que ocorreu em Trento em 1475. No domingo de Páscoa celebrado em 26 de março de 1475, após alguns dias de seu desaparecimento, o corpo do garoto conhecido como Simão Unferdorben foi encontrado na adega da casa do empregador Samuel, originário de uma proeminente família judia. Rapidamente a morte da criança foi atribuída à sua família que foi associada como culpada pelo libelo de sangue precedente à morte do menino.

Embora, o culto a Simão de Trento houvesse sido proibido inicialmente por meio de um edito em 10 de outubro de 1475 feito pelo papa Sisto IV, as imagens e os textos escritos relacionados ao assassinato do novo menino mártir não pararam de circular tanto ao sul como ao norte dos Alpes. Após três anos, o bispo de Roma volta atrás em sua decisão e valida o tribunal contra a comunidade judaica em Trento; a devoção ao menino mártir, desta forma, deixa de ser proibida em 1478. Neste sentido, pretende-se elucidar como as gravuras que serão analisadas neste trabalho foram o fator principal para a rápida propagação do culto ao menino mártir, já no final do século XV.

OS FRANCISCANOS NA ETIÓPIA E A OBRA VERDADEIRA INFORMAÇÃO DAS TERRAS DO PRESTE JOÃO

Vitor Borges da Cunha (Graduando – UFRGS)

Neste trabalho, que tem um caráter introdutório, tentarei abordar o contato entre os etíopes e os europeus, mais especificamente os franciscanos portugueses. No caso, o franciscano cuja obra será mais aprofundada é Francisco Alvares, que viveu entre 1490-

1540, e que a mando do Rei Manuel I integrou uma embaixada enviada à Etiópia território localizado no Chifre da África, costa leste do continente africano, em 1520. Após essa viagem, Francisco escreveu um livro, chamado *Ho Preste Ioam das Indias: verdadera informaçam das terras do Preste Ioam*, publicado em 1540 e que teve uma rápida difusão pela Europa, demonstrando o interesse que despertou na comunidade europeia e a falta de informações que se tinha sobre o reino cristão da África. Esta obra, muito bem elaborada, trabalha elementos culturais, sociais e geográficos da Etiópia, bem como aborda detalhes sobre o cristianismo etíope, diferente do europeu.

Considerando o interesse que a Europa tinha por tal região, seja para expansão da fé cristã romana, seja para conseguir um posto facilitador para comércios com as regiões asiáticas ou para enfrentar os muçulmanos, as contribuições de Francisco são notáveis.

UM OLHAR *QUEER* SOBRE A PRIMEIRA IDADE MÉDIA: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DO DISPOSITIVO DE SEXUALIDADE AGOSTINIANO EM PERSPECTIVA FOUCAULTIANA

Wendell dos Reis Veloso (Doutorando – UFRRJ)

Este trabalho é parte da pesquisa de tese de doutorado com a qual pretendemos demonstrar que o processo histórico de conformação identitária cristã proposta por Aurélio Agostinho (354-430), bispo católico da cidade de Hipona (norte da África), nos séculos IV e V, realiza-se a partir de um projeto de poder sistematizador e propagador de uma cultura de regramento das sexualidades e da instituição de uma sexualidade (no singular!), aos diversos agentes sociais do período. O termo sexualidades faz referência aqui não apenas ao ato sexual, mas também aos desejos e às fantasias associadas ao sexo. Logo, intentamos estudar a maneira como o sexo, para além do coito, era percebido e como esta percepção incidiu em concepções de normalidade e de desvio. Tais apontamentos ligam-se ao campo teórico denominado teoria *queer*. Esta, possui como uma de suas principais características a intencionalidade de pôr em xeque os dualismos com os quais as sexualidades tem sido observadas - tais como natural e contra a natureza nos discursos do século IV e V - para abarcar toda a experiência vivida pelos diferentes seres humanos. Para alcançarmos nosso objetivo, também nos apoiamos nas reflexões de Michel Foucault e propomos analisar os discursos do bispo hiponense - *Confessiones* (c. 397) e *De Bono Coniugali* (c. 401) - identificando as relações de poder que se articulam no que o pensador denomina de *dispositivo de sexualidade*, o qual engendra o que vai se colocar como sexualidade, incluindo aí as práticas e os desejos, e faz referência ao sexo-história, ao sexo-significação e ao sexo-discurso, muito mais do que o sexo-natureza.

AUTORES E TRABALHOS

1. Adriele Jesus da Costa (UFF) - AS INOVAÇÕES DE FRANCISCO DE ASSIS E DO MOVIMENTO FRANCISCANO NO INÍCIO DO SÉCULO XIII
2. Alex da Silveira de Oliveira (UFRJ) - A QUESTÃO DA PROPRIEDADE NOS MOSTEIROS SOB A PERSPECTIVA DA *REGULA ISIDORI* E DA *REGULA MONACHORUM*
3. Almir Marques de Souza Junior (UFF) - IDEOLOGIA E PODER RÉGIO EM CASTELA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIII: A “ELEVAÇÃO” DE FERNANDO III NO MERCADO DE VALLADOLIDE (1217)
4. Ana Clara Marques Lins (UFRJ) - REFLEXÕES SOBRE OS PROCESSOS DE CANONIZAÇÃO ABERTOS NO SÉCULO XIII EM PERSPECTIVA COMPARADA
5. Ana Luiza Magalhães Poyares (UERJ) - AS DIFERENTES BELEZAS FEMININAS NO MEDIEVO
6. Ana Luiza Mendes (UFPR) - A RETÓRICA TROVADORESCA PORTUGUESA E A AFIRMAÇÃO DE UMA IDENTIDADE
7. Ana Paula Lopes Pereira (UFRJ) - OS SONHOS, AS APARIÇÕES *POST MORTEM* E A EFICÁCIA DA ORAÇÃO DOS SANTOS SEGUNDO O *DE ANIMA* DE AELRED DE RIEVAULX (1167) EM COMPARAÇÃO COM OS EXEMPLA NARRADOS NA *VITA* DE MARIAD’OIGNIES (1213)
8. André Rocha de Oliveira (UFRJ) - REFLEXÕES SOBRE A CARACTERIZAÇÃO DA DINASTIA STAUFEN NA *VITA DE SÃO PELÁGIO* DA *LEGENDA ÁUREA*
9. Andréa Reis Ferreira Torres (UFRJ) - O ASPECTO FEMININO DO ESPÍRITO SANTO E A DEVOÇÃO A GUGLIELMA DE MILÃO
10. Andréia Rosin Caprino (UFPR) - CONSTANTINO E O PODER IMPERIAL NA HISTÓRIA ECLESIASTICA DE EUSÉBIO DE CESAREIA – SÉCULO IV
11. Anna Carla Monteiro de Castro (UFF) - AS CIDADES MEDIEVAIS NA OBRA DE BENJAMIN DE TUDELA
12. Barbara Vieira dos Santos (UFRJ) - CONSIDERAÇÕES SOBRE O BISPO NA *VITA SADALBERGAE* (SÉC. VII)
13. Beatriz Cerqueira de Castro (UFRJ) - QUANDO AS RAINHAS PEGAM EM ARMAS: UMA COMPARAÇÃO ENTRE BOUDICCA E FLORINE DE BORGONHA

14. Beatriz Pinheiro da Silva Barroso (UFRJ) - SOBRE A GRAÇA E O LIVRE-ARBÍTRIO NAS FONTES AGOSTINIANAS “*DE LIBERO ARBITRIO*” (395) E “*DE GRATIA ET LIBERO ARBITRIO*” (430): APRESENTAÇÃO DA PESQUISA
15. Bruno Uchoa Borgongino (UFRJ) - O CORPO NAS REGRAS MONÁSTICAS OCIDENTAIS DA PRIMEIRA IDADE MÉDIA
16. Camila Dominice Vilar do (UNESA) - O ISLÃ NA PENÍNSULA IBÉRICA: AS RELAÇÕES DE PODER E A HISTORIOGRAFIA SOBRE A “CONQUISTA” DO REINO VISIGODO EM 711
17. Carlos Roberto Coelho Filho (UFF) - OS RITUAIS FÚNEBRES MEDIEVAIS: A MORTE DOMADA E A MORTE DE SI MESMO
18. Carolina Gomes de Jesus (UEG) - AS ENFERMIDADES FEMININAS NO *LILIO DA MEDICINA* DE BERNARDO DE GORDÔNIO (MONTPELLIER – SÉCULO XIV)
19. Carolina Niedermeier Barreiro (UFRGS) - ‘HOW COULD A WOMAN OCCUPY ONE OR TWO HOURS WITH THE LOVE OF OUR LORD?’: RELIGIOSIDADES FEMININAS EM MARGUERITE PORÈTE E MARGERY KEMP
20. Celia Daniele Moreira de Souza (UFRJ) - A MULHER DIABÓLICA EM “O JARDIM PERFUMADO” DO XEIQUE AL-NAFZĀWĪ (SÉC. XV)
21. Cinthia M. M. Rocha (UFF) - A MORTE DO NOBRE EM CASTELA NA BAIXA IDADE MÉDIA
22. Cíntia Jalles de Carvalho de Araujo Costa (MAST/MCTI/UFRJ) - *DE NATURA RERUM* E OS PAINÉIS RUPESTRES DAS POPULAÇÕES ÁGRAFAS BRASILEIRAS: UMA ANÁLISE COMPARADA DAS REPRESENTAÇÕES ASTRONÔMICAS
23. Clarissa Mattana (UFRJ) - OS EXEMPLOS NEGATIVOS E O MODELO DE VIDA CRISTÃ NA *VITA SANCTAE BRIGITAE* (SÉCULO VII)
24. Daniele Cristina Liberato de Oliveira (UERJ) - A INFLUÊNCIA ESTÉTICA DA ARTE ANTIGA E A IMPORTÂNCIA DO RETRATO PARA O CULTO PRIVADO DA ARTE CRISTÃ: A “SOBREVIVÊNCIA” DE UM MODELO ICONOGRÁFICO
25. Danielle de Oliveira dos Santos-Silva (UFRRJ) - ORIGEM FAMILIAR E PODER DA RAINHA NA CORTE PORTUGUESA MEDIEVAL (SÉCULOS XII – XV)
26. Danielle Mendes da Costa (UERJ) - O PROBLEMA DO CONHECIMENTO HUMANO NO PROCESSO DE ANIQUILAÇÃO: UMA ANÁLISE DO *LE MIROIR DES SIMPLES ÂMES ANÉANTIES* DE MARGUERITE PORETE (1250-1310)
27. Debora Santos Martins (UFF) - ENTRE O IMAGINÁRIO E O VIVIDO – AS REPRESENTAÇÕES DOS PADEIROS NA CATEDRAL DE CHARTRES (FRANÇA – SÉCULO XIII)

28. Diogo Kubrusly de Freitas (UVA) - SIR JOHN RONALD REUEL TOLKIEN E AS FONTES MEDIEVAIS EM THE HOBBIT (2006)
29. Diogo Rodrigues dos Santos (Centro de Ensino Norberto de Sá) - REFLEXÕES SOBRE O LUGAR SOCIAL DE MARTINHO DE BRAGA NA GALÍCIA, SEGUNDA METADE DO SÉCULO VI
30. Diomedes de Oliveira Neto (UFRJ) - ARQUITETURA GÓTICA NA OBRA DE AUGUSTUS PUGIN: INTERPRETAÇÕES DO PASSADO MEDIEVAL NA INGLATERRA DOS SÉCULOS XVIII E XIX
31. Dionathas Moreno Boenavides (UFRGS) - A TEMÁTICA MARTIROLÓGICA NO SÉCULO XIII: REMINISCÊNCIA DO PASSADO OU ASSUNTO PRESENTE?
32. Douglas Esteves Moutinho (UFRJ) - AS DIVERSAS ACEPTÕES DO GUERREIRO NÓRDICO: POR UM PARALELO ENTRE HISTÓRIA, SAGAS ISLANDESAS E LITERATURA FANTÁSTICA
33. Eduardo Cardoso Daflon (UFF) - PALÁCIO, CONCÍLIOS E OS *POPULI CONVENTU*: UMA PROPOSTA PARA CONFIGURAR O ESTADO VISIGODO (SÉCULOS VI-VIII)
34. Elisabete Martiniano dos Santos Paiva (UFF) - A IGREJA E AS CRUZADAS: UM DEBATE HISTORIOGRÁFICO
35. Felipe Lima da Silva (UERJ) - TRANSLITERAÇÕES TEOLÓGICAS DA *IMITATIO O SANCTORUM*: ANTÔNIO VIEIRA E UMA HAGIOGRAFIA DE SANTO AGOSTINHO
36. Fernanda Aparecida de Carvalho Barreto (UFRJ) - A REPRESENTAÇÃO DA GUERRA MEDIEVAL NAS CRÔNICAS DE GELO E FOGO
37. Flavia Vianna do Nascimento (UFF) - SANTAS OU MERETRIZES? MULHERES E RELIGIÃO EM *DECAMERÃO*, DE GIOVANNI BOCCACCIO
38. Flora Gusmão Martins (UFRJ) - CONSIDERAÇÕES INICIAIS ACERCA DO *PASIONARIO HISPÁNICO*: AS PAIXÕES DOS SANTOS MÁRTIRES DOS SÉCULOS VI E VII
39. Francisco de Souza Gonçalves (UERJ); Bárbara Cecília Kreischer (PUC-RJ) - A TÁVOLA REDONDA E SUA *PEREGRINATIO* NOS REINOS DA LUSOFONIA
40. Gabriel Braz de Oliveira (UFRJ) - REFLEXÕES SOBRE A SOCIEDADE ASSISENSE A PARTIR DE UMA LEITURA DO PROCESSO DE CANONIZAÇÃO DE CLARA DE ASSIS
41. Gabrielly Soares Santos (UFRJ); Icaro Rossignoli (UFRJ) - O TEMA DO CORAÇÃO DEVORADO NO *DECAMERON*
42. Guilherme Antunes Junior (UFRJ) - VENCER A MORTE PARA MANTER A LINHAGEM: MATERNIDADE, PATERNIDADE E RELAÇÕES DE PODER NAS *CANTIGAS DE SANTA MARIA*.

43. Guilherme Marinho Nunes (UFRJ) - O DISCURSO ECLESIASTICO ACERCA DA INALIENABILIDADE PATRIMONIAL NAS ATAS CONCILIARES VISIGÓTICAS
44. Gustavo da Silva Gonçalves (UFRGS) - ANTÔNIO *POST MORTEM*: TEMPO DE SANTIDADE NAS CONTENDAS DO DUECENTO ITALIANO (1230-1263)
45. Henrique de Melo Kort Kamp (UFF) - OS LEIGOS NA LEGENDA ÁUREA: UM ESTUDO DAS VIDAS DE FRANCISCO, DOMINGOS E PEDRO MÁRTIR
46. Hiram Alem (UFRJ) - A BATALHA DE FLODDEN (1513) - UMA BREVE ANÁLISE
47. Igor Salomão Teixeira (UFRGS) - A LEGENDA AUREA: NOVOS TEMAS, NOVOS PROBLEMAS?
48. Isabela de Albuquerque Rosado do Nascimento (UFRJ) - O GRANDE E O DESPREPARADO: UMA ANÁLISE COMPARATIVO DOS REINADOS DE ALFRED (871-899) E ÆTHELRED II (978-1016)
49. Ismael Wesley de Souza Tinoco (UFRJ) - OS ESTIGMAS SOBRE A LEPRA OS LEPROSOS NA HISTÓRIA MEDIEVAL
50. Izabela Morgado da Silva (UFRJ) - AS RELAÇÕES DE PODER NA *VITA COLUMBANI* E *VITA SANCTI AEMILIANI*: UMA ANÁLISE COMPARADA
51. Jaqueline de Calazans (UFRJ) - ASPECTOS DA CONSTRUÇÃO DO CAMPO RELIGIOSO NO SÉCULO IV E V: AS REFERÊNCIAS AO PRISCILIANISMO NA *CRÔNICA* DE SÚLPÍCIO SEVERO
52. Jefferson Eduardo dos Santos Machado (UFRJ) - FREI ROBERTO CARACCILO, ROBERTO DE LECCE, E SUA OBRA *SERMONES QUADRAGESIMALES DE POENITENTIA*
53. João Batista da Silva Porto Junior (UERJ) - “ECOS DO PASSADO”: O *MEDIEVALISMO* NA ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA
54. João Davi Avelar Pires (UFPR) - MISOGINIA MEDIEVAL: A CONSTRUÇÃO DA JUSTIFICAÇÃO DA SUBSERVIÊNCIA FEMININA A PARTIR DE EVA E DO PECADO ORIGINAL
55. João Guilherme Lisbôa Rangel (UFRRJ) - A IDADE MÉDIA ENCONTRA BOURDIEU: PENSANDO TEORICAMENTE A PRESENÇA DO MARTÍRIO E DA HERESIA NA LEGENDA ÁUREA.
56. João Paulo Charrone (UFF) - UMA VISÃO GRAMSCIANA DAS INTERVENÇÕES MISSIONÁRIAS DE GREGÓRIO I (590-604) NA GÁLIA

57. Jonathas Ribeiro dos Santos Campos de Oliveira (UFRJ) - HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA: DEBATES E REFLEXÕES ACERCA DA DATAÇÃO DA *VITA SANCTI THEOTONII*
58. Josena Nascimento Lima Ribeiro (UNIRIO) - *COMO QUEM JOGUETA PER COMPARAÇOM*: CONCEPÇÕES DE TEMPO NA ESCRITA LOPESIANA (SÉCULO XV)
59. Juliana Prata da Costa (UFRJ) - AS PRÁTICAS ASCÉTICAS NO DISCURSO HAGIOGRÁFICO MEROVÍNGIO: REFLEXÕES SOBRE A VIDA DE RADEGUNDA
60. Juliana Salgado Raffaeli (UFRJ) - CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O "MONACATO EM MOVIMENTO" NOS REINOS FRANCO E VISIGODO DO SÉCULO VII: PEREGRINAÇÃO E EREMITISMO
61. Karina Nunes Pereira (UFRJ) - ARQUEARIA E CAVALARIA EM "A VIDA DO REI HENRIQUE V", DE SHAKESPEARE
62. Laís Luz de Carvalho (UFRJ) - O TEMA DO ALÉM NA LEGENDA ÁUREA
63. Larissa Lacé Sousa (UEG) - A SAÚDE INFANTIL NA IDADE MÉDIA: O *TRATADO DAS CRIANÇAS* DE BERNARDO DE GORDÔNIO (SÉCULO XIV)
64. Leandro Cordeiro de Souza (UERJ) - "COM UM REI NA BARRIGA": O DISCURSO LEGITIMATÓRIO SOBRE NASCIMENTO EM JOÃO DAS REGRAS NA CRÔNICA DE D. JOÃO I
65. Leticia Souza da Costa (UNESA) - A REPRESENTAÇÃO DA SEXUALIDADE E DO FEMININO NA LITERATURA MEDIEVAL: UM ESTUDO ACERCA DA QUESTÃO DE GÊNERO E DOS PAPEIS SEXUAIS NA IDADE MÉDIA
66. Luan Ribeiro de Araujo (UFRJ) - NORMATIZAÇÃO E MARGINALIDADE NAS ATAS BRACARENSES: A BUSCA PELA ORTODOXIA CRISTÃ NA GALIZA NO SÉCULO VI
67. Luander do Valle Barros (UFRJ) - A EXPANSÃO DE CLÓVIS À AQUITÂNIA VISIGÓTICA: UMA LEITURA DAS DISTINTAS ORIENTAÇÕES CRISTOLÓGICAS
68. Lucas Cunha Nunes (UFRGS) - PREGADOR E ESTUDIOSO? ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO HAGIOGRÁFICA DE SÃO DOMINGOS DE GUSMÃO
69. Lucas Martiniano Pereira (UERJ) - *DEVŞIRME*: O PROCESSO DE RECRUTAMENTO DE JOVENS CRISTÃOS SOB O DOMÍNIO DO IMPÉRIO OTOMANO NA EUROPA, SÉCULO XV
70. Lucas Moreira Calvo (UFRJ) - OS CONCÍLIOS ECLESIÁSTICOS E A NORMATIZAÇÃO DA VIDA CRISTÃ NO SÉCULO V: PRIMEIROS APONTAMENTOS SOBRE AS PRESCRIÇÕES COMPORTAMENTAIS NOS CÂNONES DO CONCÍLIO DE CALCEDÔNIA

71. Lucas Werlang Girardi (USP) - CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS PRODUÇÕES DO “LIBRO DEL PASSO HONROSO” DE PERO RODRÍGUEZ DE LENA (LEÃO E CASTELA, SÉCULO XV)
72. Luísa Tollendal Prudente (UFF) - PARENTESCO E INCESTO NAS LEIS MATRIMONIAIS DA *IV PARTIDA* DE AFONSO X (1252 – 1284)
73. Luiz José da Silva (UERJ) - PORTUCALE E AS INFLUÊNCIAS DA IGREJA: UM NOVO REINO
74. Luiz Paulo Labrego de Matos (UERJ) - A HOMOSSEXUALIDADE ESCARNECIDA: A SODOMIA NAS CANTIGAS MEDIEVAIS GALEGO-PORTUGUESAS
75. Marcella Lopes Guimarães (UFPR) - NOTÍCIAS IBÉRICAS NO *LIVRO III* DE JEAN FROISSART (1337-1405): NOTAS SOBRE A CIRCULAÇÃO DA INFORMAÇÃO NA BAIXA IDADE MÉDIA
76. Marcelo Roberto da Silva (UFRJ) - CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE A CARACTERIZAÇÃO DA GUERRA NA CRÔNICA DE JOÃO DE BÍCARO
77. Marcio Felipe Almeida (UFF) - O EMPREGO DAS FORTIFICAÇÕES CASTELHANAS NA GUERRA DE FRONTEIRA
78. Maria Dailza da Conceição Fagundes (UEG) - O GALENISMO ÁRABE-MEDIEVAL E A CONCEPÇÃO DE SAÚDE NOS ESCRITOS MÉDICOS DE ARNALDO DE VILANOVA (SÉCULOS XIII-XIV)
79. Maria Izabel Escano Duarte de Souza (UFRJ) - ORAÇÕES PINTADAS – PRÁTICAS DEVOCIONAIS E FUNÇÕES DAS ILUMINURAS DE LIVROS DE HORAS
80. Maria Júlia Dutra Rabelo (UFRJ) - FORMAS DE APROPRIAÇÃO E PENETRAÇÃO DO PAGANISMO: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES
81. Mariane Godoy da Costa Leal Ferreira (UFRJ) - A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA RAINHA TERESA NA HAGIOGRAFIA DE SÃO TEOTÔNIO
82. Marta Bezerra de Almeida (UERJ) - ALMORÁVIDAS, OS VELADOS E A CONQUISTA DE AL-ANDALUS
83. Maurício Alves Carrara (UFF) - A *INTENTIO* DE FREI FRANCISCO E A AFIRMAÇÃO INTERNA DOS FRADES MENORES PELA PENA DE BOAVENTURA DE BAGNOREGIO
84. Mauricio Ribeiro Damaceno (UEG) - SAÚDE E TERAPÊUTICA: ANÁLISE DA OBRA *A CIRURGIA* DE HENRY DE MONDEVILLE (SÉCULO XIV)
85. Michely Alves de Lima Silva (UEG) - CHRISTINE DE PISAN E AS BATALHAS MEDIEVAIS: UM ESTUDO SOBRE OS CERCOS E DEFESAS DA CIDADE (SÉCULO XV)

86. Miriam Cabral Coser (UNIRIO) - TERRAS E JUSTIÇA: A ABRANGÊNCIA DA ATUAÇÃO DAS RAINHAS PORTUGUESAS NA BAIXA IDADE MÉDIA
87. Mirja Myrcea Dennisse Churquina Corro (UEG) - ENTRE A LEGALIDADE MATRIMONIAL E A AFIRMAÇÃO DO PODER: O PAPEL POLÍTICO DA RAINHA MARIA DE MOLINA DE CASTELA (SÉCULOS XIII – XIV)
88. Nabio Vanutt da Silva (UEG) - ARNALDO DE VILANOVA E A PROPOSTA DE REFORMA DA IGREJA NO *SUPER FACTO ADVENTUS ANTECHRISTI – CONFISSIÓ* DE BARCELONA (1305)
89. Nathalia Agostinho Xavier (UFRJ) - RELAÇÕES DE PODER E DEMARCAÇÃO DE ESPAÇOS CRISTÃOS: UM ESTUDO ACERCA DA CONVERSÃO DO REINO KENT (SÉCULOS VI-VII)
90. Nathália Cardoso Rachid de Lacerda (UFRJ) - A PESTE DA PRIMEIRA IDADE MÉDIA: VISÕES E DISCURSOS EM FONTES DOS REINOS VISIGODO E FRANCO
91. Nathália Serenado da Silva (UFRJ) - UMA ABORDAGEM INICIAL DO EMPENHO DO EPISCOPADO GALEGO ACERCA DO BATISMO
92. Neila Matias de Souza (UFF) - RELAÇÕES FAMILIARES E DE PODER NA ARISTOCRACIA MEDIEVAL PORTUGUESA
93. Nina Barbieri Pacheco (UERJ) - UMA NOVA PERCEPÇÃO DO HOMEM PELO AMOR: AS NOVELAS DE CAVALARIA
94. Patrícia Marques de Souza (UFRJ) - O OFÍCIO DOS MORTOS: RITOS E ICONOGRAFIAS EM LIVROS DE HORAS (SÉCULO XV)
95. Paula de Souza Valle Justen (UFF) - A CONSTRUÇÃO HISTORIOGRÁFICA DA IMAGEM DO REI SÁBIO
96. Paulo Duarte Silva (UFRJ) - *SUSCIPIAMUS IN PECTORIBUS NOSTRIS PARVULUM DOMINUM*: OS SERMÕES NATALINOS DE CESÁRIO DE ARLES (502-542)
97. Renan Costa da Silva (UFRJ) - CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS HISTORIOGRÁFICOS SOBRE A *VITA DESIDERII*
98. Renan Perozini Gomes Barrozo (UERJ) - A REPRESENTAÇÃO DO OUTRO NA *CHANSON DE ROLAND*
99. Renata Rodrigues Vereza (UFF) - ESPAÇO, PODER E PROPRIEDADE: A MONARQUIA CASTELHANA BAIXO MEDIEVAL E OS GRUPOS BENEFICIÁRIOS DAS DOAÇÕES REAIS
100. Rone Carlos Bernardo Soares (UEG) - A ALBEITERÍA E A SAÚDE DOS ANIMAIS EQUESTRES NO MEDIEVO (SÉCULO XIV)

101. Rosiane Graça Rigas Martins (UFRJ) - AS SANÇÕES PREVISTAS NO *FUERO JUZGO* PARA OS CASOS DE ABORTO PROVOCADO
102. Samuel Tolentino da Silva (UEG) - AS PAIXÕES DA ALMA E A MELANCOLIA NO REGIMENTO DE SAÚDE DO FÍSICO MAIMÔNIDES (SÉCULO XII)
103. Solange Pereira Oliveira (UFF) - DA ESTRUTURA DO PURGATÓRIO AOS LUGARES DE PURGAÇÃO DOS PECADOS NA OBRA *VISÃO DE TÚNDALO*.
104. Thaiana Gomes Vieira (UFJF) - CONTROLE SOCIAL: AS VESTIMENTAS NAS LEIS SUNTUÁRIAS DA PENÍNSULA IBÉRICA NO SÉCULO XIV
105. Thalles Braga Rezende Lins da Silva (UFRJ) - CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE DEMONIZAÇÃO NA PENÍNSULA IBÉRICA DO SÉCULO XIII
106. Thatiane Piazza de Melo (UFF) - GIOTTO NA OBRA DE FRANCO SACCHETTI
107. Thayane Gaspar Jorge (UERJ) - A POESIA DO OLHAR MEDIEVAL
108. Thiago de Azevedo Porto (UFRJ) - A ORDEM DOS PREGADORES E A CANONIZAÇÃO DE DOMINGO DE GUSMÃO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DE DOCUMENTOS PONTIFÍCIOS (1233-1234)
109. Thiago Fernando Dias (UNESP) - O SERMÃO COMO ELEMENTO DE CRISTIANIZAÇÃO DA PROVENÇA NO SÉCULO VI
110. Thiago Pereira da Silva Magela (UFF) - COMO MARX PODE AJUDAR OS MEDIEVALISTAS?
111. Valtair Afonso Miranda (UFRJ) - RELIGIÃO E SOCIEDADE NO REINO NORMANDO DA SICÍLIA
112. Victor Mariano Camacho (UFRJ) - CONSIDERAÇÕES SOBRE O MODELO DE CLÉRIGO NA HAGIOGRAFIA MEDICANTE DE INÍCIOS DO SÉCULO XIII
113. Vinicius de Freitas Morais (UFRJ) - A ICONOGRAFIA DO BEATO SIMÃO DE TRENTO E A DIFUSÃO DO CULTO AO MENINO MÁRTIR NO FINAL DO SÉCULO XV
114. Vitor Borges da Cunha (UFRGS) - OS FRANCISCANOS NA ETIÓPIA E A OBRA VERDADEIRA INFORMAÇÃO DAS TERRAS DO PRESTE JOÃO
115. Wendell dos Reis Veloso (UFRRJ) - UM OLHAR *QUEER* SOBRE A PRIMEIRA IDADE MÉDIA: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DO DISPOSITIVO DE SEXUALIDADE AGOSTINIANO EM PERSPECTIVA FOUCAULTIANA

DEMAIS PARTICIPANTES:

Álvaro Alfredo Bragança Jr. (UFRJ)
Armando Pinto Antunes (UERJ)
Edmar Checon de Freitas (UFF)
Eduardo Daflon (UFF)
Fábio Frizzio (UFF)
Gabriel Castanho (UFRJ)
Gabriel Melo (UFF)
Gracilda Alves (UFRJ)
Henrique Marques Samyn (UERJ)
Igor Salomão Teixeira (UFRGS)
Jaqueline de Calazans (UFRJ)
João Cerineu Leite de Carvalho (UNESA)
Jose Knust (UFF)
Leandro Mendes (Música Antiga da UFF)
Lenora Pinto Mendes (Música Antiga da UFF)
Marcella Lopes Guimarães (UFPR)
Márcio Paes Selles (Música Antiga da UFF)
Mário Jorge da Motta Bastos (UFF)
Mario Orlando (Música Antiga da UFF)
Marta de Carvalho Silveira (UERJ)
Miriam Cabral Coser (UNIRIO)
Neila Matias de Souza (UFF)
Paulo Pachá (UFF)
Renata Rodrigues Vereza (UFF)
Renata Rozental Sancovsky (UFRRJ)
Rodrigo Ballesteiro Pereira Tomaz (UFRJ)
Rodrigo dos Santos Rainha (UERJ - UNESA)
Sônia Leal Wegenast (Música Antiga da UFF - convidada)
Vinicius Cesar Dreger de Araujo (Centro Universitário Anhanguera)
Virgínia Van der Linden (Música Antiga da UFF)